

# ATHENAS

Revista do Maranhão Para o Brasil

# ATHENAS

Revista do Maranhão Para o Brasil

28

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

III

JUNHO — 1941

NUM. 29



FOQUEIRAS, CREPITANTES, LUZEM LUZILUZENTES FÓGOS DE VISTA, BA-  
JEIMAM NO ALTO, ESTRELAS FAISCAM NÔ CÉO, A TERRA ESTÁ CHEIA D  
S CANTARES, DE RUÍDOS DE DANÇAS E DE RITIMOS DA RAÇA: S. JOÃO DO  
MINA PLENAMENTE A ALMA DO NOSSO POVO

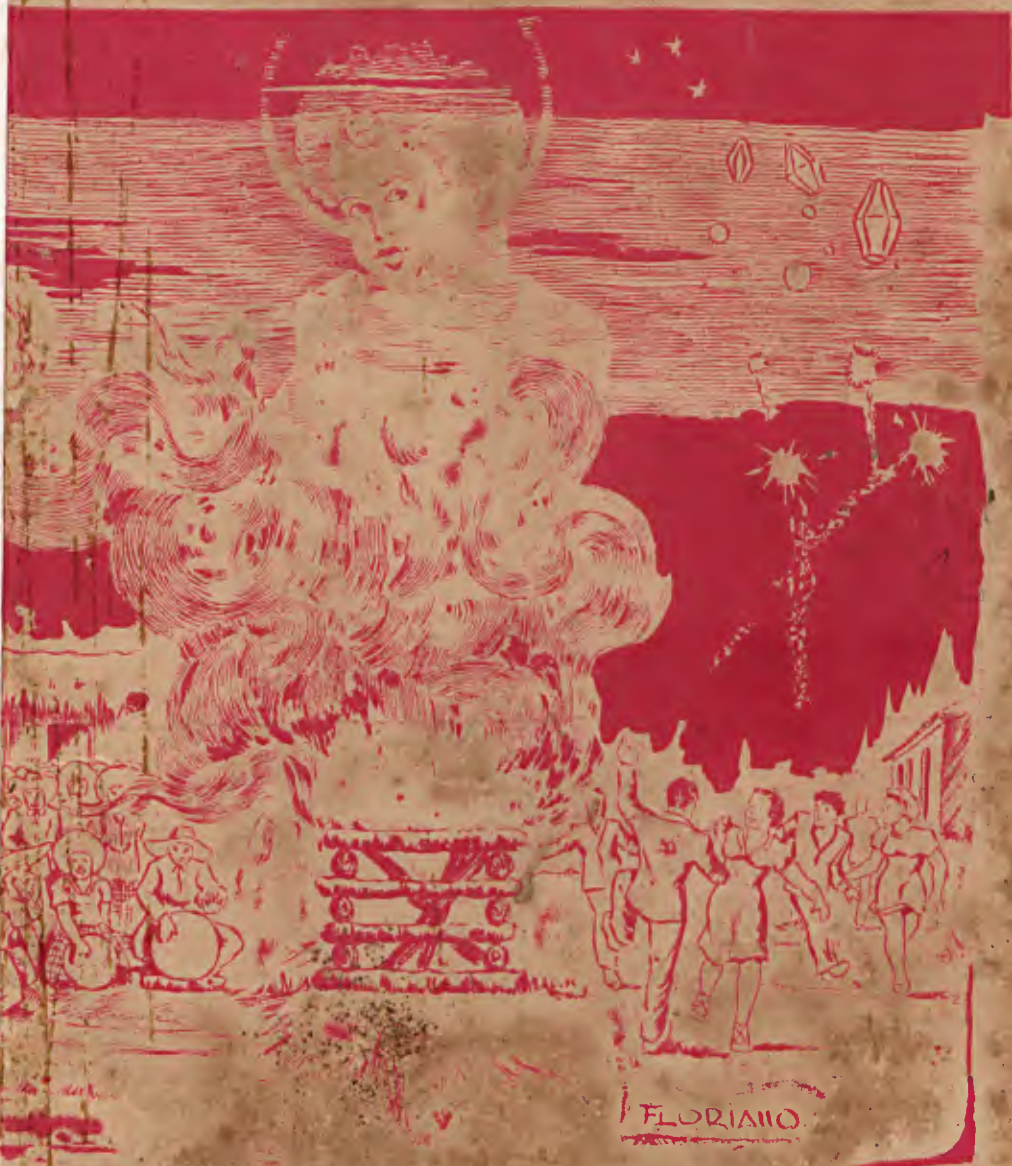


265

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

III JUNHO — 1941 NUM. 29



FOGUEIRAS, CREPITANTES, LUZEM LUZILUZENTES FÓGOS DE VISTA, BA-  
JEIMAM NO ALTO, ESTRELAS FAISCAM NO CÉO, A TERRA ESTÁ CHEIA D  
S CANTARES, DE RUÍDOS DE DANÇAS E DE RITIMOS DA RAÇA: S. JOÃO DO  
MINA PLENAMENTE A ALMA DO NOSSO POVO



# O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British-News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

BIBLIOT ECA PUBL

DUAGAO 2025

4.00 Juros

MAPA

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE  
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-  
MENTO, etc., procure **FOTO-GRADOR**



**O IMPARCIAL**  
de **Athenas**  
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO

— RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) — FONE, 1501

## Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O CHAVE

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empresa  
**IMPARCIAL**

RUA NINA RODRIGUES, 176

NÚMERO AVULSO

Na Capital . . . . . 3\$00

Por via postal . . . . . 3\$00

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes . . . . . 18\$00

Por 1 anno . . . . . 36\$00

# O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British-News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

BIBLIOT ECA PUBLICA

DUACAO 202

4 de Junho 1954

MAPA

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE  
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-  
MENTO, etc., procure **FOTO-GRADOR**  
**O IMPARCIAL**  
e de **Athenas**  
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO  
— RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) — FONE, 1501



## Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empresa  
**IMPARCIAL**

RUA NINA RODRIGUES, 176

NÚMERO AVULSO

Na Capital . . . . . 3\$00

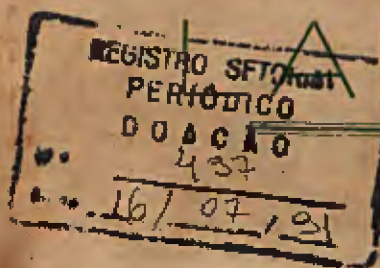
Por via postal . . . . . 3\$00

ASSIGNATURAS

Por 6 mezes . . . . . 18\$00

Por 1 anno . . . . . 36\$00





## LADRÕES!

VALERIO SANTIAGO

O coronel Inácio de Sousa Carvalho, conheci-o aqui, em S. Luís, ao tempo de minha juventude. Estava a bater às portas dos sessenta anos.

De elevada estatura, cheio de corpo, de espáduas largas, musculoso, cabelos negros, crespos e abundantes que começavam a grisalhar. A pele branca levemente vermelha no rosto cheio, mas de linhas bem acentuadas, olhos pardos e meditativos.

A barba cerrada, com alguns cabelos negros. O bigode farto, também negro, bem tratado, de pontas levemente quebradas para baixo. Mãos pequenas e bem feitas, através de cuja pele se viam algumas veias azues.

Trajava sempre fraque preto, colete branco e calça de lista. Botinas de pelica preta. Trazia sempre um guarda-chuva de cabo de giro, coberto de seda portuguesa, de um pardo desmaiado.

Seu andar era lento. De mãos cruzadas nas costas, e numa delas o guarda-chuva que se alongava entre as espáduas. A sua figura era simpática e insinuante. Distingua-se de longe, a desarticular-se nobremente. A quem tinha boa vista não escapava o pince-nez de aço de ouro, preso a um cordão também de ouro, muito delicado que passava por detrás do pescoço e conservava o pince-nez, quando pendurado á altura do peito.

Conheci-o, pessoalmente, uma noite, na sua residência, um casarão de estilo barroco, muito bem tratado. Ali fora com alguns colegas pedir-lhe uma assinatura para um periodico, literário que jámos publicar.

O coronel recebeu-nos numa luxuosa sala de visita, onde admiramos uma mobília antiga e rica de entalhamentos que muito deviam á genuína arte portuguesa.

O coronel envergava um fato de brim branco, bem feito, gravata branca de tira estreita em cujo laço se havia esmerado a habilidade de suas mãos.

Depois de ouvir o improvisado orador da comissão, aceitou a assinatura que lhe oferecemos e pagou-a imediatamente e generosamente com uma cédula de cem mil réis.

Data dessa noite a nossa aproximação que dentro de poucos meses se transformou em sin-

cera estima de minha parte e da parte d'ele em estima e proteção, pois ao seu prestígio devo muitos alunos no inicio do meu professorado no curso secundário.

\* \* \*

De uma feita, depois do jantar na sua residência, disse-me ele, a propósito de um rapaz que havia poucos dias, fôra preso, por ter roubado um conto de réis da cobrança que fizera ao patrão:

—Os jornais estão a explorar o caso, carregando-lhe nas tintas. Nos escritórios das casas comerciais não se trata de outro assunto. Nos botequins da Praia Grande, os capitalistas enquanto bebericam o café, flagelam o infeliz Americano.

—Incontestavelmente é um individuo perigoso. De quantas artimanhas se serviu para se defender! Procurou até envolver no roubo pessoas que todos sabem incapazes de roubar, diz d. Leonor, a esposa, do coronel.

—Até o criado do estabelecimento é envolvido no crime! exclama a senhorinha Andréa, filha mais velha do coronel.

—E o que você pensa deste caso Carvalho? pergunta d. Leonor ao marido.

—Eu penso que todos os juízos que estão fazendo são precipitados.

—Precipitados?!

—Sim, precipitados! Os que condenam esse infeliz rapaz, deviam, primeiramente, consultar a consciencia.

—A consciencia?! exclama a senhorinha Santinha, a filha mais nova do coronel.

—A consciencia, minha filha, a consciencia! É o que eu estou fazendo agora. Estou consultando a minha consciencia!

E a Santinha, uma formosa criatura, de catorze anos, sorrindo e ameiando a voz:

—Diga-me cá, como é que o sr. consulta a consciencia? Ensine-me porque eu também quero consultar a minha.

—É facil. Neste momento, estou perguntando a mim mesmo: Serei eu um ladrão?

—Oh! meu pai!

E o coronel continuando:

—Teria eu procedimento igual ao desse rapaz?





# ADRÕES!

VALERIO SANTIAGO

O coronel Inácio de Sousa Carvalho, conheci-o aqui, em S. Luís, ao tempo de minha juventude. Estava a bater às portas dos sessenta anos.

De elevada estatura, cheio de corpo, de espáduas largas, musculoso, cabelos negros, crespos e abundantes que começavam a grisalhar. A pele branca levemente vermelha no rosto cheio, mas de linhas bem acentuadas, olhos pardos e meditativos.

A barba cerrada, com alguns cabelos negros. O bigode farto, também negro, bem tratado, de pontas levemente quebradas para baixo. Mãos pequenas e bem feitas, através de cuja pele se viam algumas veias azues.

Trajava sempre fraque preto, colete branco e calça de lista. Botinas de pelica preta. Trazia sempre um guarda-chuva de cabo de giro, coberto de seda portuguesa, de um pardo desmaiado.

Seu andar era lento. De mãos cruzadas nas costas, e numa delas o guarda-chuva que se alongava entre as espáduas. A sua figura era simpática e insinuante. Distingua-se de longe, a desarticular-se nobremente. A quem tinha boa vista não escapava o pince-nez de aço de ouro, preso a um cordão também de ouro, muito delicado que passava por detrás do pescoço e conservava o pince-nez, quando pendurado á altura do peito.

Conheci-o, pessoalmente, uma noite, na sua residência, um casarão de estilo barroco, muito bem tratado. Ali fora com alguns colegas pedir-lhe uma assinatura para um periodico, literário que jámos publicar.

O coronel recebeu-nos numa luxuosa sala de visita, onde admiramos uma mobília antiga e rica de entalhamentos que muito deviam á genuína arte portuguesa.

O coronel envergava um fato de brim branco, bem feito, gravata branca de tira estreita em cujo laço se havia esmerado a habilidade de suas mãos.

Depois de ouvir o improvisado orador da comissão, aceitou a assinatura que lhe oferecemos e pagou-a imediatamente e generosamente com uma cédula de cem mil réis.

Data dessa noite a nossa aproximação que dentro de poucos meses se transformou em sin-

cera estima de minha parte e da parte d'ele em estima e proteção, pois ao seu prestígio devo muitos alunos no inicio do meu professorado no curso secundário.

\*\*\*

De uma feita, depois do jantar na sua residência, disse-me ele, a propósito de um rapaz que, havia poucos dias, fôra preso, por ter roubado um conto de réis da cobrança que fizera ao patrão:

—Os jornais estão a explorar o caso, carregando-lhe nas tintas. Nos escritórios das casas comerciais não se trata de outro assunto. Nos botequins da Praia Grande, os capitalistas enquanto bebericam o café, flagelam o infeliz Americano.

—Incontestavelmente é um individuo perigoso. De quantas artimanhas se serviu para se defender! Procurou até envolver no roubo pessoas que todos sabem incapazes de roubar, diz d. Leonor, a esposa, do coronel.

—Até o criado do estabelecimento é envolvido no crime! exclama a senhorinha Andréa, filha mais velha do coronel.

—E o que você pensa deste caso Carvalho? pergunta d. Leonor ao marido.

—Eu penso que todos os juízos que estão fazendo são precipitados.

—Precipitados?!

—Sim, precipitados! Os que condenam esse infeliz rapaz, deviam, primeiramente, consultar a consciencia.

—A consciencia?! exclama a senhorinha Santinha, a filha mais nova do coronel.

—A consciencia, minha filha, a consciencia! É o que eu estou fazendo agora. Estou consultando a minha consciencia!

E a Santinha, uma formosa criatura, de catorze anos, sorrindo e ameiçando a voz:

—Diga-me cá, como é que o sr. consulta a consciencia? Ensine-me porque eu também quero consultar a minha.

—É facil. Neste momento, estou perguntando a mim mesmo: Serei eu um ladrão?

—Oh! meu pai!

E o coronel continuando:

—Teria eu procedimento igual ao desse rapaz?

paz, si estivesse nas condições em que êle se acha? Si fosse um caixeirinho de cobrança teria eu coragem de passar fome com a minha familia, tendo no bolso alguns contos de réis do meu patrão?

Ninguém respondeu ao coronel.

—Ninguém me responde? Emudeceram 'tudos?

—Continue, meu pai, continue!

—O fato de êle se ter apossado de um conto de réis de seu patrão não quer dizer que seja um ladrão!

—Homessa! exclamou o dr. Ricardo Carvalho, sobrinho do coronel e advogado muito conhecido em S. Luiz.

—Meu caro Ricardo, eu vou apresentar-te uma tese.

E depois de acender o charuto:

—Meu tio e teu, o comendador Lopes de Carvalho, que não conhecesté pessoalmente, era aqui em S. Luiz proprietário de uma refinação á rua de S. Pantaleão. Certo dia, pela manhã, o nosso tio Ricardo, estando á porta do seu estabelecimento foi procurado por um de seus empregados do escritorio que lhe foi pedir emprestasse cinquenta mil réis, para embarcar a amasia para o Monim naquele mesmo dia. Determinara o seu medico assistente que ela imediatamente se retirasse para o interior do Estado, pois a mudança era o remedio do mal que a fazia sofrer e que lhe ponia termo á vida dentro de breves dias, si não embarcasse.

O nosso tio não gostava de fazer favores dessa natureza. Fechou a cara e respondeu ao seu empregado que lhe não era possivel servi-lo naquela ocasião. O rapaz insistiu, e êle pela segunda vez, e em tom mais rispido, respondeu-lhe que não. Não e não!

O rapaz, que se chamara Argemiro Lima, sabia que o patrão tinha por hábito andar com o bolso cheio de cédulas. Não gastava o dinheiro mas acariciava-o de vez em quando. Era um sestro de que nunca se poudo corrigir. Pois o Argemiro, de repente, atracou-se com o Lopes Carvalho. Rápido o subjugou e, metendo-lhe a mão no bolso, puxou o bolo, e enquanto o patrão jogado á calçada, procurava levantar-se, retirou-lhe do bolso uma cédula de cem mil réis, e jogando ao chão o bolo, correu vertiginosamente.

Ao Lopes acodiram transeuntes e dois empregados do balcão. Recolheram-no ao estabelecimento. Entregaram-lhe a dinheirama e ouviram, silenciosamente, as suas palayras de indignação.

Eram 8 horas da manhã. O nosso tio que apenas ficára levemente contundido, meteu-se num fato domingueiro e momentos depois estava na

REGISTRO DE JORNAL

Jornal de Notícias

Data

residência do delegado do distrito que era um homem de máus bofes, o coronel Fulgencio Torres, muito conhecido nesta cidade, pelas suas tropelias. O major engulio o ultimo gole do café e acompanhado de sua ordenança saiu ao encalço do Argemiro, que morava num casebre á rua da Barraquinha. No momento que lá chegava saía a mulher do Argemiro, carregada numa rede. Ia embarcar. Acompanhavam-no dois filhos menores, uma tia velha e uma comadre, que morava em sua companhia.

O major chamou o Argemiro que tomava as ultimas providencias da viagem.

O Argemiro compreendendo a sua situação, pediu a autoridade que se aproximasse da rede.

—Aqui está a minha mulher, disse-lhe. Veja o seu estado e diga-me, como homem, se eu tive ou não razão de arrancar do bolso do patrão cem mil réis para a embarcar com os nossos filhos para o Monim que é a nossa terra.

O coronel Fulgencio embatucou. Apesar de seus máus bofes compreendeu que aquela mulher era quase um cadaver e que o Argemiro estava plenamente justificado.

Abaixou a cabeça e retirou-se com o seu ordenança. Não efetuou a prisão.

Lopes Carvalho voltou muitas vezes á delegacia e não conseguiu nunca entender-se com o famigerado coronel Fulgencio. Irritado, começou a bradar do balcão aos seus fregueses que nesta terra não havia justiça. Um ladrão como o Argemiro era protegido por uma autoridade policial. O delegado sabendo da campanha mandou dizer-lhe pelo seu ordenança que se continuasse a insultá-lo manda-lo-ia a pano de facão!

Dois meses depois, Argemiro procurou pela manhã o delegado na sua residência. Recebido sem demora, pela autoridade, que o fez sentar-se na varanda de sua casa, foi-lhe logo dizendo:

—Coronel, eu vir pedir-lhe o obsequio de entregar ao meu ex-patrão os cem mil réis que lhe tirei do bolso para salvar minha mulher. E vim dizer a V. S. que eu não sou ladrão. Sempre vivi honestamente, trabalhando para sustentar minha familia. O que eu não podia sofrer é que minha mulher morresse por eu não ter cinquenta mil réis para ela viajar.

O coronel Fulgencio recebeu o dinheiro e no mesmo dia mandou chamar á sua presença o Lopes Carvalho, a quem entregou a quantia.

O nosso tio ficou perplexo. Não poudo articular palavras, mas o famigerado Fulgencio lhe disse mui pausadamente:

—O sr. sem querer prestou-me grande serviço. De hoje em diante passarei a ser outro homem e outra autoridade. E você, com a lição



paz, si estivesse nas condições em que êle se acha? Si fosse um caixeirinho de cobrança teria eu coragem de passar fome com a minha familia, tendo no bolso alguns contos de réis do meu patrão?

Ninguém respondeu ao coronel.

—Ninguém me responde? Emudeceram 'tudos?

—Continue, meu pai, continue!

—O fato de êle se ter apossado de um conto de réis de seu patrão não quer dizer que seja um ladrão!

—Homessa! exclamou o dr. Ricardo Carvalho, sobrinho do coronel e advogado muito conhecido em S. Luiz.

—Meu caro Ricardo, eu vou apresentar-te uma tese.

E depois de acender o charuto:

—Meu tio e teu, o comendador Lopes de Carvalho, que não conhecesté pessoalmente, era aqui em S. Luiz proprietário de uma refinação á rua de S. Pantaleão. Certo dia, pela manhã, o nosso tio Ricardo, estando á porta do seu estabelecimento foi procurado por um de seus empregados do escritorio que lhe foi pedir emprestasse cinquenta mil réis, para embarcar a amasia para o Monim naquele mesmo dia. Determinara o seu medico assistente que ela imediatamente se retirasse para o interior do Estado, pois a mudança era o remedio do mal que a fazia sofrer e que lhe ponia termo á vida dentro de breves dias, si não embarcasse.

O nosso tio não gostava de fazer favores dessa natureza. Fechou a cara e respondeu ao seu empregado que lhe não era possivel servi-lo naquela ocasião. O rapaz insistiu, e êle pela segunda vez, e em tom mais rispido, respondeu-lhe que não. Não e não!

O rapaz, que se chamara Argemiro Lima, sabia que o patrão tinha por hábito andar com o bolso cheio de cédulas. Não gastava o dinheiro mas acariciava-o de vez em quando. Era um sestro de que nunca se poudé corrigir. Pois o Argemiro, de repente, atracou-se com o Lopes Carvalho. Rápido o subjugou e, metendo-lhe a mão no bolso, puxou o bolo, e enquanto o patrão jogado á calçada, procurava levantar-se, retirou-lhe do bolso uma cédula de cem mil réis, e jogando ao chão o bolo, correu vertiginosamente.

Ao Lopes acodiram transeuntes e dois empregados do balcão. Recolheram-no ao estabelecimento. Entregaram-lhe a dinheirama e ouviram, silenciosamente, as suas palayras de indignação.

Eram 8 horas da manhã. O nosso tio que apenas ficára levemente contundido, meteu-se num fato domingueiro e momentos depois estava na

JAIOTSE ORTEJIOE

Cópia para

11.º

Data

residência do delegado do distrito que era um homem de máus bofes, o coronel Fulgencio Torres, muito conhecido nesta cidade, pelas suas tropelias. O major engulio o ultimo gole do café e acompanhado de sua ordenança saiu ao encalço do Argemiro, que morava num casebre á rua da Barraquinha. No momento que lá chegava saía a mulher do Argemiro, carregada numa rede. Ia embarcar. Acompanhavam-no dois filhos menores, uma tia velha e uma comadre, que morava em sua companhia.

O major chamou o Argemiro que tomava as ultimas providências da viagem.

O Argemiro compreendendo a sua situação, pediu a autoridade que se aproximasse da rede.

—Aqui está a minha mulher, disse-lhe. Veja o seu estado e diga-me, como homem, se eu tive ou não razão de arrancar do bolso do patrão cem mil réis para a embarcar com os nossos filhos para o Monim que é a nossa terra.

O coronel Fulgencio embatucou. Apesar de seus máus bofes compreendeu que aquela mulher era quase um cadaver e que o Argemiro estava plenamente justificado.

Abaixou a cabeça e retirou-se com o seu ordenança. Não efetuou a prisão.

Lopes Carvalho voltou muitas vezes á delegacia e não conseguiu nunca entender-se com o famigerado coronel Fulgencio. Irritado, começou a bradar do balcão aos seus fregueses que nesta terra não havia justiça. Um ladrão como o Argemiro era protegido por uma autoridade policial. O delegado sabendo da campanha mandou dizer-lhe pelo seu ordenança que se continuasse a insultá-lo manda-lo-ia a pano de facão!

Dois meses depois, Argemiro procurou pela manhã o delegado na sua residência. Recebido sem demora, pela autoridade, que o fez sentar-se na varanda de sua casa, foi-lhe logo dizendo:

—Coronel, eu vir pedir-lhe o obsequio de entregar ao meu ex-patrão os cem mil réis que lhe tirei do bolso para salvar minha mulher. E vim dizer a V. S. que eu não sou ladrão. Sempre vivi honestamente, trabalhando para sustentar minha familia. O que eu não podia sofrer é que minha mulher morresse por eu não ter cinquenta mil réis para ela viajar.

O coronel Fulgencio recebeu o dinheiro e no mesmo dia mandou chamar á sua presença o Lopes Carvalho, a quem entregou a quantia.

O nosso tio ficou perplexo. Não poudé articular palavras, mas o famigerado Fulgencio lhe disse mui pausadamente:

—O sr. sem querer prestou-me grande serviço. De hoje em diante passarei a ser outro homem e outra autoridade. E você, com a lição



que lhe deu o seu empregado, seja d'ora avante um homem de consciencia !

Não seja ladrão de vidas !

A esposa e os filhos do coronel estavam de cabeça baixa. Ninguém articulou palavra.

—Mas todos emudeceram ? perguntou o coronel, com ar sorridente.

E o coronel continuando:

—Não sou um miserável, como pareço a muitos que não me conhecem de perto. O que se passa comigo é o seguinte: Tenho medo de ser pobre ! Tenho mesmo horror á pobreza !

—Por favor não fale assim ! exclama a Leonor.

—Por que não ? Si eu tivesse certeza de que sou um homem virtuoso, com um carater inflexível, capaz por isso mesmo de suportar todos os sofrimentos, então pouco se me dava de ser pobre. Si eu soubesse que a minha familia seria capaz de viver sem conforto, eu bradaria, vaidoso de minha fortaleza moral:

—Pobreza ! poderás vir quando quizeres ! Eu porém, não sei de minhas reservas morais. Quando nasci, já era rico. Nunca passei necessidade. Pelo que sinceramente eu digo: Sou um infeliz !

Vocês não sabem em que conta eu tenho o Manuel Maria, um amargurado, que caiu com o seu partido que nunca mais subiu, ficando êle nas condições em que se acha agora, em completa miseria, mas sempre a bendizer o partido que o prostrou, aniquilado, envelhecido e doente ! E quanto deve ser horrivel a situação de quem rouba para comer ! De quem mata para roubar ! E eu nessa ocasião em que todos acusam um desgraçado, lembro-me do que se passaria em mim, sabendo-me honesto e bom, reconhecendo em mim grandes virtudes ! Como deve ser horrivel essa situação !

\*\*\*

Continuava o silencio na sala de jantar. Parecia que a mulher e os filhos e o sobrinho do coronel Inácio de Sousa Carvalho nunca haviam pensado no dia de amanhã. Eu mesmo nunca o houvera feito, e pela primeira vez procurei sondar o meu interior e fazer um juizo de mim mesmo.

O coronel lançando um olhar em redor compreendeu o estado de acabrunhamento que se manifestava na fisionomia de todos.

—Já demais pensamos no caso do infortunado Americo, com o qual felizmente nada temos que ver. Pensemos em coisas alegres. Antes, porém, eu vos quero afirmar que ha ladrões de várias especies.

Ladrão não é sómente aquele que rouba dinheiro. E eu, por exemplo, nunca roubei dinheiro, nem bens materiais de ninguém. Contudo, eu me

## DR. DJALMA MARQUES



Festejará o seu aniversário natalicio, no próximo dia 17 do mês vindouro, o nosso querido amigo dr. Djalma Marques, Presidente do Departamento Administrativo.

Nome de relevo em nosso Estado, figura prestimosa de médico e de cidadão, de homem digno e devotado amigo de seus amigos, o dr. Djalma pelo seu próximo aniversário receberá os mais efusivos parabens de todos quantos o admiram, nesta São Luiz.

**ATHENAS** cumprimenta-o cordialmente pela data.

confesso que certa vez ja roubei uma mulher bonita, a mais formosa das mulheres de minha terra. E digo mais — essa mulher era guardada por um homem que a amava loucamente ! Era a sua religião !

—Meu pai !

—Meu presado tio ! Eu não quero acreditar !

—O nosso pai está brincando !

—Não ! Não estou brincando ! A rigor, podem crer que sou pior que êsse infeliz, Americo que comparando comigo é um santo !

—Nunca ouvi falar em tal coisa, meu tio. E eu sei de muita coisa deste Maranhão.

—Pois fica certo de que eu fui um ladrão perigosissimo !

—Continue, meu pai, continue ! Quero saber de tudo. Deve ser o seu roubo uma página verdadeiramente admirável.

O coronel levantou-se e tomou a atitude de quem vai fazer a preciosa revelação...

E D. Leonor que estava com os seus grandes

que lhe deu o seu empregado, seja d'ora avante um homem de consciencia !

Não seja ladrão de vidas !

A esposa e os filhos do coronel estavam de cabeça baixa. Ninguém articulou palavra.

—Mas todos emudeceram ? perguntou o coronel, com ar sorridente.

E o coronel continuando:

—Não sou um miserável, como pareço a muitos que não me conhecem de perto. O que se passa comigo é o seguinte: Tenho medo de ser pobre ! Tenho mesmo horror á pobreza !

—Por favor não fale assim ! exclama a Leonor.

—Por que não ? Si eu tivesse certeza de que sou um homem virtuoso, com um carater inflexível, capaz por isso mesmo de suportar todos os sofrimentos, então pouco se me dava de ser pobre. Si eu soubesse que a minha familia seria capaz de viver sem conforto, eu bradaria, vaidoso de minha fortaleza moral:

—Pobreza ! poderás vir quando quizeres ! Eu porém, não sei de minhas reservas morais. Quando nasci, já era rico. Nunca passei necessidade. Pelo que sinceramente eu digo: Sou um infeliz !

Vocês não sabem em que conta eu tenho o Manuel Maria, um amargurado, que caiu com o seu partido que nunca mais subiu, ficando êle nas condições em que se acha agora, em completa miseria, mas sempre a bendizer o partido que o prostrou, aniquilado, envelhecido e doente ! E quanto deve ser horrivel a situação de quem rouba para comer ! De quem mata para roubar ! E eu nessa ocasião em que todos acusam um desgraçado, lembro-me do que se passaria em mim, sabendo-me honesto e bom, reconhecendo em mim grandes virtudes ! Como deve ser horrivel essa situação !

\*\*\*

Continuava o silencio na sala de jantar. Parecia que a mulher e os filhos e o sobrinho do coronel Inácio de Sousa Carvalho nunca haviam pensado no dia de amanhã. Eu mesmo nunca o houvera feito, e pela primeira vez procurei sondar o meu interior e fazer um juizo de mim mesmo.

O coronel lançando um olhar em derredor compreendeu o estado de acabrunhamento que se manifestava na fisionomia de todos.

—Já demais pensamos no caso do infortunado Americo, com o qual felizmente nada temos que ver. Pensemos em coisas alegres. Antes, porém, eu vos quero afirmar que ha ladrões de várias especies.

Ladrão não é sómente aquele que rouba dinheiro. E eu, por exemplo, nunca roubei dinheiro, nem bens materiais de ninguém. Contudo, eu me

## DR. DJALMA MARQUES



Festejará o seu aniversário natalicio, no próximo dia 17 do mês vindouro, o nosso querido amigo dr. Djalma Marques, Presidente do Departamento Administrativo.

Nome de relevo em nosso Estado, figura prestimosa de médico e de cidadão, de homem digno e devotado amigo de seus amigos, o dr. Djalma pelo seu próximo aniversário receberá os mais efusivos parabens de todos quantos o admiram, nesta São Luiz.

**ATHENAS** cumprimenta-o cordialmente pela data.

confesso que certa vez ja roubei uma mulher bonita, a mais formosa das mulheres de minha terra. E digo mais — essa mulher era guardada por um homem que a amava loucamente ! Era a sua religião !

—Meu pai !

—Meu presado tio ! Eu não quero acreditar !

—O nosso pai está brincando !

—Não ! Não estou brincando ! A rigor, podem crer que sou pior que êsse infeliz, Americo que comparando comigo é um santo !

—Nunca ouvi falar em tal coisa, meu tio. E eu sei de muita coisa deste Maranhão.

—Pois fica certo de que eu fui um ladrão perigosissimo !

—Continue, meu pai, continue ! Quero saber de tudo. Deve ser o seu roubo uma página verdadeiramente admirável.

O coronel levantou-se e tomou a atitude de quem vai fazer a preciosa revelação...

E D. Leonor que estava com os seus grandes



olhos fitos no marido tremula de comoção parecendo aguardar uma oportunidade.

—Carvalho, diz-lhe sorridente pondo a mão esquerda no seu ombro, peça licença para me dar a injeção.

O coronel levantou-se, com um gesto de gentileza, e dando-lhe o braço atravessou a varanda em todo o seu compartimento para desaparecer com ela no primeiro quarto do correr.

E eu pude, sentado deitado oposto ao dela, ouvindo o convite, ver-lhe a fisionomia, esplendida de linhas admiráveis. E vi o seu braço tremer no braço do coronel. E vi o arfar agitado de seu seio e vi quando o deu os primeiros passos apoiar-se fortemente no braço do marido. E vi como precipitou os passos ao aproximar-se daquele quarto...

Desconfiei do convite que êle fizera ao marido... E fiquei a pensar no destino daquela mulher roubada pelo meu austero e prezado amigo coronel Inacio de Souza Carvalho...

**FAÇA** economia, prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em cousa útil.

O CONSELHO E DE GRAÇA, E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TÍTULOS DAS LOJAS

**"A PERNA MBUCANA"**

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA



#### DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente  
Leonardo Truda — José Sampaio  
Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello  
Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecadados pela METRÓPOLE, desde o inicio do seu funcionamento até o ultimo exercicio (1935 a 1939):

1935	..	..	..	..	2.465:017\$700
1936	..	..	..	..	3.959:528\$900
1937	..	..	..	..	6.622:181\$000
1938	..	..	..	..	8.735:829\$900
1939	..	..	..	..	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcançadas em nosso país, por nenhuma outra congênere, em idêntica fase — de negocios. —

A METRÓPOLE É UMA COMPANHIA GENUINAMENTE BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDENTES — AUTOMOVEIS — TRANSPORTES — GRANIZO

MATIRZ: Rua Primeiro de Março,  
88 Telephone: 43-2890 — Rio de Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais, Baía e Pernambuco

AGENCIA: Avenida D. Pedro II, 241  
S. LUIZ DO MARANHÃO



olhos fitos no marido tremula de comoção parecendo aguardar uma oportunidade.

—Carvalho, diz-lhe sorridente pondo a mão esquerda no seu ombro, peça licença para me dar a injeção.

O coronel levantou-se, com um gesto de gentileza, e dando-lhe o braço atravessou a varanda em todo o seu compartimento para desaparecer com ela no primeiro quarto do correr.

E eu pude, sentado deitado oposto ao dela, ouvindo o convite, ver-lhe a fisionomia, esplendida de linhas admiráveis. E vi o seu braço tremer no braço do coronel. E vi o arfar agitado de seu seio e vi quando o deu os primeiros passos apoiar-se fortemente no braço do marido. E vi como precipitou os passos ao aproximar-se daquele quarto...

Desconfiei do convite que êle fizera ao marido... E fiquei a pensar no destino daquela mulher roubada pelo meu austero e prezado amigo coronel Inácio de Souza Carvalho...

**FAÇA** economia, prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em cousa útil.

O CONSELHO E DE GRAÇA, E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TÍTULOS DAS LOJAS

**"A PERNA MBUCANA"**

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA



#### DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente  
Leonardo Truda — José Sampaio  
Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello  
Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecadados pela METRÓPOLE, desde o início do seu funcionamento até o ultimo exercicio (1935 a 1939):

1935	..	..	..	..	2.465:017\$700
1936	..	..	..	..	3.959:528\$900
1937	..	..	..	..	6.622:181\$000
1938	..	..	..	..	8.735:829\$900
1939	..	..	..	..	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcançadas em nosso país, por nenhuma outra congênere, em idêntica fase — de negocios. —

A METRÓPOLE É UMA COMPANHIA GENUINAMENTE BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDENTES — AUTOMOVEIS — TRANSPORTES — GRANIZO

MATIRZ: Rua Primeiro de Março,  
88 Telephone: 43-2890 — Rio de Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais, Baía e Pernambuco

AGENCIA: Avenida D. Pedro II, 241  
S. LUIZ DO MARANHÃO

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

JUNHO — 1941

NUM. 29

## NASCIMENTO MORAES

# A' margem da política nacional

O Presidente Getulio Vargas, citado pelo sr. Oswaldo Aranha, no discurso que pronunciou no Itamarati, por ocasião da instalação da Assembléa Constituinte, pronunciou o seguinte tópico:

“O Brasil tem vivido e quer continuar a viver na mais estreita união de vistas com os Estados civilizados.

Nem póde, mesmo, furtar-se a êsse dever de solidariedade humana. Dadas as condições políticas e economicas do nosso tempo, é impossivel a qualquer país subtrair-se ao convívio internacional; a cooperação e assistencia mútua impõe-se, cada mez mais, como fatores essenciais para a estabilidade da paz entre os povos”.

“Sem esquecer êstes imperativos da solidariedade internacional é, entretanto, para o Continente Americano que se voltam de preferencia, as nossas atenções. Somos parte não pequena da grande familia americana, e esta forma, em todos os sentidos, pela origem, evolução, necessidades e objetivos um mundo estreitamente distinto, em que nos cabe uma parcela de responsabilidade historica que não pudemos desprezar e impõe o proseguimento da nossa política tradicional, sintetizada, ha mais de cem anos, na expressão — sistema americano — de José Bonifacio e objetivada na gestão gloriosa do segundo Rio Branco”.

O Ministro Oswaldo Aranha, encomiando a palavra autorizada do Presidente Vargas, chama-

a com justiça, profissão de fé pan-americana.

E acrescenta o nosso Ministro das Relações Exteriores:

“Esta attitude do Brasil, graças ao espirito politico de seu Chefe e a diretriz que imprimiu á nossa vida exterior, tornou possivel a transformação do pan-americanismo, que, das formulas vagas e unilaterais de ha dez anos atrás, caminhou através de uma série de atos em que preponderou a ação ou a participação do Brasil, para essa maravilhosa “unidade espiritual e politica que hoje existe no Continente”, para essa marcha da America sem que nada a possa deter, no sentido de uma organização continental propria e defensiva, que jamais foi dado ao resto do mundo realizar”.

“A outra guerra encontrou os povos da America desatendidos, direi mesmo, separados”.

“Esta, qualquer que seja o seu desenlace veio e virá encontrar a America unida e emancipada, disposta a buscar em si mesma, nos meios de que dispõe e no próprio continente, a sua salvação”.

“Esta situação privilegiada da America, neste instante, é, em grande parte, obra de visão, da compreensão e da ação pan-americana do Presidente Getulio Vargas, desde os primeiros dias de seu governo, e da inalteravel fidelidade com que nesses dez anos, tem favorecido, propiciado e prestigiado a organização economica, politica e militar dos povos continentaes”.



# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

JUNHO — 1941

NUM. 29

## NASCIMENTO MORAES

# A' margem da política nacional

O Presidente Getulio Vargas, citado pelo sr. Oswaldo Aranha, no discurso que pronunciou no Itamarati, por ocasião da instalação da Assembléa Constituinte, pronunciou o seguinte tópico:

“O Brasil tem vivido e quer continuar a viver na mais estreita união de vistas com os Estados civilizados.

Nem póde, mesmo, furtar-se a êsse dever de solidariedade humana. Dadas as condições políticas e economicas do nosso tempo, é impossivel a qualquer país subtrair-se ao convívio internacional; a cooperação e assistencia mútua impõe-se, cada mez mais, como fatores essenciais para a estabilidade da paz entre os povos”.

“Sem esquecer êstes imperativos da solidariedade internacional é, entretanto, para o Continente Americano que se voltam de preferencia, as nossas atenções. Somos parte não pequena da grande familia americana, e esta forma, em todos os sentidos, pela origem, evolução, necessidades e objetivos um mundo estreitamente distinto, em que nos cabe uma parcela de responsabilidade historica que não pudemos desprezar e impõe o proseguimento da nossa política tradicional, sintetizada, ha mais de cem anos, na expressão — sistema americano — de José Bonifacio e objetivada na gestão gloriosa do segundo Rio Branco”.

O Ministro Oswaldo Aranha, encomiando a palavra autorizada do Presidente Vargas, chama-

a com justiça, profissão de fé pan-americana.

E acrescenta o nosso Ministro das Relações Exteriores:

“Esta atitude do Brasil, graças ao espirito politico de seu Chefe e a diretriz que imprimiu á nossa vida exterior, tornou possivel a transformação do pan-americanismo, que, das formulas vagas e unilaterais de ha dez anos atrás, caminhou através de uma série de atos em que preponderou a ação ou a participação do Brasil, para essa maravilhosa “unidade espiritual e politica que hoje existe no Continente”, para essa marcha da America sem que nada a possa deter, no sentido de uma organização continental propria e defensiva, que jamais foi dado ao resto do mundo realizar”.

“A outra guerra encontrou os povos da America desatendidos, direi mesmo, separados”.

“Esta, qualquer que seja o seu desenlace veio e virá encontrar a America unida e emancipada, disposta a buscar em si mesma, nos meios de que dispõe e no próprio continente, a sua salvação”.

“Esta situação privilegiada da America, neste instante, é, em grande parte, obra de visão, da compreensão e da ação pan-americana do Presidente Getulio Vargas, desde os primeiros dias de seu governo, e da inalteravel fidelidade com que nesses dez anos, tem favorecido, propiciado e prestigiado a organização economica, politica e militar dos povos continentaes”.



"O Brasil é parte integrante, da America e seu destino está fatalmente ligado ao respeito pelo individuo, considerado como fonte de que emana todo o bem e cujo aperfeiçoamento justifica a existencia das instituições do Estado".

"Nessa concepção, reside a verdadeira democracia, traço inconfundível de todos os países do Continente, sejam quais forem as suas formas de governo, que as necessidades do momento determinou, em busca de um equilíbrio entre a liberdade e autoridade".

Estes ultimos tópicos do discurso do Ministro Oswaldo Aranha exprimem perfeitamente a atual organização do governo do Brasil. Responde aos que apontam a falta do poder legislativo, como um traço de enfermidade do nosso governo, e por causa dela, negam estejamos em pleno regime democratico. Numerosos não vêm, que por motivos vários, acumulados, durante muitos anos, ainda o nosso país está na fase em que precisa de fazer **equilíbrio entre a liberdade e a qualidade**.

Grande mal seria, de fato, si os nossos dirigentes desconhecendo o atraso em que se acha a mentalidade política das nossas classes, precipitadamente lhe dessem um governo que não correspondessem ás verdadeiras condições moraes do seu povo, neste particular, durante muito tempo

abandonado a si mesmo. Porque, sem contestação, a liberdade entre nós, perdéra o seu verdadeiro aspecto e se transformara em licença, pelo que o principio de autoridade ficára deveras prejudicado. As competições partidárias haviam destruido o pouco que possuímos no terreno amplo da sadia politica administrativa. Incontestavelmente era preciso começar de novo. E foi o que fizeram os vanguardilheiros da Revolução Brasileira. Isto, porém, não quer dizer que o país rompeu com as suas tradições políticas. Antes, pelo contrário, deixando á margem a licenciosidade e uma democracia que já se manifestava com uma expressão desfigurada, revigorou as suas tradições políticas e adaptou o regime ás exigencias do momento politico internacional e aceitou as coordenadas de uma democracia dirigida, com os superiores objetivos de estabelecer novos processos economicos, e o que não existia — uma organização das classes capaz de promover o desenvolvimento de todos, sem planos diferenciais entre as mesmas.

E assim, não foram desafeiçoadas aquelas características de que nos fala o Ministro Oswaldo Aranha, e que formam a **substancia espiritual da America**.

\* : \*

Diante dessas considerações e dos conceitos



Mesa que presidiu a sessão solene da inauguração do retrato de s. excia. o dr. Paulo Paulo Ramos, na Coletoria Estadual de Carolina, sob a direção do sr. Raimundo Neiva

"O Brasil é parte integrante, da America e seu destino está fatalmente ligado ao respeito pelo individuo, considerado como fonte de que emana todo o bem e cujo aperfeiçoamento justifica a existencia das instituições do Estado".

"Nessa concepção, reside a verdadeira democracia, traço inconfundível de todos os países do Continente, sejam quais forem as suas formas de governo, que as necessidades do momento determinou, em busca de um equilibrio entre a liberdade e autoridade".

Estes ultimos tópicos do discurso do Ministro Oswaldo Aranha exprimem perfeitamente a atual organização do governo do Brasil. Responde aos que apontam a falta do poder legislativo, como um traço de enfermidade do nosso governo, e por causa dela, negam estejamos em pleno regime democratico. Numerosos não vêm, que por motivos vários, acumulados, durante muitos anos, ainda o nosso país está na fase em que precisa de fazer **equilibrio entre a liberdade e a qualidade**.

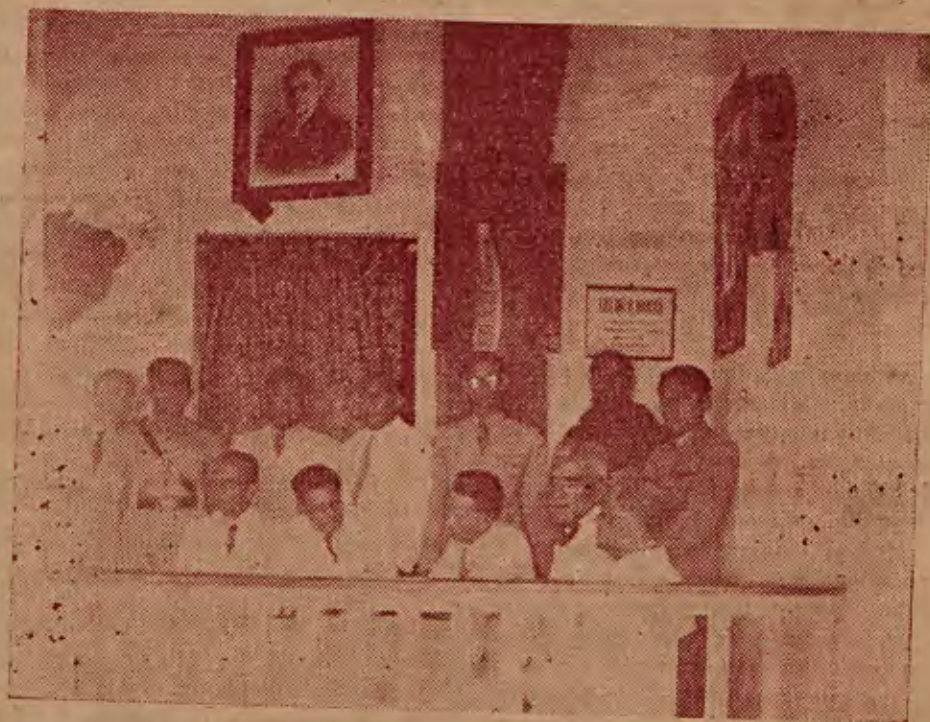
Grande mal seria, de fato, si os nossos dirigentes desconhecendo o atraso em que se acha a mentalidade política das nossas classes, precipitadamente lhe dessem um governo que não correspondessem ás verdadeiras condições moraes do seu povo, neste particular, durante muito tempo

abandonado a si mesmo. Porque, sem contestação, a liberdade entre nós, perdera o seu verdadeiro aspecto e se transformara em licença, pelo que o principio de autoridade ficara deveras prejudicado. As competições partidárias haviam destruido o pouco que possuímos no terreno amplo da sadia politica administrativa. Incontestavelmente era preciso começar de novo. E foi o que fizeram os vanguardilheiros da Revolução Brasileira. Isto, porém, não quer dizer que o país rompeu com as suas tradições políticas. Antes, pelo contrário, deixando á margem a licenciosidade e uma democracia que já se manifestava com uma expressão desfigurada, revigorou as suas tradições políticas e adaptou o regime ás exigencias do momento politico internacional e aceitou as coordenadas de uma democracia dirigida, com os superiores objetivos de estabelecer novos processos economicos, e o que não existia — uma organização das classes capaz de promover o desenvolvimento de todos, sem planos diferenciais entre as mesmas.

E assim, não foram desafeiçoadas aquelas características de que nos fala o Ministro Oswaldo Aranha, e que formam a **substancia espiritual da America**.

\* \* \*

Diante dessas considerações e dos conceitos



Mesa que presidiu a sessão solene da inauguração do retrato de s. excia. o dr. Paulo Ramos, na Coletoria Estadual de Carolina, sob a direção do sr. Raimundo Neiva



exarados pelo Presidente Getulio Vargas e pelo Ministro Oswaldo Aranha, chega-se á evidencia de que a politica brasileira não tem ligações com as ideologias estrangeiras, quaisquer que sejam. Não podem ser fascistas, nem nazistas nem comunistas os que reconhecem os beneficios que está fazendo ao país o governo Getulio Vargas.

Os que divergem do pensamento da politica nacional, promovem a desarticulação das energias nacionais, e fazem-no, nesta hora, em que todos os filhos do Brasil precisam de ser verdadeiramente brasileiros, brasileiros pelo espirito, pelo coração.

Adverte-nos o Ministro Oswaldo Aranha numa das passagens mais brilhantes de seu memorável discurso no Palácio Tiradentes:

“Assim como a descoberta da America refez uma Europa empobrecida e desesperançada; assim como a independencia dos povos americanos trouxe a liberdade a igualdade de raças escravas ou inimigas, a tolerancia religiosa, a difusão do bem estar economico e social e a incorporação da mulher as atividades comuns da vida; assim como a nossa participação no conselho dos povos trouxe a igualdade das nações, a adoção da arbitragem; da conciliação e da consulta para solucionar os conflitos internacionais; a nossa atitude na atual situação póde e deve ser orientada no sentido de proteger e defender essas conquistas circunscrevendo a guerra e seus efeitos, para que exgotados os ódios e aplacadas as ambições, possa a Europa refazer-se com o concurso e as reservas materiais e politicas da America”.

O Chanceller da Republica é mais claro no tópico seguinte:

“Assim tambem, a paz que a America deseja e se esforça por manter com todas as suas energias não é a paz da estagnação e do sacrificio dos seus direitos e aspirações, nem a que procure neutralizar as tendencias vivas da nação, mas sim a paz que deixa a cada povo a liberdade de desenvolver o seu genio e prefere a guerra a ter de abdicar de sua dignidade.

“A paz, nestas horas, é tão grave para os povos quanto á guerra, porque a interdependencia universal faz com que os direitos e destinos dos muitos estejam tão ameaçados como os dos beligerantes. A neutralidade não assegura a paz e menos ainda protege contra os maleficos da guerra”.

E o Ministro Oswaldo Aranha termina o seu discurso:

“Pois bem, meus senhores, estamos vivendo



A famosa cachoeira Cocai, no municipio de Riachão, com 63 metros de altura

esta paz na qual preparamos a vitória ou a derrota da nossa civilização”.

Está, assim, em nossas mãos, pela união dos povos americanos, mais, mais do que tudo, pela união do povo brasileiro e pelo fortalecimento economico politico e militar do Brasil, ganharmos a paz, derrotando a guerra”.

\*\*\*

E aí está certamente toda a verdade. O Ministro Oswaldo Aranha traça com pulso firme a nossa situação politica internacional.

Os brasileiros que acima de tudo amam o Brasil que procurem traduzir mais claramente, mais literalmente, mais patrioticamente as expressões profundas desse impressionante discurso do Ministro Oswaldo Aranha.



exarados pelo Presidente Getulio Vargas e pelo Ministro Oswaldo Aranha, chega-se á evidencia de que a politica brasileira não tem ligações com as ideologias estrangeiras, quaisquer que sejam. Não podem ser fascistas, nem nazistas nem comunistas os que reconhecem os beneficios que está fazendo ao país o governo Getulio Vargas.

Os que divergem do pensamento da politica nacional, promovem a desarticulação das energias nacionais, e fazem-no, nesta hora, em que todos os filhos do Brasil precisam de ser verdadeiramente brasileiros, brasileiros pelo espirito, pelo coração.

Adverte-nos o Ministro Oswaldo Aranha numa das passagens mais brilhantes de seu memorável discurso no Palácio Tiradentes:

“Assim como a descoberta da America refez uma Europa empobrecida e desesperançada; assim como a independencia dos povos americanos trouxe a liberdade a igualdade de raças escravas ou inimigas, a tolerancia religiosa, a difusão do bem estar economico e social e a incorporação da mulher as atividades comuns da vida; assim como a nossa participação no conselho dos povos trouxe a igualdade das nações, a adoção da arbitragem; da conciliação e da consulta para solucionar os conflitos internacionais; a nossa atitude na atual situação póde e deve ser orientada no sentido de proteger e defender essas conquistas circunscrevendo a guerra e seus efeitos, para que exgotados os ódios e aplacadas as ambições, possa a Europa refazer-se com o concurso e as reservas materiais e politicas da America”.

O Chanceller da Republica é mais claro no tópico seguinte:

“Assim tambem, a paz que a America deseje e se esforça por manter com todas as suas energias não é a paz da estagnação e do sacrificio dos seus direitos e aspirações, nem a que procure neutralizar as tendencias vivas da nação, mas sim a paz que deixa a cada povo a liberdade de desenvolver o seu genio e prefere a guerra a ter de abdicar de sua dignidade.

“A paz, nestas horas, é tão grave para os povos quanto á guerra, porque a interdependencia universal faz com que os direitos e destinos dos muitos estejam tão ameaçados como os dos beligerantes. A neutralidade não assegura a paz e menos ainda protege contra os maleficos da guerra”.

E o Ministro Oswaldo Aranha termina o seu discurso:

“Pois bem, meus senhores, estamos vivendo



A famosa cachoeira Cocál, no municipio de Riachão, com 63 metros de altura

esta paz na qual preparamos a vitória ou a derrota da nossa civilização”.

Está, assim, em nossas mãos, pela união dos povos americanos, mais, mais do que tudo, pela união do povo brasileiro e pelo fortalecimento economico politico e militar do Brasil, ganharmos a paz, derrotando a guerra”.

\*\*\*

E aí está certamente toda a verdade. O Ministro Oswaldo Aranha traça com pulso firme a nossa situação politica internacional.

Os brasileiros que acima de tudo amam o Brasil que procurem traduzir mais claramente, mais literalmente, mais patrioticamente as expressões profundas desse impressionante discurso do Ministro Oswaldo Aranha.



# Joanino

---

QUANDO A POEIRA VERMELHA DE JOÃO PAULO OLHAR FACE A FACE AS LAMPADAS DA ILUMINAÇÃO

E TODAS AS VOZES SE AMALGAMAREM NA IMENSA MELOPE'A  
DE ATAMBAQUES, CANZA'S, AGÔGÔS,  
DE NEGRAS DAS MINAS E MOLEQUES NAGÔS,  
MULATOS PACHOLAS E MORENAS FACEIRAS,  
EXPLODINDO OS RECALQUES, DANÇANDO E CANTANDO  
O MARTÍRIO DA RAÇA, O TRONCO E O FEITOR;  
ESTE MEU CANTO REVEL, ONDE GIRAM IDEIAS E RODOPIAM ANCEIOS  
SE ESPALHARA' NOS OUVIDOS DOS MEUS IRMÃOS  
E AS SUAS IDEIAS TODAS SE JUNTARÃO  
BRILHANDO, ALTANEIRAS, NA MAGESTADE DO UM;  
E OS SEUS ANCEIOS SERÃO CLAROS COMO AS ESTRELAS QUE SE MOSTRAM NA AMPLIDÃO.

E COMPREENDERÃO O MEU CANTO:  
OS HOMENS DO BOI-BUMBA',  
OS PEQUENOS VAGABUNDOS QUE NÃO TIVERAM FOGOS NEM SORTES,  
AS NEGRAS DOS BATUQUES DE TODOS OS TERREIROS,  
AS FILHAS DE YÊMANJA', OS NETOS DE CHANGÔ,  
OS ENCANTADOS D'EL-REI SEBASTIÃO DA PRAIA DOS LENÇÕES  
OS DEVOTOS DO PRÍNCIPE KABUNDA'  
TODOS OS BRANCOS HONESTOS E OS MESTIÇOS HUMANOS

\*\*\*

A POEIRA, ENTÃO, SE TRANSFORMARA' EM SO'ES  
E EU ESTAREI MUDO E CONTENTE,  
PORQUE TODAS AS VOZES SERÃO IRMÃS DA MINHA  
E AS LAMPADAS DE ARTIFÍCIO NÃO BRILHARÃO EM FACE DO SOL.

ERASMO DIAS

# Joanino

---

QUANDO A POEIRA VERMELHA DE JOÃO PAULO OLHAR FACE A FACE AS LAMPADAS DA ILUMINAÇÃO

E TODAS AS VOZES SE AMALGAMAREM NA IMENSA MELOPE'A  
DE ATAMBAQUES, CANZA'S, AGÔGÔS,  
DE NEGRAS DAS MINAS E MOLEQUES NAGÔS,  
MULATOS PACHOLAS E MORENAS FACEIRAS,  
EXPLODINDO OS RECALQUES, DANÇANDO E CANTANDO  
O MARTÍRIO DA RAÇA, O TRONCO E O FEITOR;  
ESTE MEU CANTO REVEL, ONDE GIRAM IDEIAS E RODOPIAM ANCEIOS  
SE ESPALHARA' NOS OUVIDOS DOS MEUS IRMÃOS  
E AS SUAS IDEIAS TODAS SE JUNTARÃO  
BRILHANDO, ALTANEIRAS, NA MAGESTADE DO UM;  
E OS SEUS ANCEIOS SERÃO CLAROS COMO AS ESTRELAS QUE SE MOSTRAM NA AMPLIDÃO.

E COMPREENDERÃO O MEU CANTO:  
OS HOMENS DO BOI-BUMBA',  
OS PEQUENOS VAGABUNDOS QUE NÃO TIVERAM FOGOS NEM SORTES,  
AS NEGRAS DOS BATUQUES DE TODOS OS TERREIROS,  
AS FILHAS DE YÊMANJA', OS NETOS DE CHANGÔ,  
OS ENCANTADOS D'EL-REI SEBASTIÃO DA PRAIA DOS LENÇÕES  
OS DEVOTOS DO PRÍNCIPE KABUNDA'  
TODOS OS BRANCOS HONESTOS E OS MESTIÇOS HUMANOS

\*\*\*

A POEIRA, ENTÃO, SE TRANSFORMARA' EM SO'ES  
E EU ESTAREI MUDO E CONTENTE,  
PORQUE TODAS AS VOZES SERÃO IRMÃS DA MINHA  
E AS LAMPADAS DE ARTIFÍCIO NÃO BRILHARÃO EM FACE DO SOL.

ERASMO DIAS



# GRAÇA ARANHA,

## — O RENOVADOR

RAUL DE AZEVEDO

(Da Academia Amazonense de Letras)

Charles du Bos, no seu livro "Byron" — um estudo amplo surgido ao mesmo tempo que os dois volumes magníficos de André Maurois sobre o mesmo gênio — disse, referindo-se a este: "C'est un animal humain de la grand espèce". E sem favor, ao contrário num alto espírito de justiça, nós podemos aplicar a frase lapidar a Graça Aranha, a propósito daquele seu livro que é um romance nacional — "A viagem maravilhosa".

Já, nas letras patricias, esse acadêmico ao tempo se afirmara como um notável romancista e um extraordinário psicólogo, analista profundo da alma brasileira, dos nossos costumes e hábitos, das nossas belezas e vícios. Duma feita, escreveu Ronald de Carvalho esta verdade incontestável: "o lirismo genial de Graça Aranha criou três símbolos imortais: "Chanaan" é a posse da vida pela ação; "Malazarte" é o domínio das cousas pela magia; "A viagem maravilhosa" é a libertação da liberdade, a fuga do efêmero pelo amôr".

E há, desse escritor profundo, desse revolucionário das nossas letras, as páginas deslumbrantes d'"A estética da vida", as de "Machado de Assis e Joaquim Nabuco" e as do "Espírito moderno", que tornaram também o saudoso membro da Academia Brasileira de Letras figura de destaque e marcado relêvo nas letras mundiais.

Entre os doze ou quinze romances brasileiros — de Bernardo Guimarães, José Antonio de Almeida, Taunay, Alencar, Machado, Pompéa, Neto, Aluizio, Graça, Afrânio, José Américo, Lima Barreto e outros — "Chanaan" tem um dos lugares primaciais. Mas "A viagem maravilhosa" é bem lançada, e fica na pequena galeria dos nossos romances imortais. Os personagens dançam dentro deste pequeno livro — expoente da Raça em suas diversas modalidades.

Deixemos de lado, propositadamente, a parte política da obra, vibrátil, sim, mas apaixonada e muita vez injusta. Passemos ao largo.

Concepção, análise, forma, estilo — tudo é literariamente deslumbrante nesta obra, que fica sendo uma das principais de Graça Aranha. Toda ela é sua aspiração, toda ela é o "Amanhã"!

\*\*\*

O Brasil é inquietante — pela sua vasta extensão, pelas suas modalidades de clima, pelas diferenças que há de Norte a Sul, desde o viver até às aspirações e aos sonhos. E na observação cheia de nuezas, ou na subtileza das entrelinhas, tudo está numa ronda impressionante dentro do poema maravilhoso "A viagem maravilhosa".

Livro de realidades literárias, de análises percucientes, de ensaios os mais altos e transcendentes, de flagrantes formidáveis, de verdades amargas e cruéis, fica na literatura brasileira como um dos padrões mais altos dos nossos valores e da nossa mentalidade.

Não conhecemos estilo mais nervoso, mais lúcido, mais claro, empolgante e tentador do que esse de Graça Aranha n'"A viagem maravilhosa"! É uma criação, uma revelação. Que idioma formidável é este nosso que, dentro da forma escoreita, consegue ser trepidante ou macio, e sempre suggestionador!

O pensamento artístico é alto, patriótico, reflexo dum civismo sério e construtor. "A viagem maravilhosa" é o momento brasileiro. É a harmonia. É o Brasil novo. É o pensamento pairando num vôo largo, acima das paixões subalternas. Vivemos a Vida!

Há em todo esse grande poema em prosa aquela doce fantasia de que nos falava Eça de Queiroz. O tema principal? É a velha e sempre nova canção do amôr. Tereza e Felipe são dois símbolos. Alegrias claras e dores comoventes... Depois do turbilhão, vem a calma. E, fonfonando, aparece o flagrante da figura já agora imortalizada de Radagasio, solene ou ridícula — tipo que entrou para a galeria imorredoura dos Príncipes e dos Acácios; que será ainda citada de momento a momento, na palestra esfusante ou

# GRAÇA ARANHA,

## — O RENOVADOR

RAUL DE AZEVEDO

(Da Academia Amazonense de Letras)

Charles du Bos, no seu livro "Byron" — um estudo amplo surgido ao mesmo tempo que os dois volumes magníficos de André Maurois sobre o mesmo gênio — disse, referindo-se a este: "C'est un animal humain de la grand espèce". E sem favor, ao contrário num alto espírito de justiça, nós podemos aplicar a frase lapidar a Graça Aranha, a propósito daquele seu livro que é um romance nacional — "A viagem maravilhosa".

Já, nas letras patricias, esse acadêmico ao tempo se afirmara como um notável romancista e um extraordinário psicólogo, analista profundo da alma brasileira, dos nossos costumes e hábitos, das nossas belezas e vícios. Duma feita, escreveu Ronald de Carvalho esta verdade incontestável: "o lirismo genial de Graça Aranha criou três símbolos imortais: "Chanaan" é a posse da vida pela ação; "Malazarte" é o domínio das coisas pela magia; "A viagem maravilhosa" é a libertação da liberdade, a fuga do efêmero pelo amôr".

E há, desse escritor profundo, desse revolucionário das nossas letras, as páginas deslumbrantes d'"A estética da vida", as de "Machado de Assis e Joaquim Nabuco" e as do "Espírito moderno", que tornaram também o saudoso membro da Academia Brasileira de Letras figura de destaque e marcado relêvo nas letras mundiais.

Entre os doze ou quinze romances brasileiros — de Bernardo Guimarães, José Antonio de Almeida, Taunay, Alencar, Machado, Pompéia, Neto, Aluizio, Graça, Afrânio, José Américo, Lima Barreto e outros — "Chanaan" tem um dos lugares primaciais. Mas "A viagem maravilhosa" é bem lançada, e fica na pequena galeria dos nossos romances imortais. Os personagens dançam dentro deste pequeno livro — expoente da Raça em suas diversas modalidades.

Deixemos de lado, propositadamente, a parte política da obra, vibrátil, sim, mas apaixonada e muita vez injusta. Passemos ao largo.

Concepção, análise, forma, estilo — tudo é literariamente deslumbrante nesta obra, que fica sendo uma das principais de Graça Aranha. Toda ela é sua aspiração, toda ela é o "Amanhã"!

\*\*\*

O Brasil é inquietante — pela sua vasta extensão, pelas suas modalidades de clima, pelas diferenças que há de Norte a Sul, desde o viver até às aspirações e aos sonhos. E na observação cheia de nuances, ou na sutileza das entrelinhas, tudo está numa ronda impressionante dentro do poema maravilhoso "A viagem maravilhosa".

Livro de realidades literárias, de análises percucientes, de ensaios os mais altos e transcendentes, de flagrantes formidáveis, de verdades amargas e cruéis, fica na literatura brasileira como um dos padrões mais altos dos nossos valores e da nossa mentalidade.

Não conhecemos estilo mais nervoso, mais lícido, mais claro, empolgante e tentador do que esse de Graça Aranha n'"A viagem maravilhosa"! É uma criação, uma revelação. Que idioma formidável é este nosso que, dentro da forma escoreita, consegue ser trepidante ou macio, e sempre suggestionador!

O pensamento artístico é alto, patriótico, reflexo dum civismo sério e construtor. "A viagem maravilhosa" é o momento brasileiro. É a harmonia. É o Brasil novo. É o pensamento pairando num vôo largo, acima das paixões subalternas. Vivemos a Vida!

Há em todo esse grande poema em prosa aquela doce fantasia de que nos falava Eça de Queiroz. O tema principal? É a velha e sempre nova canção do amôr. Tereza e Felipe são dois símbolos. Alegrias claras e dores comoventes... Depois do turbilhão, vem a calma. E, fonfonando, aparece o flagrante da figura já agora imortalizada de Radagasio, solene ou ridícula — tipo que entrou para a galeria imorredoura dos Príncipes e dos Acácios; que será ainda citada de momento a momento, na palestra esfusante ou





Homenagem a Tiradentes no município de Bacabal, realizada na "Escola José Bonifácio na vila do Jejú

no artigo pesado de jornal. E o leitor atento do volume reconhecerá logo, pelo menos, um Redagário em cada província ou, na capital, ou dúzias deles...

Longe de nós a idéia de minuciar o romance, de pormenorizá-lo, numa página de revista, anos após o seu aparecimento. Não. Esse prazer intelectual, essa apurada volúpia literária, deixamos ao leitor, que surpreenderá o autor no seu caminhar para a luz, que adivinhará o seu pensamento seguro, e que, página a página, verá a observação formidável, dentro dum estílo que é um clarão, e com uma finalidade artística que honra a Pátria.

Anos e anos Graça Aranha, beneditino da Arte, levou cinzelando este Livro, que é um grande livro. Obra de sociólogo, obra de romancista. Ela não passará. E de hoje ha cincoenta annos, "A viagem maravilhosa" será sempre citada como um dos maiores e dos mais famosos romances da lingua portuguesa.

\*\*\*

Querem uma página descritiva? "A malta e a caçada dos caitetús" é das mais brilhantes do nosso idioma: "A floresta maravilha-se na formidável explosão de plantas, árvores, pássaros répteis e feras. A imaginação encanta-se no terror. Os seres são irreais. A mata procria a floresta de mitos. A volúpia corre, arrebatada, transfigura. A combustão abrasa, alucina. Febre de exaltação, delírio, perdição, aniquilamento. O mistério eterniza-se. A magia seduz e abisma

Mistério, magia, luxúria, imensidade, criação, terror, tudo é o sortilégio do Brasil. As cabeças dos caitetús, estranhos corações humanos sangram. No sangue florestal correm a vida, o desejo, a ferocidade".

Se todo ser humano tem um vício, um ou mais, embora diversos, o brasileiro tem um vício generalizado — o carnaval. É a época da folia, do zabumba, dos "confetti" e da serpentina torcicolada e do samba, o prazer do éter, transformando-se em loucura nacional. Bairam no ar, misturados, o cheiro acre dos corpos magníficos das mulheres formosas e o dos lança-perfumes perturbadores. Grisalhantes, passam os palhaços desconsolados e as outrora ingênuas colombianas...

Graça Aranha descreve, palpitante, flagrante de verdades rubras, o inconfundível carnaval carioca. Todo mundo, quasi todos os nossos grandes escritores, têm pintado na prosa forte os nossos terríveis e adoráveis dias de Momo. Ninguém, ninguém como Graça Aranha! Apreciai, gozando, apenas alguns períodos de uma rara vibratilidade: "Alguns dias depois explode em baixo o Carnaval. Maravilha de ruido, encantamento de barulho. Zépereira, bumba, bumba. Viola chora e espinotéia. Melopéia negra, melosa, feiticieira, candoblé. Tudo é instrumento, flauta, violões, reco-reco, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do fúpeto musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se,



Homenagem a Tiradentes no município de Bacabal, realizada na "Escola José Bonifácio na vila do Jejú

no artigo pesado de jornal. E o leitor atento do volume reconhecerá logo, pelo menos, um Redagário em cada província ou, na capital, ou dúzias deles...

Longe de nós a idéia de minuciar o romance, de pormenorizá-lo, numa página de revista, anos após o seu aparecimento. Não. Esse prazer intelectual, essa apurada volúpia literária, deixamos ao leitor, que surpreenderá o autor no seu caminhar para a luz, que adivinhará o seu pensamento seguro, e que, página a página, verá a observação formidável, dentro dum estílo que é um clarão, e com uma finalidade artística que honra a Pátria.

Anos e anos Graça Aranha, beneditino da Arte, levou cinzelando este Livro, que é um grande livro. Obra de sociólogo, obra de romancista. Ela não passará. E de hoje ha cincoenta annos, "A viagem maravilhosa" será sempre citada como um dos maiores e dos mais famosos romances da lingua portuguesa.

\*\*\*

Querem uma página descritiva? "A malta e a caçada dos caitetús" é das mais brilhantes do nosso idioma: "A floresta maravilha-se na formidável explosão de plantas, árvores, pássaros répteis e feras. A imaginação encanta-se no terror. Os seres são irreais. A mata procria a floresta de mitos. A volúpia corre, arrebatada, transfigura. A combustão abrasa, alucina. Febre de exaltação, delírio, perdição, aniquilamento. O mistério eterniza-se. A magia seduz e abisma

Mistério, magia, luxúria, imensidade, criação, terror, tudo é o sortilégio do Brasil. As cabeças dos caitetús, estranhos corações humanos sangram. No sangue florestal correm a vida, o desejo, a ferocidade".

Se todo ser humano tem um vício, um ou mais, embora diversos, o brasileiro tem um vício generalizado — o carnaval. É a época da folia, do zabumba, dos "confetti" e da serpentina torcicolada e do samba, o prazer do éter, transformando-se em loucura nacional. Bairam no ar, misturados, o cheiro acre dos corpos magníficos das mulheres formosas e o dos lança-perfumes perturbadores. Grisalhantes, passam os palhaços desconsolados e as outrora ingênuas colombianas...

Graça Aranha descreve, palpitante, flagrante de verdades rubras, o inconfundível carnaval carioca. Todo mundo, quasi todos os nossos grandes escritores, têm pintado na prosa forte os nossos terríveis e adoráveis dias de Momo. Ninguém, ninguém como Graça Aranha! Apreciai, gozando, apenas alguns períodos de uma rara vibratilidade: "Alguns dias depois explode em baixo o Carnaval. Maravilha de ruído, encantamento de barulho. Zépereira, bumba, bumba. Viola chora e espinotéia. Melopéia negra, melosa, feiticieira, can-doblé. Tudo é instrumento, flauta, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do fúpeto musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se,





**BACABAL festejou de modo brilhante a passagem do natalício do exmo. sr. Presidente Vargas. Vem aqui dois aspectos dessas festas: o hasteamento e descida da Bandeira no predio da Prefeitura perante grande multidão**

berram, lutam, arrebatam no ar sonoro de ventos, vaías, claxons e aços estrepitosos.

cultural. Há uma bela orquestração. É sugestiva e amarga, há ainda a figura dessa criança complexa, dêsse Jujú, que é todo um impressionante poema de desejos e agonias...

Carnaval. Tudo se efemina. Glória da mulher. Ela, para êle e para ela. Inversão universal. Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retorno ancestral ao culto lunar, ao mistério noturno".

E quando o Mestre de "Chanaan" terminou esta página forte caiu com uma síncope.

\* \* \*

Graca Aranha foi um criador. Foi um pintor de tintas fortes. Há cambiantes de luz deramadas nestas páginas todas, na sua vasta obra

A hora literária que passa ainda é de incertezas e inquietações. Graca Aranha foi e é, dentro da nossa literatura, um condutor de homens. Escritor lapidar e seguro, tendo sabido manejar o idioma nosso com rara mestria, eloquentemente, modernamente, é um estilista que tem idéias e que sabe observar. Virtudes e defeitos, belezas e degradações, ridículos e crimes, ideais e realidades, tudo desfila nas páginas emocionantes deste seu livro, como dos seus outros principais. É a ronda do cérebro e do coração que passa, flagrante de verdades.





**BACABAL festejou de modo brilhante a passagem do natalício do exmo. sr. Presidente Vargas. Vem aqui dois aspectos dessas festas: o hasteamento e descida da Bandeira no predio da Prefeitura perante grande multidão**

berram, lutam, arrebatam no ar sonoro de ventos, vaías, claxons e aços estrepitosos.

cultural. Há uma bela orquestração. É sugestiva e amarga, há ainda a figura dessa criança complexa, dêsse Jujú, que é todo um impressionante poema de desejos e agonias...

Carnaval. Tudo se efemina. Glória da mulher. Ela, para êle e para ela. Inversão universal. Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retorno ancestral ao culto lunar, ao mistério noturno".

E quando o Mestre de "Chanaan" terminou esta página forte caiu com uma síncope.

\* \* \*

Graca Aranha foi um criador. Foi um pintor de tintas fortes. Há cambiantes de luz deramadas nestas páginas todas, na sua vasta obra

A hora literária que passa ainda é de incertezas e inquietações. Graca Aranha foi e é, dentro da nossa literatura, um condutor de homens. Escritor lapidar e seguro, tendo sabido manejar o idioma nosso com rara mestria, eloquentemente, modernamente, é um estilista que tem idéias e que sabe observar. Virtudes e defeitos, belezas e degradações, ridículos e crimes, ideais e realidades, tudo desfila nas páginas emocionantes deste seu livro, como dos seus outros principais. É a ronda do cérebro e do coração que passa, flagrante de verdades.



# POESIAS DO NOVO MUNDO

Amado Nervo, Ruben Dário e Santos Chocano representam três momentos definitivos da poesia americana. Suas mensagens poéticas foram recebidas por todos os povos do continente. Os seus versos são repetidos em todos os quadrantes do novo mundo, como uma expressão marcante da cultura continental.

## COBARDIA

Pasó con su madre. !Qué rara belleza!  
!Qué rubios cabelos de trigo garzul!  
!Qué ritmo en el paso! !Qué inata realza  
De porte! !Que formas bajo el fino tul!...

Pasó con su madre. Volvió la cabeza.  
!Me clavó muy hondo su mirada azul!  
Quedé como en éxtatis...

Con febril presura,  
"!Síguela", gritaron cuerpo y alma al par...

Pero tuve miedo de amar con locura,  
De abrir mis heridas, que suelen sangrar,  
Y no obstante toda mi sed de ternura.  
!Cerrando los ojos, la dejé pasar!

AMADO NERVO

## AMO, AMAS

Amar, amar, amar, amar, siempre, con todo  
El ser y con la tierra y con el cielo,  
Con lo claro del sol y lo obscuro del lodo:  
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.

Y cuando la montaña de la vida  
Nos' sea dura y alta y llena de abismos,  
Amar la inmensidad que es de amor encendida  
Y arder en la fusión de nuestros pechos mismos!

RUBEN DÁRIO

## LAS ORQUIDEAS

Caprichos de cristal, airoas galas  
de enigmáticas formas sorprendentes,  
diademas propias de apolíneas frentes,  
adornos dignos de fastuosas salas.

En los nudos de un tronco hacen escalas;  
y ensortijan sus tallos de serpientes,  
hasta quedar en la altitud pendientes,  
a manera de pájaros sin alas.

Tristes como cabezas pensativas,  
brotan ellas, sin torpes ligaduras  
de tirana raíz, libres y altivas;

porque también, con lo mezquino en guerra,  
quieren vivir, como las almas puras,  
sin un solo contacto con la tierra.

SANTOS CHOCANO



Senhorita Perolina Torres, secretária da Prefeitura de Bacabal, grande amiga de ATHENAS, em pôse especial, na sua carteira de trabalho

# POESIAS DO NOVO MUNDO

Amado Nervo, Ruben Dário e Santos Chocano representam três momentos definitivos da poesia americana. Suas mensagens poéticas foram recebidas por todos os povos do continente. Os seus versos são repetidos em todos os quadrantes do novo mundo, como uma expressão marcante da cultura continental.

## COBARDIA

Pasó con su madre. !Qué rara belleza!  
!Qué rubios cabelos de trigo garzul!  
!Qué ritmo en el paso! !Qué inata realza  
De porte! !Que formas bajo el fino tul!...

Pasó con su madre. Volvió la cabeza.  
!Me clavó muy hondo su mirada azul!  
Quedé como en éxtatis...

Con febril presura,  
"!Síguela", gritaron cuerpo y alma al par...

Pero tuve miedo de amar con locura,  
De abrir mis heridas, que suelen sangrar,  
Y no obstante toda mi sed de ternura.  
!Cerrando los ojos, la dejé pasar!

AMADO NERVO

## AMO, AMAS

Amar, amar, amar, amar, siempre, con todo  
El ser y con la tierra y con el cielo,  
Con lo claro del sol y lo obscuro del lodo:  
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.

Y cuando la montaña de la vida  
Nos' sea dura y alta y llena de abismos,  
Amar la inmensidad que es de amor encendida  
Y arder en la fusión de nuestros pechos mismos!

RUBEN D'ÁRIO

## LAS ORQUIDEAS

Caprichos de cristal, airoas galas  
de enigmáticas formas sorprendentes,  
diademas propias de apolíneas frentes,  
adornos dignos de fastuosas salas.

En los nudos de un tronco hacen escalas;  
y ensortijan sus tallos de serpientes,  
hasta quedar en la altitud pendientes,  
a manera de pájaros sin alas.

Tristes como cabezas pensativas,  
brotan ellas, sin torpes ligaduras  
de tirana raíz, libres y altivas;

porque también, con lo mezquino en guerra,  
quieren vivir, como las almas puras,  
sin un solo contacto con la tierra.

SANTOS CHOCANO



Senhorita Perolina Torres, secretária da Prefeitura de Bacabal, grande amiga de ATHENAS, em pôse especial, na sua carteira de trabalho



# Pescando tubarão, e... me adorando!

Por NENÉ MACAGGI

Lisete querida!

Tenho a dar-te a mais sensacional de todas as notícias, aquela que te vai deixar pasmada: caso-me amanhã, mas não com o Paulo, como tu pensavas...

En, que sempre tive horror aos estrangeiros, que na minha cuidada "coleção" só tive namorados brasileiros, caso-me por amor, com um estrangeiro, um russo que adoro, louca, apaixonadamente!

Se viesses "o meu pescador" como é bonito! Forte, alto, moreno e dos olhos azues, uns olhos maravilhosos, ternos, cheios de sentimentalismo e sinceridade, guardando dentro de si qualquer coisa de intátil que me atrai irresistivelmente.

Junka é uma criatura que o Destino favoreceu e ao mesmo tempo martirizou com toda a espécie de aventuras. Foi na sua mocidade infeliz, não te direi porque, pois isso não te interessaria. E devo também prevenir-te de que já não é criatur-

ca: tem quarenta e quatro anos, idade que acho linda para os homens!

Estou noiva há apenas dois meses, mas compreendo tão bem o meu russo como se o conhecesse há muitos anos, Lisete.

Bem sei que estás ansiosa para que eu te conte como o conheci. Satisfarei prontamente a tua curiosidade. Conheci o meu Junka no Maranhão (eu estava lá a serviço), onde se dedica a pesca do tubarão, que já lhe rendeu uma fortuna bem regular.

Todos me tinham a respeito da sua coragem e da sua vida solitária e pacata, de maneira que só isso me bastou para envidar todos os esforços afim de conhecê-lo. Aliás, quem nunca sentiu na vida extravagância de idéias e de desejos, que atire a primeira pedra!

Junka é um encanto nas suas explicações. Como é dezoito anos mais velho do que eu, trata-me como a uma criança, explicando-me tudo minuciosamente demais. Se o escutasse desere-



BARRA DO CORDA: 1) O interessante Augusto Galba, no dia de seu batismo, a 26 de janeiro, entre seis padrinhos cadête Francisco Falcão e senhorita Bemvinda Maranhão. 2) o casal Sebastião Maranhão e Nila Pires Falcão, pai de Augusto Galba

# Pescando tubarão, e... me adorando!

Por NENÉ MACAGGI

Lisete querida!

Tenho a dar-te a mais sensacional de todas as notícias, aquela que te vai deixar pasmada: caso-me amanhã, mas não com o Paulo, como tu pensavas...

En, que sempre tive horror aos estrangeiros, que na minha cuidada "coleção" só tive namorados brasileiros, caso-me por amor, com um estrangeiro, um russo que adoro, louca, apaixonadamente!

Se viesses "o meu pescador" como é bonito! Forte, alto, moreno e dos olhos azues, uns olhos maravilhosos, ternos, cheios de sentimentalismo e sinceridade, guardando dentro de si qualquer coisa de inatril que me atrai irresistivelmente.

Junka é uma criatura que o Destino favoreceu e ao mesmo tempo martirizou com toda a espécie de aventuras. Foi na sua mocidade infeliz, não te direi porque, pois isso não te interessaria. E devo também prevenir-te de que já não é criatura:

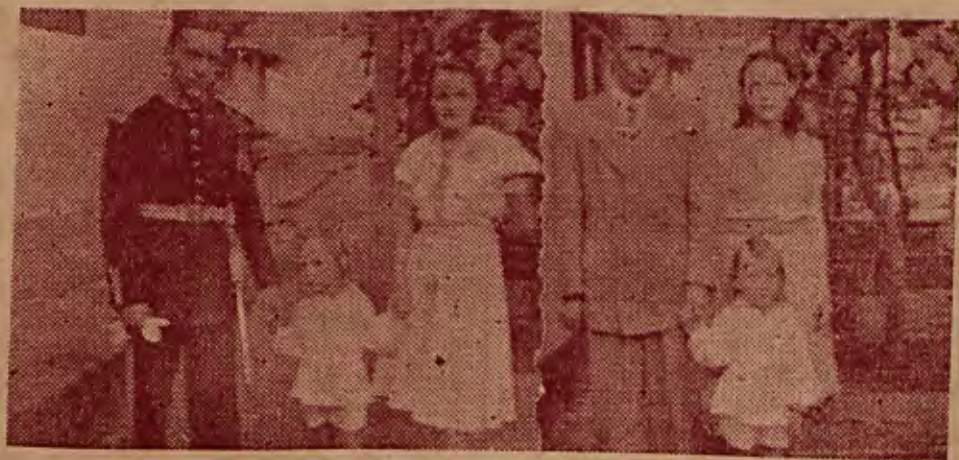
ca: tem quarenta e quatro anos, idade que acho linda para os homens!

Estou noiva há apenas dois meses, mas compreendo tão bem o meu russo como se o conhecesse há muitos anos, Lisete.

Bem sei que estás ansiosa para que eu te conte como o conheci. Satisfarei prontamente a tua curiosidade. Conheci o meu Junka no Maranhão (eu estava lá a serviço), onde se dedica a pesca do tubarão, que já lhe rendeu uma fortuna bem regular.

Todos me alavam a respeito da sua coragem e da sua vida solitária e pacata, de maneira que só isso me bastou para envidar todos os esforços afim de conhecê-lo. Aliás, quem nunca sentiu na vida extravagância de idéias e de desejos, que atire a primeira pedra!

Junka é um encanto nas suas explicações. Como é dezoito anos mais velho do que eu, trata-me como a uma criança, explicando-me tudo minuciosamente demais. Se o escutasse descre-



BARRA DO CORDA: 1) O interessante Augusto Galba, no dia de seu batismo, a 26 de janeiro, entre seis padrinhos cadêre Francisco Falcão e senhorita Bemvinda Maranhão. 2) o casal Sebastião Maranhão e Nila Pires Falcão, pai de Augusto Galba





O aniversário do Interventor Paulo Ramos foi comemorado condignamente, no Codó. Vêm-se aqui várias pessoas gradas da terra, que assistiram a missa em ação de graças mandada celebrar pelo sr. Jorge Alencar e família

vendo através de quasi todo o mundo! E a sua admiração pelo Brasil! E a sinceridade com que elógia as nossas cousas!

Ele diz que desde pequeno a sua paixão foi o mar e que preferiu fugir a estudar Medicina, como os pais desejavam, até que estes, vencidos pela saudade e talvez pelo remorso, fizeram-no voltar para casa e seguir a carreira que quizesse.

Foi em seguida para a Marinha, mas certas revoluções políticas estragaram-lhe a carreira e então, com alguns companheiros proscritos, deu-se ao Norte á industria da pesca da baleia e ao Brasil á do tubarão.

Se o visse me descrevendo a baleia, acharias graça nos seus pormenores!

—“Olha, Polaca (é assim que elle me chama, como a minha velhinha), eu pesquei a baleia e o baleotê a arpão, nos mares do Norte. Atinge a noventa pés de comprimento, com uma cauda de vinte pés de largura, tão forte que atira pelos ares uma chalupa. Respira por meio das narinas, abertas sobre a cabeça, pelas quais esguicha um jacto de agua que sobe a quatro ou cinco metros, formando um repuxo. Não possui dentes, mas tem na maxilla superior filamentos córneos e cerrados, que retêm os peixinhos com que se alimenta, porque, apesar de ter uma boca enorme, com seis metros de diametro, possui o esôfago estreitissimo, impedindo-a de engulir animais grandes.

Uma baleia de 26 metros de comprimento fornece em material puro mais de 20:000\$000. Dá

até 120 toneladas de oleo proveniente da canada de gordura que tem debaixo da pele nua e escura, sua protetora contra o frio da agua. Proporciona ainda o sêbo e suas barbatanas são empregadas na industria com grande aproveitamento.

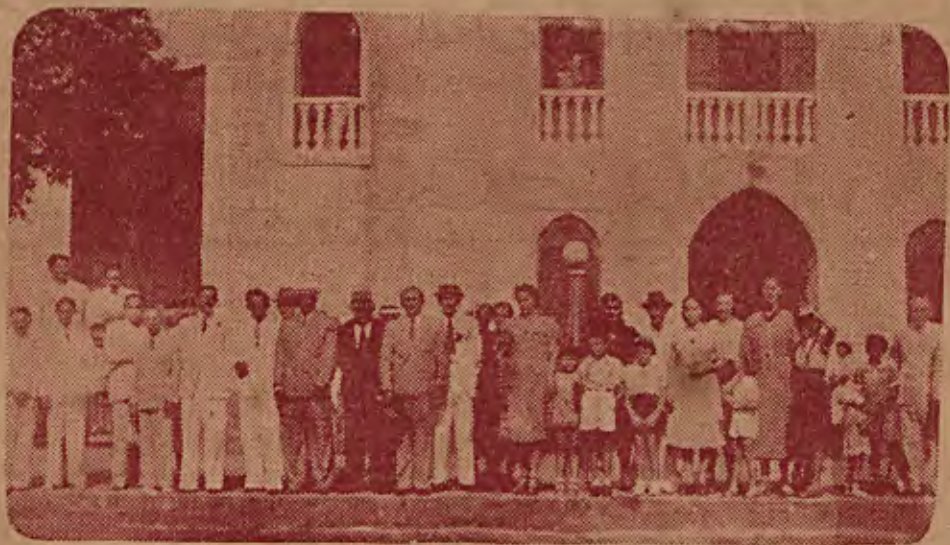
Depois do homem, seus maiores inimigos são o polvo, o espadarte, o urso branco e o cachalote. O cachalote tambem é enorme, atingindo até 16 metros de comprimento, seus intestinos segregam o amiar cinzento e sua cabeça, que forma dois terços do peso total, fornece o espermacete.

Mais de uma vez assisti a luta de um espadarte com uma baleia. Parecia um estrondo de artilharia, pelo barulho da rebanadas da baleia enfurecida, e o espadarte rodeava-a, escorando a ponta da cauda em posição quasi vertical, desferindo grandes e certos golpes de baixo para cima, cerrando, estraçalhando o enorme cetáceo com a espada, verdadeira navalha que é o seu órgão de defesa e de ataque. E sabes o que fez, depois de matá-la? Engoliu-lhe calmamente a lingua e foi atrás de novas victimas”...

E a respeito do tubarão, Lisete, que encanto!

—“Não fazes idéa, Polaca, de como a “hiena do mar” é util!

Em toda a costa brasileira até o Ceará, vive o monstro em cardumes, comendo mais de 10 quilos de peixe por dia. E está sempre pronto a devorar o que lhe caia perto, com os seus 400 dentes pontecudos, móveis e dispostos em ar-



O aniversário do Interventor Paulo Ramos foi comemorado condignamente, no Codó. Vêm-se aqui várias pessoas gradas da terra, que assistiram a missa em ação de graças mandada celebrar pelo sr. Jorge Alencar e família

vendo através de quasi todo o mundo! E a sua admiração pelo Brasil! E a sinceridade com que elógia as nossas cousas!

Ele diz que desde pequeno a sua paixão foi o mar e que preferiu fugir a estudar Medicina, como os pais desejavam, até que estes, vencidos pela saudade e talvez pelo remorso, fizeram-no voltar para casa e seguir a carreira que quizesse.

Foi em seguida para a Marinha, mas certas revoluções políticas estragaram-lhe a carreira e então, com alguns companheiros proscritos, deu-se no Norte á industria da pesca da baleia e no Brasil á do tubarão.

Se o visse me descrevendo a baleia, acharias graça nos seus pormenores!

—“Olha, Polaca (é assim que êle me chama, como a minha velhinha), eu pesquei a baleia e o baleotê a arpão, nos mares do Norte. Atinge a noventa pés de comprimento, com uma cauda de vinte, pés de largura, tão forte que atira pelos ares uma chalupa. Respira por meio das narinas, abertas sobre a cabeça, pelas quais esguicha um jacto de agua que sóbe a quatro ou cinco metros, formando um repuxo. Não possui dentes, mas tem na maxilla superior filamentos córneos e cerrados, que retêm os peixinhos com que se alimenta, porque, apesar de ter uma boca enorme, com seis metros de diametro, possui o esôfago estreitissimo, impedindo-a de engulir animais grandes.

Uma baleia de 26 metros de comprimento fornece em material puro mais de 20:000\$000. Dá

até 120 toneladas de oleo proveniente da canada de gordura que tem debaixo da pele nua e escura, sua protetora contra o frio da água. Proporciona ainda o sêbo e suas barbatanas são empregadas na industria com grande aproveitamento.

Depois do homem, seus maiores inimigos são o polvo, o espadarte, o urso branco e o cachalote. O cachalote tambem é enorme, atingindo até 16 metros de comprimento, seus intestinos segregam o amiar cinzento e sua cabeça, que forma dois terços do peso total, fornece o espermacete.

Mais de uma vez assisti a luta de um espadarte com uma baleia. Parecia um estrondo de artilharia, pelo barulho da rebanadas da baleia enfurecida, e o espadarte rodeava-a, escorando a ponta da cauda em posição quasi vertical, desferindo grandes e certos golpes de baixo para cima, cerrando, estraçalhando o enorme cetáceo com a espada, verdadeira navalha que é o seu órgão de defesa e de ataque. E sabes o que fez, depois de matá-la? Engoliu-lhe calmamente a lingua e foi atrás de novas victimas”...

E a respeito do tubarão, Lisete, que encanto!

—“Não fazes idéa, Polaca, de como a “hiena do mar” é util!

Em toda a costa brasileira até o Ceará, vive o monstro em cardumes, comendo mais de 10 quilos de peixe por dia. E está sempre pronto a devorar o que lhe caia perto, com os seus 400 dentes pontecagudos, móveis e dispostos em ar-



leiras, podendo o animal levantá-los ou abaixá-los á vontade.

Nem todos, porém, têm dentes, engulindo alguns por sucção.

Seu olfato é tão sutil, que pressente os cadáveres cinco milhas de distancia e sua audição é tão aguçada que ele vem das profundidades oceânicas á superfície logo que ouve o rumor de vozes humanas!

Tudo se aproveita dêsse monstro! Do buxo tira-se a pelica para as luvas; da espinha, o marfim para a fabricação dos castões de bengalas e bijouterias; da pele, aliás de ótima impermeabilidade, como para sapatos e até "manteaux", das barbatanas, que atingem ás véses a um metro de comprimento, excelente cóla.

Mas do que faço absoluta questão é do fígado, cujo óleo é muito mais rico do que o do bacalhão em vitaminas A e D. Cada fígado de tubarão dá a extrair quasi 20 litros de óleo.

Só nas costas dêsse adorável Maranhão ha 12 espécies, sendo principais: o "urumarú", de pele bellissima, dono de dois aparelhos genitais, cuja fema possui também dois uteros, guardando no direito os filhos machos e no esquerdo as fêmeas, num total de 48 tubarõeszinhos, os quais na época da desova são largados juntos das praias; o "espadarte", a "titureira", que canta como galo e tem o ventre parecido com o couro de uma tigre, o "rodelis", o "correcosta ou cação" etc., etc.

Tenho pescado aqui mesmo tubarões com 300 quilos de pêso e mais de 5 metros de comprimento. Pesco-o com rêdes bem fortes ou mesmo com um anzol especial, bem grosso, rodeado de correntes para que o gigante não corte a corda, aliás compridíssima.

Já perdi quatro homens que êles devoraram. E eu, que tanto perigo corro na minha busca a êsses monstros, que vivo mais no mar de que em terra, vim a lutar com uma tintureira onde? Rente a uma praia! Consegui fugir, mas a malvada me carregou um pedaço do braço!"

De fato, Lisete, meu amor, cujo corpo é sedutoramente perfeito, tem um ombro deformado até o anti-braço. E foi por verdadeiro milagre que a tintureira não lhe arrancou o braço inteiro...

Mas de que me importa isso, se eu o amo tanto?

E quando se ama, não se notam defeitos, não é?

Além disso, com geito e carinho fi-lo gostar de tudo o que eu apprecio! Ele, que parecia não ter alma, que era só feito de musculos e ossos, avesso ás artes e á literatura, hoje estima a poesia e admira a música, a dança e a pintura! E acima de tudo... me adora?

## AO DR. GETULIO VARGAS

Um laço, um elo indestrutível, forte,  
Dêsde as plagas do sul até o norte,  
Une um país inteiro.  
E ao ilustre varão, com simpatia,  
Vem um preto render, cheio d'alegria,  
O povo brasileiro.

Salve, Getulio! O' tu que modelando  
Outro Brasil, feliz, vais escutando  
As benções da nação  
Que congregada, hoje, em um sentimento  
Puro e leal, bendiz, neste momento,  
Teu nobre coração.

Novo Artista do Bem, a tua obra  
Fecunda e grande, mostrará de sobra,  
Nação unida e forte!  
Assim, recebe as ovações de um povo,  
O' grande creador do Brasil Novo,  
Desde o sul até o norte!

MARIANA LUZ

—Declamada pela menina Peta Busar, por ocasião da inauguração da Escola "Getulio Vargas", Itapecurú-Mirim, no dia 19 de abril do corrente ano.

Porém não me quero tornar mais extensa, minha doce amiga, porque tenho muito que fazer e daqui a meia hora meu Juka me virá buscar, afim de irmos fazer as ultimas compras de solteiros...

Como sou e quanto irei ser feliz, minha boa Lisete! Não calcula quanto admiro meu noivo!

E de amanhã em diante iremos viver numa indestrutível comunhão físico-espiritual, saboreando da vida tudo o que ela nos possa dar! Cansados do isolamento voluntário a que nos entregámos, daremos um ao outro o calor, a alegria, a coragem da compreensão mútua, o carinho e sobretudo o amor, essa maravilhosa força criadora que me domina e convulsiona os nervos, que me atordôa o coração e que me torna a mais apaixonada e a mais amante de todas as mulheres!

Perdôa a minha expansão um tanto fóra da época, Lisete, e recebe, já que não poderás vir até aqui, um saudoso e apertadíssimo abraço de tua amiga.

S. Luiz do Maranhão, dezembro de 1940

leiras, podendo o animal levantá-los ou abaixá-los á vontade.

Nem todos, porém, têm dentes, engulindo alguns por sucção.

Seu olfato é tão sutil, que pressente os cadáveres cinco milhas de distancia e sua audição é tão aguçada que ele vem das profundidades oceânicas á superfície logo que ouve o rumor de vozes humanas!

Tudo se aproveita dêsse monstro! Do buxo tira-se a pelica para as luvas; da espinha, o marfim para a fabricação dos castões de bengalas e bijouterias; da pele, aliás de ótima impermeabilidade, como para sapatos e até "manteaux", das barbatanas, que atingem ás véses a um metro de comprimento, excelente cóla.

Mas do que faço absoluta questão é do fígado, cujo óleo é muito mais rico do que o do bacalhão em vitaminas A e D. Cada fígado de tubarão dá a extrair quasi 20 litros de óleo.

Só nas costas dêsse adorável Maranhão ha 12 espécies, sendo principais: o "urumarú", de pele bellissima, dono de dois aparelhos genitais, cuja fema possui também dois uteros, guardando no direito os filhos machos e no esquerdo as fêmeas, num total de 48 tubarõeszinhos, os quais na época da desova são largados juntos das praias; o "espadarte", a "tintureira", que canta como galo e tem o ventre parecido com o couro de uma tigre, o "rodelis", o "correstoca ou cação" etc., etc.

Tenho pescado aqui mesmo tubarões com 300 quilos de pêso e mais de 5 metros de comprimento. Pesco-o com rêdes bem fortes ou mesmo com um anzol especial, bem grosso, rodeado de correntes para que o gigante não corte a corda, aliás compridíssima.

Já perdi quatro homens que êles devoraram. E eu, que tanto perigo corro na minha busca a êsses monstros, que vivo mais no mar de que em terra, vim a lutar com uma tintureira onde? Rente a uma praia! Consegui fugir, mas a malvada me carregou um pedaço do braço!"

De fâto, Lisete, meu amôr, cujo corpo é sedutoramente perfeito, tem um ombro deformado até o anti-braço, e foi por verdadeiro milagre que a tintureira não lhe arrancou o braço inteiro...

Mas de que me importa isso, se eu o amo tanto?

E quando se ama, não se notam defeitos, não é?

Além disso, com geito e carinho fi-lo gostar de tudo o que eu apprecio! Ele, que parecia não têr alma, que era só feito de musculos e ossos, avesso ás artes e á literatura, hoje estima a poesia e admira a música, a dança e a pintura! E acima de tudo... me adora?

## AO DR. GETULIO VARGAS

Um laço, um êlo indestrutível, forte,  
Dêsde as plagas do sul até o norte,  
Une um país inteiro.  
E ao ilustre varão, com simpatia,  
Vem um preto render, cheio d'alegria,  
O povo brasileiro.

Salve, Getulio! O' tu que modelando  
Outro Brasil, feliz, vais escutando  
As benções da nação  
Que congregada, hoje, em um sentimento  
Puro e leal, bendiz, neste momento,  
Teu nobre coração.

Novo Artista do Bem, a tua obra  
Fecunda e grande, mostrará de sobra,  
Nação unida e forte!  
Assim, recebe as ovações de um povo,  
O' grande creador do Brasil Novo,  
Desde o sul até o norte!

MARIANA LUZ

—Declamada pela menina Peta Busar, por ocasião da inauguração da Escola "Getulio Vargas", Itapecurú-Mirim, no dia 19 de abril do corrente ano.

Porém não me quero tornar mais extensa, minha doce amiga, porque tenho muito que fazer e daqui a meia hora meu Juka me virá buscar, afim de irmos fazer as ultimas compras de solteiros...

Como sou e quanto irei ser feliz, minha bôa Lisete! Não calcula quanto admiro meu noivo!

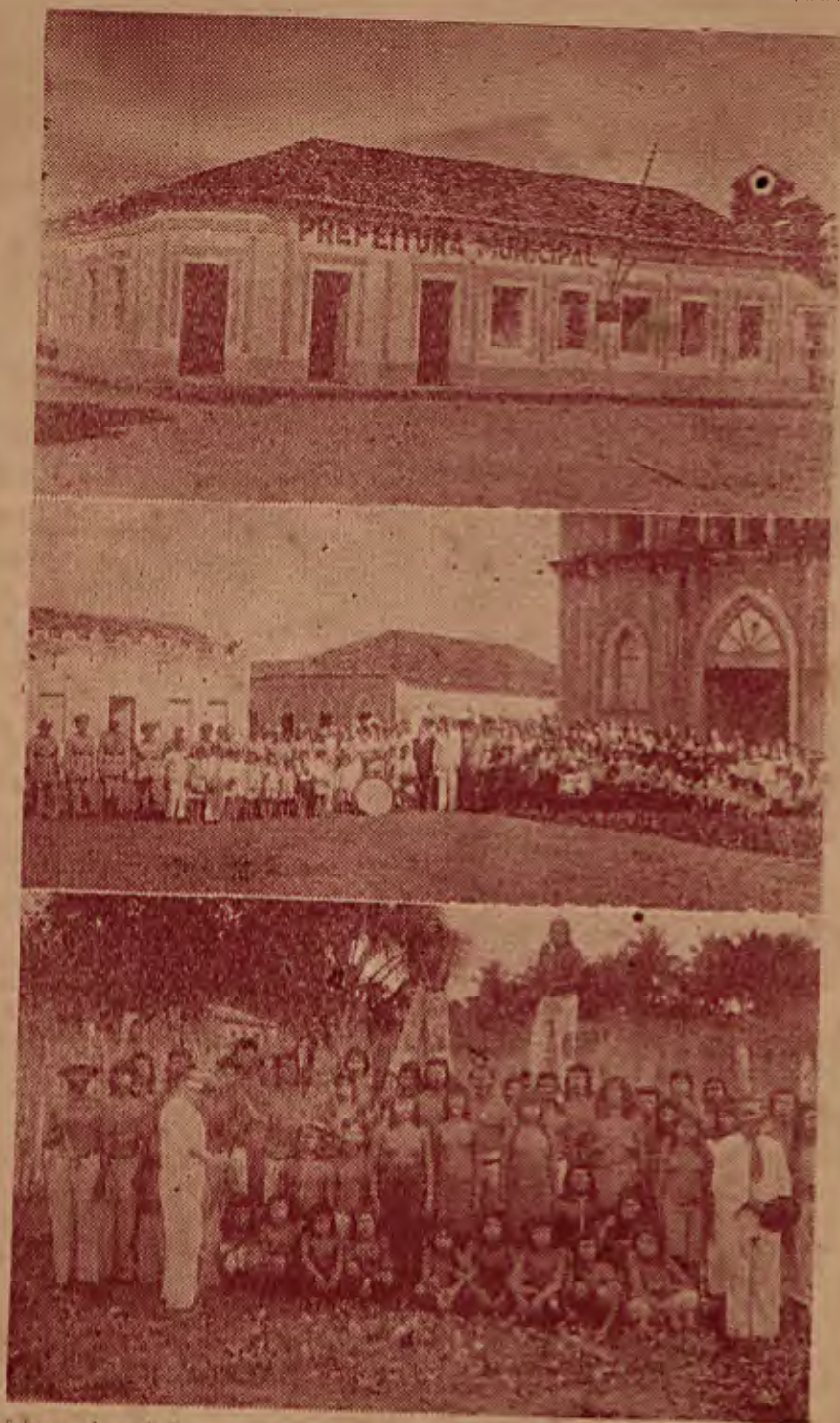
E de amanhã em diante iremos viver numa indestrutível comunhão físico-espiritual, saboreando da vida tudo o que ela nos possa dar! Cansados do isolamento voluntário a que nos entregámos, daremos um ao outro o calor, a alegria, a coragem da compreensão mútua, o carinho e sobretudo o amôr, essa maravilhosa força criadora que me domina e convulsiona os nervos, que me atordôa o coração e que me torna a mais apaixonada e a mais amante de todas as mulheres!

Perdôa a minha expansão um tanto fóra da época, Lisete, e recebe, já que não poderás vir até aqui, um saudoso e apertadíssimo abraço de tua amiga.

S. Luiz do Maranhão, dezembro de 1940



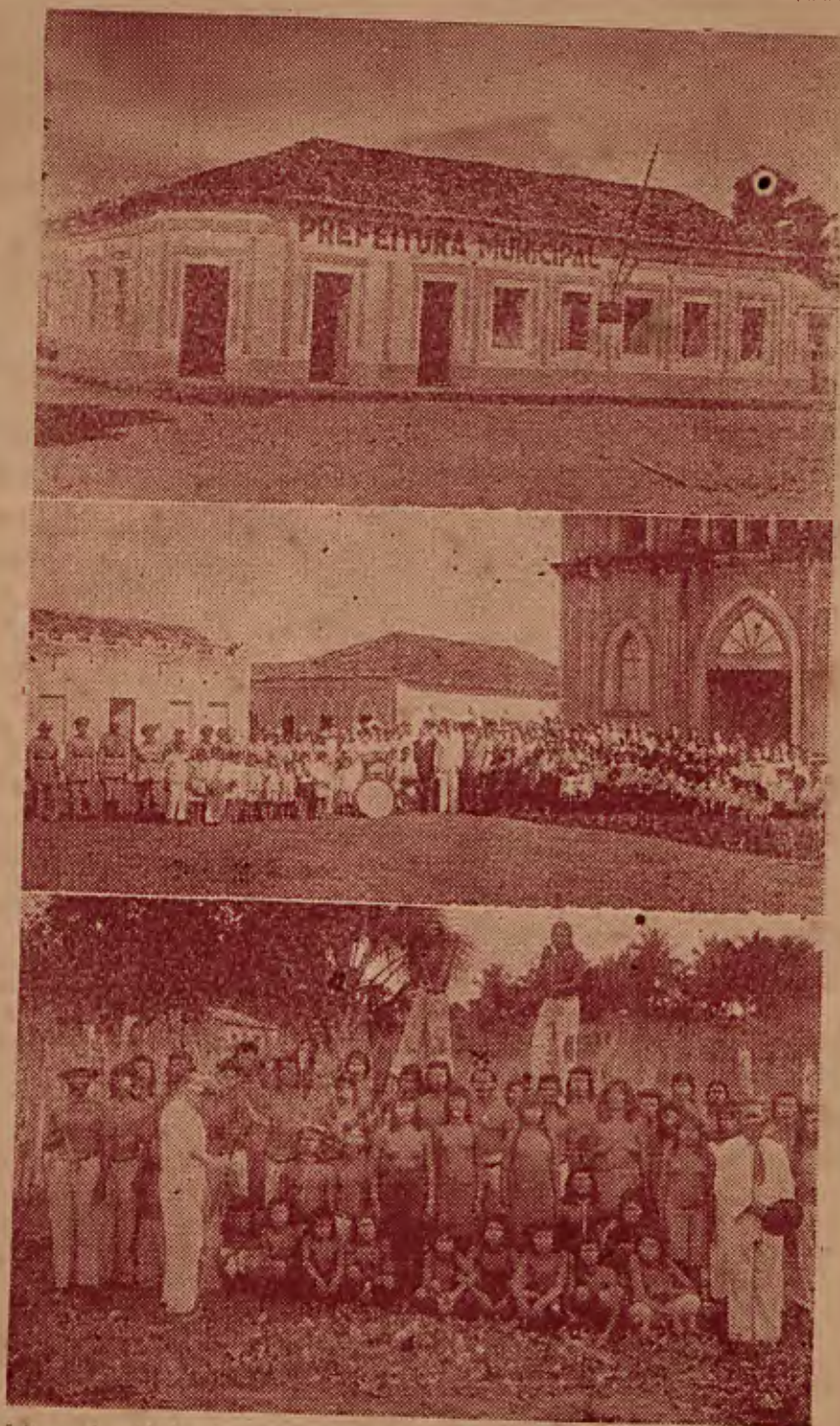
# CAROLINA EM TRES ASPECTOS



1) Prefeitura da cidade tocantina. 2) aspecto tomado após a missa em ação de graças no primeiro aniversário de administração do prefeito sr. João Coêlho Matos. 3) grupo de índias Crãos, remanescentes dos trucidamentos levados a efeito em Goiás por fazendeiros goianos



# CAROLINA EM TRES ASPECTOS



1) Prefeitura da cidade tocantina. 2) aspecto tomado após a missa em ação de graças no primeiro aniversário de administração do prefeito sr. João Coêlho Matos. 3) grupo de índias Crãos, remanescentes dos trucidamentos levados a efeito em Goiás por fazendeiros goianos



# HOMENAGEM ÀS ÁRVORES MORTAS

ALBERTO CARLOS DE ASSUNÇÃO

Oh! árvores que tanto admirei,  
Em duas grandes praças da cidades!  
Quantas vezes, fugindo á crueldade  
De nosso sol ardente, me abriguei  
Sob vossas copadas generosas,  
Que davam sombras frescas, tão amigas!  
De quantas bençãos vos cobri, pensando  
Como são diferentes do egoísmo,  
Que tão fundo corrompe a gente humana,  
As vossas acolhidas carinhosas;  
O vosso esforço, os galhos espalhando  
P'ra formar a copada soberana  
E cobrir num gesto de altruismo,  
Que só têm os mais ternos corações.  
Esses mesinos — horror! — que hoje empunhando  
O machado assassino vos mataram!  
E' que eles nunca ouviam as lições  
Que vossos troncos mudos nos prégarão:  
Que só de vós aprendemos quando a brisa  
E vossas fôlhas, muito de mansinho  
Nos contaram segredos do outro mundo.  
E agora, em vez do bosque, que reunidas  
Compunheis com beleza sem igual.  
Vossos algozes mãos aí plantaram  
Um famoso jardim, estilo inglês.  
Ostentando uma ninfa semi-nua,  
Mal deitada em um curto pedestal,  
Jarrões de barro, estilo português...  
Vive a chorar o pobre de saudade  
De sua pátria longinqua e nevoenta:  
Nada do que é bem nosso nêle assenta:  
De maneira que nada justifica  
E nem de longe o crime mal encobre  
De tão crúa e feroz, depredação!  
Cada vez que aí passo revoltado  
Contra tão criminosa impiedade,  
Fico a pensar porque nosso urbanista  
Se teria esquecido do Chorão  
Que num canto da Praça está de pé.  
O garôto que tem alma santista,  
Ao ver-nos perguntar qual o motivo  
Dessa injustificavel excepção,  
Em favor de um tristissimo Chorão,  
Explicou com a graça peculiar  
A todos os garôtos dêste mundo:  
Que ele ficou ali para chorar  
De saudade do bosque que cortaram,  
Porque o povo já em si não tem mais fé,  
Nem forças, nem coragem p'ra guardar,

Tudo quanto de mais precioso tem.  
E se eu fosse falar toda a verdade  
Eu mesmo creio que não tinha fim...  
"Mas se o Chorão que ainda está de pé  
—Dissemos nós ao nosso garotinho —  
Para verter perenemente o pranto.  
Como não chorará pelo jardim  
Que aí está pobrezinho a sofrer tanto.  
Naquele descampado ao sol exposto,  
Com saudade das nevoas de sua terra  
Vivendo no Brasil a contragosto!"  
E o garôto sorriu da ingenuidade  
Com que tivemos pena da má sorte  
Do orgulhoso jardim, estilo inglês:  
"Não sei se expliquei bem como queria...  
Mas sendo como sou um bom garôto,  
Mesmo sendo eu assim tão pobresinho,  
Posso ser malcriado, ser marôto  
Mas digo as coisas como as coisas são.  
Se não gostarem, que fazer? paciência.  
Quem mandou o Chorão ser tão manhoso.  
E porque é que o deixaram lá sózinho.  
Para viver como vive desgostoso?"  
Achámos o garôto com razão  
E que falou até com eloquência:  
Mas o que de explicar êle esqueceu-se  
Foi que de todo o pranto do Chorão  
O mais amargo e mais sincero foi  
O que traduz melhor toda a revolta.  
Do povo que sofreu resignado  
Essa horrenda e cruel depredação!  
Não ha quem não esteja convencido  
Que cortar uma árvore é um grande mal  
Que a todo o custo deve-se evitar,  
Guardando-a sempre com o maior carinho;  
Devô mesmo dizer — com zêlo tal  
Que antes pareça culto e devoção,  
Como certo teria o passarinho  
Que, aos seus ramos confiando a própria sorte  
Dos queridos filhotes do seu ninho,  
Tudo fazia para defendê-la  
Contra as iras terríveis do tufão,  
Pudessem como nós rogar a Deus,  
E um bando dêles voaria aos céos  
Acusar-nos do crime que fizemos  
Para o qual nem sabemos se ha perdão!  
Ao povo pois de Santos apelemos  
Para que nunca mais aqui se corte  
Uma arvore sequer desta cidade,

# HOMENAGEM ÀS ÁRVORES MORTAS

ALBERTO CARLOS DE ASSUNÇÃO

Oh! árvores que tanto admirei,  
Em duas grandes praças da cidades!  
Quantas vezes, fugindo á crueldade  
De nosso sol ardente, me abriguei  
Sob vossas copadas generosas,  
Que davam sombras frescas, tão amigas!  
De quantas bençãos vos cobri, pensando  
Como são diferentes do egoísmo,  
Que tão fundo corrompe a gente humana,  
As vossas acolhidas carinhosas;  
O vosso esforço, os galhos espalhando  
P'ra formar a copada soberana  
E cobrir num gesto de altruísmo,  
Que só têm os mais ternos corações.  
Esses mesinos — horror! — que hoje empunhando  
O machado assassino vos mataram!  
E' que eles nunca ouviam as lições  
Que vossos troncos mudos nos prégarão:  
Que só de vós aprendemos quando a brisa  
E vossas fôlhas, muito de mansinho  
Nos contaram segredos do outro mundo.  
E agora, em vez do bosque, que reunidas  
Compunheis com beleza sem igual.  
Vossos algozes mãos aí plantaram  
Um famoso jardim, estilo inglês.  
Ostentando uma ninfa semi-nua,  
Mal deitada em um curto pedestal,  
Jarrões de barro, estilo português...  
Vive a chorar o pobre de saudade  
De sua pátria longinqua e nevoenta:  
Nada do que é bem nosso nêle assenta:  
De maneira que nada justifica  
E nem de longe o crime mal encobre  
De tão crúa e feroz, depredação!  
Cada vez que aí passo revoltado  
Contra tão criminosa impiedade,  
Fico a pensar porque nosso urbanista  
Se teria esquecido do Chorão  
Que num canto da Praça está de pé.  
O garôto que tem alma santista,  
Ao ver-nos perguntar qual o motivo  
Dessa injustificavel excepção,  
Em favor de um tristissimo Chorão,  
Explicou com a graça peculiar  
A todos os garôtos dêste mundo:  
Que ele ficou ali para chorar  
De saudade do bosque que cortaram,  
Porque o povo já em si não tem mais fé,  
Nem forças, nem coragem p'ra guardar,

Tudo quanto de mais precioso tem.  
E se eu fosse falar toda a verdade  
Eu mesmo creio que não tinha fim...  
"Mas se o Chorão que ainda está de pé  
—Dissemos nós ao nosso garotinho —  
Para verter perenemente o pranto.  
Como não chorará pelo jardim  
Que aí está pobrezinho a sofrer tanto.  
Naquele descampado ao sol exposto,  
Com saudade das nevoas de sua terra  
Vivendo no Brasil a contragosto!"  
E o garôto sorriu da ingenuidade  
Com que tivemos pena da má sorte  
Do orgulhoso jardim, estilo inglês:  
"Não sei se expliquei bem como queria...  
Mas sendo como sou um bom garôto,  
Mesmo sendo eu assim tão pobresinho,  
Posso ser malcriado, ser marôto  
Mas digo as coisas como as coisas são.  
Se não gostarem, que fazer? paciência.  
Quem mandou o Chorão ser tão manhoso.  
E porque é que o deixaram lá sózinho.  
Para viver como vive desgostoso?"  
Achámos o garôto com razão  
E que falou até com eloquência:  
Mas o que de explicar êle esqueceu-se  
Foi que de todo o pranto do Chorão  
O mais amargo e mais sincero foi  
O que traduz melhor toda a revolta.  
Do povo que sofreu resignado  
Essa horrenda e cruel depredação!  
Não ha quem não esteja convencido  
Que cortar uma árvore é um grande mal  
Que a todo o custo deve-se evitar,  
Guardando-a sempre com o maior carinho;  
Devô mesmo dizer — com zêlo tal  
Que antes pareça culto e devoção,  
Como certo teria o passarinho  
Que, aos seus ramos confiando a própria sorte  
Dos queridos filhotes do seu ninho,  
Tudo fazia para defendê-la  
Contra as iras terríveis do tufão,  
Pudessem como nós rogar a Deus,  
E um bando dêles voaria aos céos  
Acusar-nos do crime que fizemos  
Para o qual nem sabemos se ha perdão!  
Ao povo pois de Santos apelemos  
Para que nunca mais aqui se córte  
Uma arvore sequer desta cidade,



# O EMBAIXADOR DA SIMPATIA



O Presidente Roosevelt tem enviado a todos os recantos do mundo embaixadores políticos, economicos, da boa vizinhança e amizade. Agora, porém, manda-nos Douglas Fairbanks Junior, o popular astro cinematográfico, que tão justamente é cognominado pelos cariocas como o “Embaixador da Simpatia”, Fairbanks é, além de mais, jornalista, escritor e uma das personalidades mais acatadas nos meios políticos e intelectuais norte-americanos. Damos, aqui, dois aspectos da visita do popular artista ao chefe da Nação

A que prestamos hoje nosso preito.  
E se este apelo agora aqui fazemos  
E' por estar provado á saciedade  
Que o silencio de um povo é a sua morte  
Se ele exprime a renuncia de um direito !

Agir não é fazer revolução.  
E' invocar a justiça nêsse pleito  
Em que o povo defende a própria vida  
Tudo fazendo pelo coração.

Santos, 1940.



# O EMBAIXADOR DA SIMPATIA



O Presidente Roosevelt tem enviado a todos os recantos do mundo embaixadores políticos, economicos, da boa vizinhança e amizade. Agora, porém, manda-nos Douglas Fairbanks Junior, o popular astro cinematográfico, que tão justamente é cognominado pelos cariocas como o “Embaixador da Simpatia”, Fairbanks é, além de mais, jornalista, escritor e uma das personalidades mais acatadas nos meios políticos e intelectuais norte-americanos. Damos, aqui, dois aspectos da visita do popular artista ao chefe da Nação

A que prestamos hoje nosso preito.  
E se este apelo agora aqui fazemos  
E' por estar provado á saciedade  
Que o silencio de um povo é a sua morte  
Se ele exprime a renuncia de um direito !

Agir não é fazer revolução.  
E' invocar a justiça nêsse pleito  
Em que o povo defende a própria vida  
Tudo fazendo pelo coração.

Santos, 1940.



# SONETOS DE ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense de Letras)

## OLHOS VERDES

Tinha o mar para mim sempre um novo atrativo.  
Quanta vez eu lhe disse minhas alegrias,  
Sentindo-o, verde e bélo, estremecer, cativo  
Dos meus sonhos, num brando exalar de harmonias:

E' o mar outro agora. Atormenta-me, e esquivo  
Porisso contemplar-lhe as ondas erradias.  
Já não posso fitá-lo, aí! não posso, que avivo  
Estas penas sem fim! estas máguas sombrias!

Porque o verde do mar lembra o verde de uns olhos  
Que me foram na vida a suprema ventura,  
E hoje em dia me dão infortunio sem par.

Olhos cheios de luz e encobertos abrolhos.  
Cheios de uma divina expressão de ternura,  
E cruéis... e fatais como as águas do mar...

## EO TEMPORE....

Linda guardo em lembrança aquela tarde. O en-  
canto.

Do quadro me ficou vivendo na saudade.  
Assim vive, escondida á sombra de um recanto  
De gruta, linda flôr, cheia de alacridade.

Eram azues, azues, o lago inteiro e o manto  
Do céu. Havia em tudo extrema suavidade,  
E o barquinho a vogar levava-nos, enquanto  
Cantava dentro em nós o amor e a mocidade.

E do teu impoiuto espírito a beleza  
Fulgia-te no rôsto ebúrneo, na pureza  
Dos risos, e no olhar de veludoso afago...

Fulgia, num clarão edêneo, docemente,  
Assim como, da tarde á luz opalescente,  
A beleza do céu na beleza do lago...



Alunos das Escolas Municipal Raimundo Silva Pereira e particular Almirante Ferreira da Silva, a cargo dos professores José Xavier e Herminio Pantoja Costa, Olímpia Oliveira Pereira, em Vila Presidente Vargas



# SONETOS DE ALFREDO DE ASSIS

(Da Academia Maranhense de Letras)

## OLHOS VERDES

Tinha o mar para mim sempre um novo atrativo.  
Quanta vez eu lhe disse minhas alegrias,  
Sentindo-o, verde e bélo, estremecer, cativo  
Dos meus sonhos, num brando exalar de harmonias:

E' o mar outro agora. Atormenta-me, e esquivo  
Porisso contemplar-lhe as ondas erradias.  
Já não posso fitá-lo, aí! não posso, que avivo  
Estas penas sem fim! estas máguas sombrias!

Porque o verde do mar lembra o verde de uns olhos  
Que me foram na vida a suprema ventura,  
E hoje em dia me dão infortunio sem par.

Olhos cheios de luz e encobertos abrolhos.  
Cheios de uma divina expressão de ternura,  
E, cruéis... e fatais como as águas do mar...

## EO TEMPORE....

Linda guardo em lembrança aquela tarde. O en-  
canto.  
Do quadro me ficou vivendo na saudade.  
Assim vive, escondida á sombra de um recanto  
De gruta, linda flôr, cheia de alacridade.

Eram azues, azues, o lago inteiro e o manto  
Do céu. Havia em tudo extrema suavidade,  
E o barquinho a vogar levava-nos, enquanto  
Cantava dentro em nós o amor e a mocidade.

E do teu impoiuto espírito a beleza  
Fulgia-te no rôsto ebúrneo, na pureza  
Dos risos, e no olhar de veludoso afago...

Fulgia, num clarão edêneo, docemente,  
Assim como, da tarde á luz opalescente,  
A beleza do céu na beleza do lago...



Alunos das Escolas Municipal Raimundo Silva Pereira e particular Almirante Ferreira da Silva, a cargo dos professores José Xavier e Herminio Pantoja Costa, Olimpia Oliveira Pereira, em Vila Presidente Vargas



# HISTÓRIAS DO VELHO PORTUGAL

## GODOFRÊDO VIANNA

Provavelmente, você, amigo, não se esqueceu ainda daquelas deliciosas viagens que fazíamos, em navios do velho Lloyd, pela costa norte, quando, terminadas as férias académicas, voltávamos alegremente ao Rio. O "Alagôas" (ou o "Brasil", ou o "Olinda", ou o "S. Salvador"), arrastava-se, de porto em porto, com as suas remansadas sete milhas por hora. Mas, a gente acabava chegando. E ficava pesarosa de chegar. Porque acabava aquela quente camaradagem de bordo, ruidosa e festiva, de tantos e tão variados encantos. Era Fortaleza; a terra do sol e das rendas de almoçada, cuja beleza a Jardelina vendedora encarecia, com facundia; o desembarque trágico em saveiros, que cambaleavam hebedos, inundados d'água; o arrebatamento dos nossos corpos, mal chegados à praia, por mãos imensas e rudes, que os levavam em triunfo até ao lóco, por um tostão. Era Maceió, com os seus surruiús, a sua cachacinha de reflexos metálicos, os seus pentes e grampos de tartaruga. Era antes Recife, com os seus abacaxis. (O Lamarão, de ondas altas, de um azul profundo, e o mar tran-

quilo dentro do canal, entupido de vapores). Era o presepio de S. Salvador, com as suas laranjas e os seus amendoins torrados. Erá, sobretudo, Cabedêlo, o pitoresco porto paraibano, com a sua água de côco, as suas peixadas, os seus assentadores de cortiça, as suas jangadinhas de brinquedo, as suas caixas incrustadas de buzios.

Foi aí, que debaixo de um coqueiro esguio, ouvi de um cego, tangendo, risonho e feliz, a sua violinha, esta quadra, que nunca mais me saiu da memória:

"Pancada da roda grande  
Faz a pequena corrê:  
Quem vêve duzentos ano,  
Quanto mais vêve, mais vê".

Pois, é verdade. Quando descobri o que lhe vou contar, lembrei-me da copla do velho Rapadura e (como diria hoje o Barbosa Junior), de sua **parlenaire** Miquilina, que a repetia, aciescentando-lhe outra, no mesmo sentido e toada. Meu amigo, pasme: vi ontem uns pés adoráveis: adoráveis porque pequeninos, bem feitos, como se talhados devagar, com cuidado e esmero, por um artista apaixonado!

Mas, dirá você, todos os dias vemos lindos pés como esses. Eu mesmo... — De certo você terá visto pés como esses; pés de patrícias nossas, pés de brasileirinhas, caçitas, e dengosas. Mas pés de portugueses...

— ? ! ! !

— De portuguesa, sim, senhor. Um encanto. Vi-os núsinhos (ou quasi), com as unhas polidas a mostra, dentro de uns mimosos sapatos-sandalias. Creia, amigo, mais belos não vi jamais. Assombrei-me. E' bem verdade que eu não reparára nunca nos pés das portuguesas. Tinha para mim que deviam ser grandes, grandes, como os das inglesas, como os de todas as mulheres da estranja. E, apesar da evidencia em contrário, fiquei com a convicção de que presenciára apenas uma maravilhosa excepção. Pois, enganei-me, mais uma vez.

Ha dias apanhei na estante o VI volume do meu velho Breton (*L'Espagne et le Portugal*), edição de 1815, e puz-me a folheá-lo, em busca de um trecho, quasi esquecido, que eu precisava



D. Tereza Porcina dos Santos, tia do Interventor Paulo Ramos, em companhia da senhorinha Helena Santos, após a missa no Codó, onde residem.

# HISTÓRIAS DO VELHO PORTUGAL

## GODOFRÊDO VIANNA

Provavelmente, você, amigo, não se esqueceu ainda daquelas deliciosas viagens que fazíamos, em navios do velho Lloyd, pela costa norte, quando, terminadas as férias académicas, voltávamos alegremente ao Rio. O "Alagôas" (ou o "Brasil", ou o "Olinda", ou o "S. Salvador"), arrastava-se, de porto em porto, com as suas remansadas sete milhas por hora. Mas, a gente acabava chegando. E ficava pesarosa de chegar. Porque acabava aquela quente camaradagem de bordo, ruidosa e festiva, de tantos e tão variados encantos. Era Fortaleza; a terra do sol e das rendas de almoada, cuja beleza a Jardelina vendedora encarecia, com facúndia; o desembarque trágico em saveiros, que cambaleavam hebedos, inundados d'água; o arrebatamento dos possos orpos, mal chegados á praia, por mãos imensas rudes, que os levavam em triunfo até ao lóco, or um tostão. Era Maceió, com os seus surruiús, a sua cachácinha de reflexos metálicos, os seus pentes e grampos de tartaruga. Era antes Recife, com os seus abacaxis. (O Lamarão, de ondas altas, de um azul profundo, e o mar tran-

quilo dentro do canal, entupido de vapores). Era o presepio de S. Salvador, com as suas laranjas e os seus amendoins torrados. Erá, sobretudo, Cabedêlo, o pitoresco porto paraibano, com a sua água de côco, as suas peixadas, os seus assentadores de cortiça, as suas jangadinhas de brinquedo, as suas caixas incrustadas de buzios.

Foi aí, que debaixo de um coqueiro esguio, ouvi de um cego, tangendo, risonho e feliz, a sua violinha, esta quadra, que nunca mais me saiu da memória :

"Pancada da roda grande  
Faz a pequena corrê :  
Quem vêve duzentos ano,  
Quanto mais vêve, mais vê".

Pois, é verdade. Quando descobri o que lhe vou contar, lembrei-me da copla do velho Rapadura e (como diria hoje o Barbosa Junior), de sua **parlenaire** Miquilina, que a repetia, acrescentando-lhe outra, no mesmo sentido e toada. Meu amigo, pasme: vi ontem uns pés adoráveis: adoráveis porque pequeninos, bem feitos, como se talhados devagar, com cuidado e esmero, por um artista apaixonado !

Mas, dirá você, todos os dias vemos lindos pés como esses. Eu mesmo... — De certo você terá visto pés como esses; pés de patrícias nossas, pés de brasileirinhas, caçitas, e dengosas. Mas pés de portugueses...

— ? ! ! !

— De portuguesa, sim, senhor. Um encanto. Vi-os núsinhos (ou quasi), com as unhas polidas a mostra, dentro de uns mimosos sapatos-sandalias. Creia, amigo, mais belos não vi jamais. Assombrei-me. E' bem verdade que eu não reparára nunca nos pés das portuguesas. Tinha para mim que deviam ser grandes, grandes, como os das inglesas, como os de todas as mulheres da estranja. E, apesar da evidencia em contrário, fiquei com a convicção de que presenciára apenas uma maravilhosa excepção. Pois, enganei-me, mais uma vez.

Ha dias apanhei na estante o VI volume do meu velho Breton (*L'Espagne et le Portugal*), edição de 1815, e puz-me a folheá-lo, em busca de um trecho, quasi esquecido, que eu precisava



D. Tereza Porcina dos Santos, tia do Interventor Paulo Ramos, em companhia da senhorinha Helena Santos, após a missa no Codó, onde residem.



citar, e eis senão quando, á pagina 179, dou com este período: "As mulheres portuguesas são de uma extrema vivacidade. Têm expressiva fisionomia, (*elles ont beaucoup de physionomie*), busto magnifico (*une belle gorge*), e pés pequenos e bem feitos (*des petits pieds, et bien faits*)". Ora, aí está. Nem eu, nem provavelmente você, sabíamos disso...

Mas, nem só isso, senão muitas outras cousas ensina o precioso livrinho. Como sei que você desfruta as suas *vacances*, e tem lazer bastante para ir lendo pachorrentamente estas frioleiras, aproveito o espaço em branco que me sobra nesta fôlha de carta, para lhe apontar trechos interessantes dêsse simpático opusculo.

Curioso por exemplo, o que êle informa a respeito dos mendigos portugueses dessa época. São de uma impudencia inconcebível. Reunem-se em bandos de oitenta, ou cem, e vão a todas as bodas, a todos os batisados, sem que ninguém se anima a repeli-los. Os agricultores ricos distribuem-lhes provisões, ou por mal entendida devoção, ou por vaidade. Recebem-nos outros por temor de que lhes queimem as séaras, quando não atendidos. E toda gente dá esmola sem ofender o pedinte, poupando-lhe cuidadosamente o amor próprio. Se alguém não o pôde socorrer, desculpa-se com um — "*Perdôe, irmão*", que suavisa o amargor de uma involuntaria recusa. Breton nota, como verdadeiramente exquisito, fazer-se promessa de mandar celebrar missa, pagando, não com o dinheiro próprio, mas com o produto de esmola pedidas (*non de ses deniers, mais du produit des aumônes que l'on demande, tant la mendicité est sujette á peu de honte dans le pays*)".

Sôbre a lingua, faz observações, notáveis. "*Lasyllabe finale ao*" (*aoung*) prononcée d'un ton male, recoit, surtout dans le mot *coração, coeur*, une expression dont la tendresse est difficile á concevoir. Ces mots minha menina (*ma bergère*) sont, peut-être, ce qu'il y a de plus doux dans aucune langue".

Você quer saber, amigo? Breton não esqueceu nem mesmo as melancias (*les mélons d'eau de Sétyval*, como êle as chama). "*Les femmes qui vendent ces fruits sur les places publiques de Lisbonne, les apportent dans une large corbeille oblongue. Arrivées au lieu de leur destination, elles mettent les mélons á terre, et s'asseient dans la corbeille, comme sur une natte; ou bien elles dressent verticalement leur panier du coté du soleil et se tiennent á l'abri sous son ombre*".

A descrição de Lisboa é encantadora. Os habitantes dos quarteirões são obrigados a atirar pelas janelas as aguas sévidas das cozinhas, o lixo das varreduras et *quelque chose de pis*. Os



Paulo Ramos Filho, dileto filhinho do Intervento

Paulo Ramos e sua digna esposa d. Nazareth Pires Chaves Ramos, que, por entre o jubilo de seus paes, festejou, a 14 de maio ultimo, o seu primeiro aniversário

regulamentos policiais proíbem, sob pena de multa, que se faça isso antes das onze horas da noite. E' obrigação tambem gritar três vezes em voz alta e clara: "*Agoa vai*" (*gare l'eau*!).

Com o que êle conta da justiça do tempo, é de se ficar boquiaberto. Imagine que os carcereiros deixavam frequentemente sair os prêsos sob palavra. Um condenado á morte obteve, de uma feita, essa permissão e ficou durante sete anos sem ser inquietado, porque nem sempre as sentenças tinham immediata execução. Entretanto, depois de ter gosado por tão longo tempo dessa liberdade (*si l'on peut appeller ainsi un état d'angoisses et d'inquétudes continuelles*), o infeliz até então esquecido, foi mandado, de repente, enforcar. O carcereiro, recebendo a ordem, ficou fóra de si, prêso de cruel embarço. Mandou intimar, aliás sem nenhuma esperança de êxito, o réo, para que cumprisse a palavra empenhada e voltasse á prisão. Este, como homem honrado que era (*homme d'honneur*), veio, sem hesitação, entregar-se ao carrasco. Mas, o governo, conhecedor des-

citar, e eis senão quando, á pagina 179, dou com este período: "As mulheres portuguesas são de uma extrema vivacidade. Têm expressiva fisionomia, (*eles ont beaucoup de physionomie*), busto magnifico (*une belle gorge*), e pés pequenos e bem feitos (*des petits pieds, et bien faits*)". Ora, aí está. Nem eu, nem provavelmente você, sabíamos disso...

Mas, nem só isso, senão muitas outras cousas ensina o precioso livrinho. Como sei que você desfruta as suas *vacances*, e tem lazer bastante para ir lendo pachorrentamente estas frioleiras, aproveito o espaço em branco que me sobra nesta fôlha de carta, para lhe apontar trechos interessantes dêsse simpático opusculo.

Curioso por exemplo, o que êle informa a respeito dos mendigos portugueses dessa época. São de uma impudencia inconcebível. Reunem-se em bandos de oitenta, ou cem, e vão a todas as bodas, a todos os batisados, sem que ninguém se anima a repeli-los. Os agricultores ricos distribuem-lhes provisões, ou por mal entendida devoção, ou por vaidade. Recebem-nos outros por temor de que lhes queimem as séaras, quando não atendidos. E toda gente dá esmola sem ofender o pedinte, poupando-lhe cuidadosamente o amor próprio. Se alguém não o pôde socorrer, desculpa-se com um — "*Perdôe, irmão*", que suavisa o amargor de uma involuntária recusa. Breton nota, como verdadeiramente exquisito, fazer-se promessa de mandar celebrar missa, pagando, não com o dinheiro próprio, mas com o produto de esmola pedidas (*non de ses deniers, mais du produit des aumônes que l'on demande, tant la mendicité est sujette á peu de honte dans le pays*)".

Sôbre a lingua, faz observações, notáveis. "*Lasyllabe finale ao*" (*aoung*) prononcée d'un ton male, recoit, surtout dans le mot *coração, coeur*, *une expression dont la tendresse est difficile á concevoir*. Ces mots minha menina (*ma bergère*) sont, peut-être, ce qu'il y a de plus doux dans aucune langue".

Você quer saber, amigo? Breton não esqueceu nem mesmo as melancias (*les mélons d'eau de Sétuval*, como êle as chama). "*Les femmes qui vendent ces fruits sur les places publiques de Lisbonne, les apportent dans une large corbeille oblongue. Arrivées au lieu de leur destination, elles mettent les mélons á terre, et s'asseient dans la corbeille, comme sur une natte; ou bien elles dressent verticalement leur panier du coté du soleil et se tiennent á l'abri sous son ombre*".

A descrição de Lisboa é encantadora. Os habitantes dos quarteirões são obrigados a atirar pelas janelas as aguas seívidas das cosinhas, o lixo das varreduras et *quelque chose de pis*. Os



Paulo Ramos Filho, dileto filhinho do Intervento

Paulo Ramos e sua digna esposa d. Nazareth Pires Chaves Ramos, que, por entre o jubilo de seus paes, festejou, a 14 de maio ultimo, o seu primeiro aniversário

regulamentos policiais proíbem, sob pena de multa, que se faça isso antes das onze horas da noite. E' obrigação tambem gritar três vezes em voz alta e clara: "Agoa vai" (*gare l'eau!*).

Com o que êle conta da justiça do tempo, é de se ficar boquiaberto. Imagine que os carcereiros deixavam frequentemente sair os prêsos sob palavra. Um condenado á morte obteve, de uma feita, essa permissão e ficou durante sete anos sem ser inquietado, porque nem sempre as sentenças tinham immediata execução. Entretanto, depois de ter gosado por tão longo tempo dessa liberdade (*si l'on peut appeller ainsi un état d'angoisses et d'inquétudes continuelles*), o infeliz até então esquecido, foi mandado, de repente, enforcar. O carcereiro, recebendo a ordem, ficou fóra de si, prêsso de cruel embaração. Mandou intimar, aliás sem nenhuma esperança de êxito, o réo, para que cumprisse a palavra empenhada e voltasse á prisão. Este, como homem honrado que era (*homme d'honneur*), veio, sem hesitação, entregar-se ao carrasco. Mas, o governo, conhecedor des-



# HOMENAGEM A MOZART



Constituiu, no Rio de Janeiro, um acontecimento incomum o 26.<sup>o</sup> concerto sinfônico promovido pela orchestra da Sociedade de Propaganda da Musica Sinfônica e da Camara. Essa festa que foi regida pelo consagrado maestro Eoardo de Guarnieri foi dedicada a Mozart, sendo executado magnifico programa. Entre as violinistas que tomaram parte nêsse concerto destaca-se a nossa conterranea Enilde Corrêa Pinto, primorosa revelação de artista, que, lá fôra, pela sua técnica e pelo seu talento honrou o Maranhão. No "cliché" Enilde Corrêa Pinto é a terceira senhorinha da esquerda para a direita

se ser generoso ato, lhe concedeu perdão.

Como esta, ha outras cousas espantosas narradas no pequeno livro. Ouça isto: dois primos-irmãos, um proprietário em Lisboa, outro official do exercito, tinham tido uma querela, em razão de disputarem ambos a mesma dama. O official foi sequestrado por ordem do seu rival, e cruelmente seviciado. Jurou, então, tirar dêsse ultrage vingança letumbante, e fez voto de se não barbear, não comparecer ao seu regimento, não ir á missa, enquanto não a realizasse. Errou pelo país, disfarçado em monge. Um dia, esperou o primo na estrada real, em ocasião em que êste viajava sózinho com a irmã. Fez parar o carro: abriu a portinhola, e convidou polidamente a senhora a descer, sob côr de que tinha cousa urgente para dizer em particular ao viajor. Quando êle apeiou, o frade sacou das pistolas, desfechando dois tiros — um na cabeça, outro no coração do primo. Feito isso, com um sangue frio imperturbavel, pediu perdão á desventurada irmã de

ter sido obrigado a lhe causar tão grande pena, conduziu-a a um convento, três léguas distante, e lhe fez tranquilamente as suas despedidas...

Naturalmente, você pensa que em 1802 as ruas de Lisboa tinham iluminação e eram as casas numeradas. Pois, não eram. Existiam algumas lampadas solitárias, acêsas pela piedade cristã em nichos da Virgem, as quais, punham, de longe em longe, pontos brilhantes na escuridão profunda da noite.

O meu amigo (como eu, como todo mundo nêstes brasis), acredita que o hábito de sentar sobre os calcanhares, para conversar, é puro estilo bugre. Que esperanças! Puro estilo lusitano. "Nos aposentos das princezas não ha assentos, senão para as pessoas da familia real. Quando as damas do seu sequito obtêm licença para sentar-se, são obrigadas a ficar de cócoras no assoalho, apoiando-se nos calcanhares (*elles sont obligées de s'accroupir sur le plancher, en se tenant sur les talons*).



# HOMENAGEM A MOZART



Constituiu, no Rio de Janeiro, um acontecimento incomum o 26.<sup>o</sup> concerto sinfônico promovido pela orchestra da Sociedade de Propaganda da Musica Sinfônica e da Camara. Essa festa que foi regida pelo consagrado maestro Eoardo de Guarnieri foi dedicada a Mozart, sendo executado magnifico programa. Entre as violinistas que tomaram parte nêsse concerto destaca-se a nossa conterranea Enilde Corrêa Pinto, primorosa revelação de artista, que, lá fôra, pela sua técnica e pelo seu talento honrou o Maranhão. No "cliché" Enilde Corrêa Pinto é a terceira senhorinha da esquerda para a direita

se ser generoso ato, lhe concedeu perdão.

Como esta, ha outras cousas espantosas narradas no pequeno livro. Ouça isto: dois primos-irmãos, um proprietário em Lisboa, outro official do exercito, tinham tido uma querela, em razão de disputarem ambos a mesma dama. O official foi sequestrado por ordem do seu rival, e cruelmente seviciado. Jurou, então, tirar dêsse ultrage vingança letumbante, e fez voto de se não barbear, não comparecer ao seu regimento, não ir á missa, enquanto não a realizasse. Errou pelo país, disfarçado em monge. Um dia, esperou o primo na estrada real, em ocasião em que êste viajava sózinho com a irmã. Fez parar o carro: abriu a portinhola, e convidou polidamente a senhora a descer, sob côr de que tinha cousa urgente para dizer em particular ao viajor. Quando êle apeiou, o frade sacou das pistolas, desfechando dois tiros — um na cabeça, outro no coração do primo. Feito isso, com um sangue frio imperturbavel, pediu perdão á desventurada irmã de

ter sido obrigado a lhe causar tão grande pena, conduziu-a a um convento, três léguas distante, e lhe fez tranquilamente as suas despedidas...

Naturalmente, você pensa que em 1802 as ruas de Lisboa tinham iluminação e eram as casas numeradas. Pois, não eram. Existiam algumas lampadas solitárias, acêsas pela piedade cristã em nichos da Virgem, as quais, punham, de longe em longe, pontos brilhantes na escuridão profunda da noite.

O meu amigo (come eu, como todo mundo nêstes brasis), acredita que o hábito de sentar sobre os calcanhares, para conversar, é puro estilo bugre. Que esperanças! Puro estilo lusitano. "Nos aposentos das princezas não ha assentos, senão para as pessoas da familia real. Quando as damas do seu sequito obtêm licença para sentar-se, são obrigadas a fíear de cócoras no assoalho, apoiando-se nos calcanhares (*elles sont obligées de s'accroupir sur le plancher, en se tenant sur les talons*).



# BALSAS RISONHA



Damos aqui dois aspectos da longinqua cidade sertaneja do Maranhão Sto. Antonio do Balsas, uma das mais prósperas do nosso Estado. No "cliché", em cima, um trecho da rua Formosa; em baixo a cachoeira do Maravilha

O clou de todas as histórias que Breton, com imperturbável seriedade, conta, está nesta passagem, relativa à sujeira da gente do povo, e que eu lhe transmito com a devida reserva. Aliás, a coisa não vai por conta do francês, mas sim do escritor britânico Twiss, que ele cita: "Dois homens estavam sentados na rua, tendo cada qual um macaco encarapitado no ombro. Estes animais lhes catavam, com extrema pericia, os piô-

lhos da cabeça. Ha em Portugal (é ainda o inglês quem informa), homens que ensinam os macacos a exercer essa singular indústria. Fazem-se pagar um sôldo pela porca operação, "et, grace à la saleté des portugais, ils tirent un grand parti de la dextérité de leurs animaux".

Mas, esqueça isto, amigo (shocking!), e pense nos pés adoráveis da portuguesa de que lhe falei...



# BALSAS RISONHA



Damos aqui dois aspectos da longinqua cidade sertaneja do Maranhão Sto. Antonio do Balsas, uma das mais prósperas do nosso Estado. No "cliché", em cima, um trecho da rua Formosa; em baixo a cachoeira do Maravilha

O clou de todas as histórias que Breton, com imperturbável seriedade, conta, está nesta passagem, relativa à sujeira da gente do povo, e que eu lhe transmito com a devida reserva. Aliás, a coisa não vai por conta do francês, mas sim do escritor britânico Twiss, que ele cita: "Dois homens estavam sentados na rua, tendo cada qual um macaco encarapitado no ombro. Estes animais lhes catavam, com extrema pericia, os piô-

lhos da cabeça. Ha em Portugal (é ainda o inglês quem informa), homens que ensinam os macacos a exercer essa singular indústria. Fazem-se pagar um sôldo pela porca operação, "et, grace à la saleté des portugais, ils tirent un grand parti de la dextérité de leurs animaux".

Mas, esqueça isto, amigo (shocking!), e pense nos pés adoráveis da portuguesa de que lhe falei...



# DE GABRIEL D'ANNUNZIO

Ultimo enamorado da beleza, o divino poeta das **Odes Navais** durante meio século empolgou a humanidade, com o seguinte, estético do seu gênio. A mediocridade o odiou. Os invejosos o caluniaram. A juventude o amou. Hoje, cercado



Gabriel D'Annunzio

de loureiros, o grande artista do **Martirio de S. Sebastião** dorme, para todo o sempre o sono de paz entre os heróis de Fiume; o seu espírito, porém, paira magestoso, ao lado de Dante e Hugo, como santelmo da latinidade.

No presente número, como homenagem aos nossos leitores que amam o divino poeta, publicamos uma bela tradução da sua ode

## A ONDA

Na enséada tranquila  
cintila,  
trama de escamas,  
como a antiga  
loriga  
do guerreiro  
o mar.  
A côr trasmuda.  
Prateia-se? Enegrece?  
De repente,  
**tal um golpe**  
destrama a cota,  
a força do vento

o ataca.

E' breve.

Nasce uma onda leve

e, subito, se apaga.

Novo golpe de vento.

Outra onda aparece

E se perde,

qual cordeiro a pastar

no verde:

um floco de espuma

a pular.

E o vento, de novo,

abacela, redonda

Outra se el va

e ondula, suave,

como um ventre virginal.

Sobe, palpita, encurva-se;

para a frente propende,

e o amplo dôso resplende

como cristal.

A tenue crina desgrenha-se

como a nivea crina

do cavalo.

O vento, agora,

a soprar, a desmancha,

e ela se desfaz.

No concavo do sulco

precipita, sonora.

Espuma, branqueja,

e, rápida,

desdobra-se em flôres e brocados.

Transtorna o enleado

da ulva e das algas;

roia, espraia-se,

célere, galopa,

e topa

com outra que o vento

diversa

gerou.

Irada e adversa,

a acomete, a cavalga, a subjuga.

Misturam-se, e cresce.

Em orvalho irisado,

em borrisos e flôcos,

ferve na resaca.

Qual crisoprazos,

e berilos viridentes,

cintila.

Ah! o seu falar!

Enxagua, vasculeja,

borbulha, estala, estronda;

rimbomba, ri e canta;

aíma e desafia.

# DE GABRIEL D'ANNUNZIO

Ultimo enamorado da beleza, o divino poeta das **Odes Navais** durante meio século empolgou a humanidade, com o seguinte, estético do seu génio. A mediocridade o odiou. Os invejosos o caluniaram. A juventude o amou. Hoje, cercado



Gabriel D'Annunzio

de loureiros, o grande artista do **Martirio de S. Sebastião** dorme para todo o sempre o sono de paz entre os heróis de Fiume; o seu espirito, porém, paira magestoso, ao lado de Dante e Hugo, como santelmo da latinidade.

No presente numero, como homenagem aos nossos leitores que amam o divino poeta, publicamos uma bela tradução da sua ode

## A ONDA

Na enseada tranquila  
cintila,  
trama de escamas,  
como a antiga  
loriga  
do guerreiro  
o mar.  
A côr trasmuda.  
Prateia-se? Enegrece?  
De repente,  
**tal um golpe**  
destrama a cota,  
a força do vento

o ataca.

E' breve.

Nasce uma onda leve

e, subito, se apaga.

Novo golpe de vento.

Outra onda aparece

E se perde,

qual cordeiro a pastar

no verde:

um floco de espuma

a pular.

E o vento, de novo,

abacela, redonda

Outra se el va

e ondula, suave,

como um ventre virginal.

Sobe, palpita, encurva-se;

para a frente propende,

e o amplo dôso resplende

como cristal.

A tenue crina desgrenha-se

como a nivea crina

do cavalo.

O vento, agora,

a soprar, a desmancha,

e ela se desfaz.

No concavo do sulco

precipita, sonora.

Espuma, branqueja,

e, rápida,

desdobra-se em flôres e brocados.

Transtorna o enleado

da ulva e das algas;

roia, espraia-se,

célere, galopa,

e topa

com outra que o vento

diversa

gerou.

Irada e adversa,

a acomete, a cavalga, a subjuga.

Misturam-se, e cresce.

Em orvalho irisado,

em borrisos e flôcos,

ferve na resaca.

Qual crisoprazos,

e berilos viridentes,

cintila.

Ah! o seu falar!

Enxagua, vasculeja,

borbulha, estala, estronda;

rimbomba, ri e canta;

aíma e desafia.



# SARABANDA



Luciano Lacerda

Parece que eu sou obrigado a apoiar o velho Casemiro. E se ainda estivessemos na época dos recitativos eu recitaria num salão qualquer os "Meus oito anos", imitaria os gestos do poeta e sentiria com ele a mesma saudade de seus versos.

Antigamente a gente não tinha nenhum problema a resolver. Ninguém falava em solidariedade humana, não abordava nenhum problema social, não sentia com os homens as suas dores mais profundas.

Quando a gente é menino a vida é uma sarabanda louca de gestos, na despreocupação dos dias que correm. Mariana nunca me falou de problemas sérios, nunca sofreu com os homens, porque Mariana não compreendia a razão das guerras nem sabia a origem das lutas entre os homens... A gente guerreava de uma maneira diferente, brincava de guerra sem matar ninguém, jogava balas inofensivas nos outros sem precher destruir, não depredava coisa alguma. Às vezes Mariana declarava guerra aos outros meninos.

dinheiro em Hollywood; mas... anda hoje muito preocupado.

O seu médico disse-lhe que tem que extrair as "amígdalas"... e ele tem medo que uma tal operação lhe arruine a voz.

"Um "yodeler" sem amígdalas não serve para nada", — disse Leiss. "A sua voz torna-se fraca, e desafinada"...

Luciano Lacerda trouxe á nossa terra o abraço fraternal dos moços paraenses. Filiado entre os herdeiros do espirito de Graça Aranha, o jovem intelectual aqui encontrou o afeto dos seus irmãos e a muita admiração pela sua cultura disciplinada e pelo seu talento de escól.

Luciano brindou-nos, num gesto de fidelguia, com a presente colaboração, especial para este numero.

Improvisava uma trincheira atraz de algum tronco sêco de arvore, jogava balas de caroço de mamona que ela mesmo fazia. Agora, com a guerra da Europa, eu me lembrei de Mariana. Os homens que lutam nas trincheiras, que jogam bombas de seus aviões sobre as cidades abertas, deviam ter conhecido a negrinha Mariana, aquela que brincava comigo no meu tempo de menino, pulando o muro do vizinho, correndo pelo quintal da minha casa.

Maior do que todas as frases dos homens, Mariana foi o unico exemplo de solidariedade humana que eu encontrei. Por isso é que eu desejava que os homens que ensanguentam os campos da Europa, tivessem conhecido a negrinha Mariana. Mas existem tantas Marianas na nossa infancia! Será que os homens da Europa não tiveram uma companhia de infancia, nunca pularam o muro do vizinho, nem brincaram de guerra com os companheiros?... Para mim a negrinha Mariana foi o maior exemplo de solidariedade humana que encontrei. Não sei se é porque ela não entendia bem esse negócio de solidariedade humana. E' aí que os versos de Casemiro são lembrados. Os homens de hoje dirão que o velho Casemiro está fóra da moda, ninguém usa mais os seus versos. No fundo, porém, eles sabem que não têm razão, que falam porque ouvem os outros falarem e gostam de acompanhar a maioria.

Eu por mim acho que a humanidade está toda

# SARABANDA



Luciano Lacerda

Parece que eu sou obrigado a apoiar o velho Casemiro. E se ainda estivessemos na época dos recitativos eu recitaria num salão qualquer os "Meus oito anos", imitaria os gestos do poeta e sentiria com ele a mesma saudade de seus versos.

Antigamente a gente não tinha nenhum problema a resolver. Ninguém falava em solidariedade humana, não abordava nenhum problema social, não sentia com os homens as suas dores mais profundas.

Quando a gente é menino a vida é uma sarabanda louca de gestos, na despreocupação dos dias que correm. Mariana nunca me falou de problemas sérios, nunca sofreu com os homens, porque Mariana não compreendia a razão das guerras nem sabia a origem das lutas entre os homens... A gente guerreava de uma maneira diferente, brincava de guerra sem matar ninguém, jogava balas inofensivas nos outros sem precisar destruir, não depredava coisa alguma. Às vezes Mariana declarava guerra aos outros meninos.

dinheiro em Hollywood; mas... anda hoje muito preocupado.

O seu médico disse-lhe que tem que extrair as "amígdalas"... e ele tem medo que uma tal operação lhe arruine a voz.

"Um "yodeler" sem amígdalas não serve para nada", — disse Leiss. "A sua voz torna-se fraca, e desafinada"...

Luciano Lacerda trouxe á nossa terra o abraço fraternal dos moços paraenses. Filiado entre os herdeiros do espirito de Graça Aranha, o jovem intelectual aqui encontrou o afeto dos seus irmãos e a muita admiração pela sua cultura disciplinada e pelo seu talento de escól.

Luciano brindou-nos, num gesto de fidelguia, com a presente colaboração, especial para este numero.

Improvisava uma trincheira atraz de algum tronco sêco de arvore, jogava balas de caroço de mamona que ela mesmo fazia. Agora, com a guerra da Europa, eu me lembrei de Mariana. Os homens que lutam nas trincheiras, que jogam bombas de seus aviões sobre as cidades abertas, deviam ter conhecido a negrinha Mariana, aquela que brincava comigo no meu tempo de menino, pulando o muro do vizinho, correndo pelo quintal da minha casa.

Maior do que todas as frases dos homens, Mariana foi o unico exemplo de solidariedade humana que eu encontrei. Por isso é que eu desejava que os homens que ensanguentam os campos da Europa, tivessem conhecido a negrinha Mariana. Mas existem tantas Marianas na nossa infancia! Será que os homens da Europa não tiveram uma companhia de infancia, nunca pularam o muro do vizinho, nem brincaram de guerra com os companheiros?... Para mim a negrinha Mariana foi o maior exemplo de solidariedade humana que encontrei. Não sei se é porque ela não entendia bem esse negócio de solidariedade humana. E' aí que os versos de Casemiro são lembrados. Os homens de hoje dirão que o velho Casemiro está fóra da moda, ninguém usa mais os seus versos. No fundo, porém, eles sabem que não têm razão, que falam porque ouvem os outros falarem e gostam de acompanhar a maioria.

Eu por mim acho que a humanidade está toda



## O ANIVERSÁRIO DO FILHINHO DO INTERVENTOR PAULO RAMOS



A data de 14 de maio assinalou o primeiro aniversário de nascimento do interessante Patulinho, dileto filho de s. excia. o dr. Paulo Ramos e sua digna esposa d. Nazareth Pires Chaves Ramos atualmente no Rio de Janeiro, em casa de seus avós, onde a data foi festejada com justas alegrias.

Vemos, no presente "clichê" o aniversariante cercado de numerosos amigos, na linda recepção com que comemorou o dia risonho.

À esquerda na primeira fila, da esquerda para

a direita Raimunda, Celia, Carlos Barcelos, Mariazinha Cicero, Galdino Alencar, Glorinha Barcelos, Terezinha Cicero, Maria de Lourdes Barcelos e no centro Paulinho, Talma Cordeiro, Silvia Maria, Miranda Carvalho, Paulo Miranda Carvalho, Walfredo Cordeiro, Paulo Barcelos.

Na segunda fila: Maria Lucia e sua mãe madame Paula Dias, Reginaldo e sua mãe madame Perminio Filho, Anita, Mariazinha e Luiz Celio dos Santos.

errada que os homens estão lutando atoa no mundo, depredando cidades com bombas incendiárias, matando crianças inocentes e mulheres sem defeito. Se os homens fossem meninos não haveria nada disso. Eles brincariam á sombra de alguma mangueira com as suas negrinhas Marianas, suas companheiras de infancia. E as cidades continuariam na mesma, as crianças não morreriam, as mulheres não sofreriam por isso.

Rockefeller não mandaria construir hospitais para abrigar todas as suas vítimas das guerras imperialistas e Basil Zarohi não teria a quem vender as suas metralhadoras. Mas os homens da Europa não conheceram a negrinha Mariana, nunca tiveram infancia, nunca leram verso nenhum de Casemiro de Abreu. Os moços da Europa tiveram uma infancia sangrenta, assistiram aos dias sombrios de 1914, sentiram todos os seus



## O ANIVERSÁRIO DO FILHINHO DO INTERVENTOR PAULO RAMOS



A data de 14 de maio assinalou o primeiro aniversário de nascimento do interessante Patulinho, dileto filho de s. excia. o dr. Paulo Ramos e sua digna esposa d. Nazareth Pires Chaves Ramos, atualmente no Rio de Janeiro, em casa de seus avós, onde a data foi festejada com justas alegrias.

Vemos, no presente "clichê" o aniversariantezinho cercado de numerosos amigos, na linda recepção com que comemorou o dia risonho.

Aí estão na primeira fila, da esquerda para

a direita Raimunda, Celia, Carlos Barcelos, Mariazinha Cicero, Galdino Alencar, Glorinha Barcelos, Terezinha Cicero, Maria de Lourdes Barcelos e no centro Paulinho, Talma Cordeiro, Silvia Maria, Miranda Carvalho, Paulo Miranda Carvalho, Walfredo Cordeiro, Paulo Barcelos.

Na segunda fila: Maria Lucia e sua mamãe madame Paula Dias, Reginaldo e sua mamãe madame Perminio Filho, Anita, Mariazinha e Luiz Celio dos Santos.

errada que os homens estão lutando atoa no mundo, depredando cidades com bombas incendiárias, matando crianças inocentes e mulheres sem defeito. Se os homens fossem meninos não haveria nada disso. Eles brincariam á sombra de alguma mangueira com as suas negrinhas Marianas, suas companheiras de infancia. E as cidades continuariam na mesma, as crianças não morreriam, as mulheres não sofreriam por isso.

Rockieller não mandaria construir hospitais para abrigar todas as suas vítimas das guerras imperialistas e Basil Zarohi não teria a quem vender as suas metralhadoras. Mas os homens da Europa não conheceram a negrinha Mariana, nunca tiveram infancia, nunca leram verso nenhum de Casemiro de Abreu. Os moços da Europa tiveram uma infancia sangrenta, assistiram aos dias sombrios de 1914, sentiram todos os seus



# TALENTOS QUE SE REVELAM

Wady Sauaia forma entre os mais novos poetas do Maranhão. A sua poesia ainda não é definitiva. Ele ainda se encontra no período de assimilação estética. Todavia, as suas produções já revelam o poder de criação do seu êstro e dei-



**WADY SAUAIA**

... xam entrever uma nítida compreensão dos problemas humano. Seu espírito moço não sofreu, ainda, o assalto da-dúvida e a fé o empolga, norteando-o para Deus.

Divulgar êsses talentos que surgem esta no programa desta revista. Por isso, apresentamos hoje aos nossos leitores, mais êsse poeta, cigarrão do ultimo estío de Atenas!

dramas, sofreram com os homens todos os seus horrores. Os moços da Europa surgiram sob a influência da guerra, ouviram falar nas trincheiras e nos soldados. E' por isso que êles estão lutando agora, matando os seus irmãos, destruindo o que êles construíram durante séculos. Não, eu estou certo de que os homens que estão lutando nunca tiveram ao seu lado as Marianas do nosso tempo, da nossa infância que ainda está vivinha nos versos do velho Casemiro...

**LUCIANO LACERDA**

## SUPLICA A N. S. DO ROSARIO

Hoje, aos teus pés benditos, líriais,  
cheios de amôres: lúcidos fanais  
de paz e salvação.  
Venho entre afêtos ternos, Divindade,  
na pureza de minha humanidade,  
depôr esta oração.

Bendize minha Terra,  
desde o vale mais fundo ao píncaro da serra!

Por onde passas, deixas com a ternura  
dos teus grandes poderes, a ventura  
aos pobres filhos teus,  
tristonhos sonhadores sôbre o mundo,  
na crença angelical e amor profundo  
às justas leis de Deus!

Olha o Universo e vê que eterna maldição,  
que infinita impiedade: ...  
A guerra, Divindade,  
a guerra, compaixão!

Transforma êste infortúnio, êste horror interno  
num diadema de paz, singelo e fraternal!

Ah!... Bendize os meus Pais na lida ingente,  
em busca do Tabor doce e virente,  
de rosas a florir...  
Dá-lhes forças constantes para a luta  
desta vida de dôr, rude e poluta,  
e glórias no porvir!...

Um balsamo Divina a êste infindo penar:  
A meiga luz do teu sublime olhar!

**WADY SAUAIA**



Ponte no povoado Bom Jesus, municipio de Pedreiras, construída na atual administração municipal

# TALENTOS QUE SE REVELAM

Wady Sauaia forma entre os mais novos poetas do Maranhão. A sua poesia ainda não é definitiva. Ele ainda se encontra no período de assimilação estética. Todavia as suas produções já revelam o poder de criação do seu êstro e dei-



**WADY SAUAIA**

xam entrever uma nítida compreensão dos problemas humano. Seu espírito moço não sofreu, ainda, o assalto da-dúvida e a fé o empolga, norteando-o para Deus.

Divulgar êsses talentos que surgem esta no programa desta revista. Por isso, apresentamos hoje aos nossos leitores, mais êsse poeta, cigarrão do ultimo estíio de Atenas!

dramas, sofreram com os homens todos os seus horrores. Os moços da Europa surgiram sob a influência da guerra, ouviram falar nas trincheiras e nos soldados. E' por isso que êles estão lutando agora, matando os seus irmãos, destruindo o que êles construíram durante séculos. Não, eu estou certo de que os homens que estão lutando nunca tiveram ao seu lado as Marianas do nosso tempo, da nossa infância que ainda está vivinha nos versos do velho Casemiro...

**LUCIANO LACERDA**

## SUPLICA A N. S. DO ROSARIO

Hoje, aos teus pés benditos, lírios,  
cheios de amôres: lúcidos fanais  
de paz e salvação.  
Venho entre afêtos ternos, Divindade,  
na pureza de minha humanidade,  
depôr esta oração.

Bendize minha Terra,  
desde o vale mais fundo ao píncaro da serra!

Por onde passas, deixas com a ternura  
dos teus grandes poderes, a ventura  
aos pobres filhos teus,  
tristonhos sonhadores sôbre o mundo,  
na crença angelical e amor profundo  
às justas leis de Deus!

Olha o Universo e vê que eterna maldição,  
que infinita impiedade: ...  
A guerra, Divindade,  
a guerra, compaixão!

Transforma êste infortúnio, êste horror interno  
num diadema de paz, singelo e fraternal!

Ah !... Bendize os meus Pais na lida ingente,  
em busca do Tabor doce e virente,  
de rosas a florir...  
Dá-lhes forças constantes para a luta  
desta vida de dôr, rude e poluta,  
e glórias no porvir !...

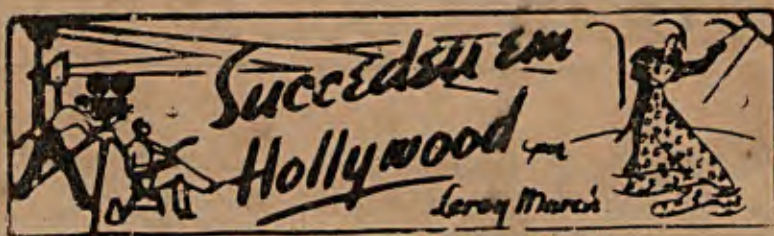
Um balsamo Divina a êste infindo penar:  
A meiga luz do teu sublime olhar!

**WADY SAUAIA**



**Ponte no povoado Bom Jesus, município de Pedreiras, construída na atual administração municipal**





Hollywood está cheia de gente geniosa e, posso dizer, dois dos seus expoentes mais conhecidos são W. C. Fields e Mae West. Fields é um dos mais perfeitos artistas no improviso, sendo que também é um dos que mais trabalho dão a um diretor. Isso, porque ele muda o diálogo de seus films, troca as palavras, inventa ou acrescenta outras, etc. Mae West, ao contrário dele, se prende ao que está escrito, seguindo fielmente o diálogo de seus trabalhos. Ela deseja que tudo saia na tela tal qual foi planejado e ensaiado. Agora, imaginem que dois tipos completamente opostos, como o são Mae e Fields, preparando um film em que vão aparecer juntos!

Eu já estou tremendo pelo pobre homem que os vai dirigir...

\*\*\*

A MGM vai fazer de Ann Sothern uma es-



Senhorita Zezé Souza, aplicada aluna do Ateneu Teixeira Mendes, e uma das aliciantes rainhas dos estudantes, em pose especial para ATHENAS

trela, dando a ela os vários films que estavam destinados à saudosa Jean Harlow. Ann é uma excelente artista, se bem que a ela falte aquela fascinação tão abundante na sempre lembrada Jean. Tenho absoluta certeza que Ann irá conquistar ainda novas e extraordinárias glórias, ficando mais famosa do que Ann Sheridan, em quem a Warner Bros deposita tantas esperanças.

\*\*\*

O ultimo film de Ginger Rogers, "Bachelor Mother" obteve tanto sucesso que o studio resolveu dar a ela três meses de férias. Ginger imaginara dar um pulo à Europa, mas, na ultima hora, desistiu e foi para Bermuda nadar e tomar banhos de sol...

Jascha Heifetz, o grande artista do violino, sofreu horrores durante a filmagem de "They Shall Have Music". O grande virtuoso sentiu-se tão sem jeito em frente à camera que jurou não mais aparecer no cinema.

\*\*\*

Gloria Stuart e o marido, o escritor Arthur Sheekman, regressarão a Hollywood de uma volta ao mundo dentro de muito breve. Ambos me escreveram, dizendo que a situação em outras cidades da Europa era tão insuportável que eles se sentem mais do que contentes de voltar à America. Logo que aportarem aqui, ambos vão voltar à atividade cinematográfica.

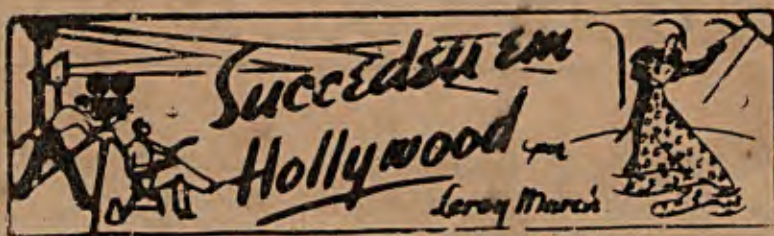
\*\*\*

Greer Garson causou uma das mais extraordinárias impressões com o seu desempenho em "Goldbye Mr. Chips", a ponto de Hollywood a proclamar estrela de primeira grandeza. Ela, porém, ainda não voltou a ocupar-se de um novo film. Hollywood é, assim, vagarosa em fazer os films, mas rápida e escandalosa na sua publicidade!

\*\*\*

NAMOROS: Ronald Reagan e Jane Wyman se vão casar, muito em breve; Connie Bennett e Gilbert Roland farão o mesmo, logo que ela regressar da Europa, divorciada do marquês; Jimmy Stewart continua o solteirão mais procurado da cidade; Richard Carlson casou-se, recentemente, com uma jovem da sociedade de New-York e Earl Carroll, produtor teatral, está casado,





Hollywood está cheia de gente geniosa e, posso dizer, dois dos seus expoentes mais conhecidos são W. C. Fields e Mae West. Fields é um dos mais perfeitos artistas no improviso, sendo que também é um dos que mais trabalho dão a um diretor. Isso, porque ele muda o diálogo de seus films, troca as palavras, inventa ou acrescenta outras, etc. Mae West, ao contrário dele, se prende ao que está escrito, seguindo fielmente o diálogo de seus trabalhos. Ela deseja que tudo saia na tela tal qual foi planejado e ensaiado. Agora, imaginem que dois tipos completamente opostos, como o são Mae e Fields, preparando um film em que vão aparecer juntos!

Eu já estou tremendo pelo pobre homem que os vai dirigir...

\*\*\*

A MGM vai fazer de Ann Sothorn uma es-



Senhorita Zezé Souza, aplicada aluna do Ateneu Teixeira Mendes, e uma das aliciantes rainhas dos estudantes, em pose especial para ATHENAS

trela, dando a ela os vários films que estavam destinados à saudosa Jean Harlow. Ann é uma excelente artista, se bem que a ela falte aquela fascinação tão abundante na sempre lembrada Jean. Tenho absoluta certeza que Ann irá conquistar ainda novas e extraordinárias glórias, ficando mais famosa do que Ann Sheridan, em quem a Warner Bros deposita tantas esperanças.

\*\*\*

O ultimo film de Ginger Rogers, "Bachelor Mother" obteve tanto sucesso que o studio resolveu dar a ela três meses de férias. Ginger imaginara dar um pulo à Europa, mas, na ultima hora, desistiu e foi para Bermuda nadar e tomar banhos de sol...

Jascha Heifetz, o grande artista do violino, sofreu horrores durante a filmagem de "They Shall Have Music". O grande virtuoso sentiu-se tão sem jeito em frente à camera que jurou não mais aparecer no cinema.

\*\*\*

Gloria Stuart e o marido, o escritor Arthur Sheekman, regressarão a Hollywood de uma volta ao mundo dentro de muito breve. Ambos se escreveram, dizendo que a situação em outras cidades da Europa era tão insuportável que eles se sentem mais do que contentes de voltar à America. Logo que aportarem aqui, ambos vão voltar à atividade cinematográfica.

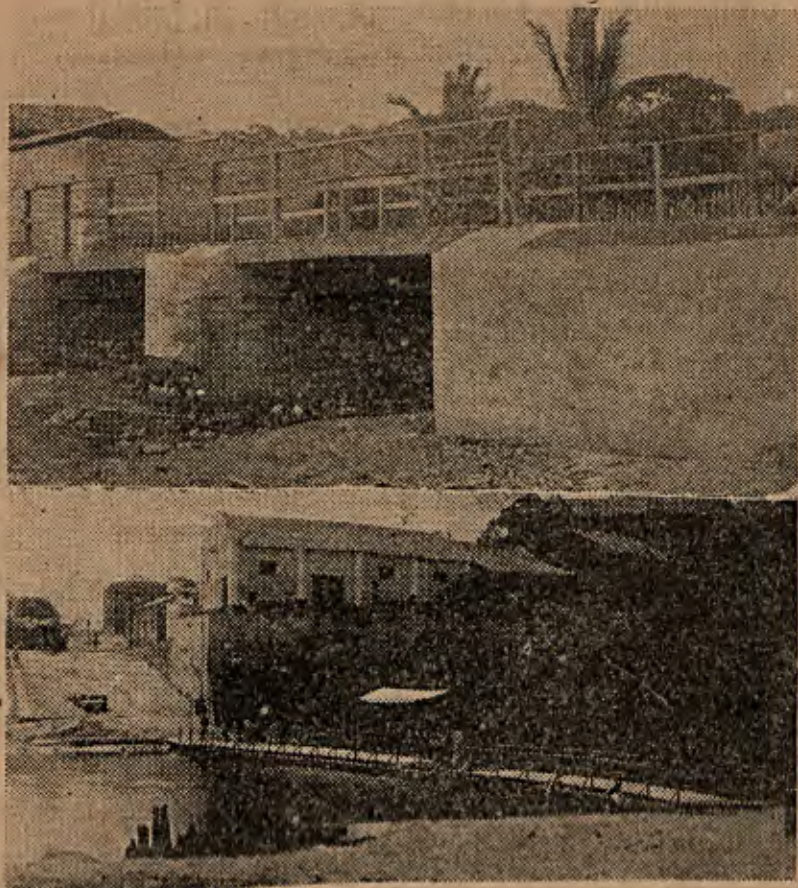
\*\*\*

Greer Garson causou uma das mais extraordinárias impressões com o seu desempenho em "Goldbye Mr. Chips", a ponto de Hollywood a proclamar estrela de primeira grandeza. Ela, porém, ainda não voltou a ocupar-se de um novo film. Hollywood é, assim, vagarosa em fazer os films, mas rápida e escandalosa na sua publicidade!

\*\*\*

NAMOROS: Ronald Reagan e Jane Wyman se vão casar, muito em breve; Connie Bennett e Gilbert Roland farão o mesmo, logo que ela regressar da Europa, divorciada do marquês; Jimmy Stewart continua o solteirão mais procurado da cidade; Richard Carlson casou-se, recentemente, com uma jovem da sociedade de New-York e Earl Carroll, produtor teatral, está casado,





**PEDREIRAS:** — Dois aspectos da cidade do algodão, o bairro da Prainha e a ponte flutuante, ligando a cidade á Trizidela

secretamente, com Beryl Wallace, se bem que os seus amigos intimos não o saibam ainda!

\*\*\*

Madeleine Carrol, Fred MacMurray e o director E. H. Griffith tiveram que tirar "férias forçadas", durante a filmagem de "Are Husbands Necessary?".

Durante uma locação, sem o saber, elles morreram numa colmeia de abelhas e foram picados por elas. Como Madeleine corria menos do que os seus companheiros, levou grande desvanagem.

Simone Simon, a francezinha que causou grandes comentários em Hollywood e daqui partiu meio amuada com a cidade das estrelas, provavelmente voltará aqui para novos films. Ela sempre foi uma boa artista e dois studios estão tratando de ver se conseguem que ela regresse á cinelândia.

\*\*\*

Richard Greene, que ficou recentemente bastante machucado numa das pernas, está trabalhando, se bem que o faça com grande sacrifício. Ele trabalha com a perna fortemente ligada e encalhada numa armação de arame. Os médicos dizem que durante muitos meses elle está

bilitado de correr ou andar depressa.

\*\*\*

NOTAS: Clark Gable e Carole Lombard, num domingo, pintando a cerca da fazendinha que possuem nos arredores de Hollywood; Jack Benny, obrigado a abandonar o seu inseparavel charuto, para fumar um "narquillé" numa sequencia de "Man About Town"; Jane Withers ensinando o famoso ator das obras de Shakespeare, Frit Lieber passos da nova dança, o "jitterbug"...

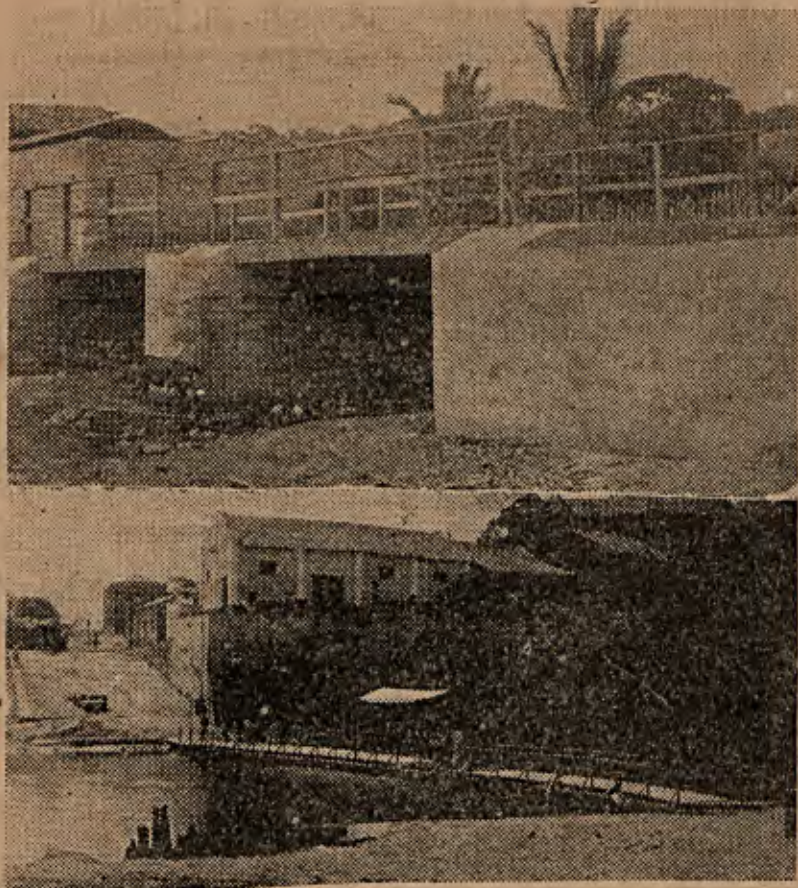
\*\*\*

Cada vez mais, Stuart Erwin se parece com o saudoso Will Rogers, mas Hollywood continua a entregar os papeis que, outróra, Will tornou famosos, a Bob Burns...

\*\*\*

Andar de barco, ao que parece, é um sport perigoso para os astros e estrelas de Hollywood. Heddy Lamar levou um escorregão no tombadilho do "yacht" do marido e deslocou uma vertebra. Frank Morgan pisou em falso e foi ao chão, quebrando três costelas e, ha bem pouco tempo, Errol Flynn machucou seriamente o joelho. Mas, elles continuam a adorar barcos e lanchas.





**PEDREIRAS:** — Dois aspectos da cidade do algodão, o bairro da Prainha e a ponte flutuante, ligando a cidade á Trizidela

secretamente, com Beryl Wallace, se bem que os seus amigos intimos não o saibam ainda!

\*\*\*

Madeleine Carrol, Fred MacMurray e o director E. H. Griffith tiveram que tirar "férias forçadas", durante a filmagem de "Are Husbands Necessary?".

Durante uma locação, sem o saber, elles morreram numa colmeia de abelhas e foram picados por elas. Como Madeleine corria menos do que os seus companheiros, levou grande desvanagem.

Simone Simon, a francezinha que causou grandes comentários em Hollywood e daqui partiu meio amuada com a cidade das estrelas, provavelmente voltará aqui para novos films. Ela sempre foi uma boa artista e dois studios estão tratando de ver se conseguem que ela regresse á cinelândia.

\*\*\*

Richard Greene, que ficou recentemente bastante machucado numa das pernas, está trabalhando, se bem que o faça com grande sacrifício. Ele trabalha com a perna fortemente ligada e encalhada numa armação de arame. Os médicos dizem que durante muitos meses elle está

bilitado de correr ou andar depressa.

\*\*\*

NOTAS: Clark Gable e Carole Lombard, num domingo, pintando a cerca da fazendinha que possuem nos arredores de Hollywood; Jack Benny, obrigado a abandonar o seu inseparavel charuto, para fumar um "narquillé" numa sequencia de "Man About Town"; Jane Withers ensinando o famoso ator das obras de Shakespeare, Frit Lieber passos da nova dança, o "jitterbug"...

\*\*\*

Cada vez mais, Stuart Erwin se parece com o saudoso Will Rogers, mas Hollywood continua a entregar os papeis que, outróra, Will tornou famosos, a Bob Burns...

\*\*\*

Andar de barco, ao que parece, é um sport perigoso para os astros e estrelas de Hollywood. Heddy Lamar levou um escorregão no tombadilho do "yacht" do marido e deslocou uma vertebra. Frank Morgan pisou em falso e foi ao chão, quebrando três costelas e, ha bem pouco tempo, Errol Flynn machucou seriamente o joelho. Mas, elles continuam a adorar barcos e lanchas.



## UMA VIDA À ESPERA DE UM BIOGRAFO

Por ERICO VERISSIMO

(Copyright da Livraria do Globo).

Nestes tempos em que as biografias dos grandes homens andam em moda, — há uma vida que está a clamar por um biógrafo da força de Emil Ludwig, Stefan Zweig ou, melhor ainda, André Maurois.

Refiro-me a Rupert Brooke, que foi dos grandes poetas que a Inglaterra tem tido nestes últimos anos. Conhecido escritor disse dele: "Entre todos os que foram poetas e morreram jovens difícil nos é encontrar um que, tanto na vida como na morte, tenha tão bem personificado o esplendor ideal da juventude e da beleza".

Tenho sob meus olhos um retrato do poeta. Vinte e oito anos! um ano antes de sua morte desastrosa. A cabeça é impressionante: — cabelos castanhos com lampejos de bronze, testa larga, olhos dum azul profundo, nariz reto e afilado, boca bem desenhada, queixo enérgico...

Olho o perfil sereno de Brooke e penso, com Edward Thomas, que estou diante de "a golden Young Apollo" — um jovem Apolo de ouro.

Nascido em Rugby no mês de agosto de 1887, Rupert Brooke em 1905 ganhava um prêmio de poesia com o poema "The Bastille".

No colégio revelou-se excelente jogador de foot-ball, cricket e tennis. Como Byron e Swinburne encontrava grande prazer na natação. E era na própria Byron's Pool que ele ia nadar pelas noites claras; a luz da lua iluminava-lhe o corpo de estátua. Era uma visão digna do mais impossível sonho ficcional do autor de **Child Harold**.

Em 1906 o jovem Apolo entrou para o **King's College** de Cambridge, onde fez inúmeras amizades. Aí começou verdadeiramente a sua carreira gloriosa. Foi considerado um dos leaders intelectuais de seu tempo. Tinha o quarto sempre cheio de livros franceses, alemães e ingleses, espalhados por todos os cantos numa grande desordem.

Escrevia poemas duma espontaneidade e perfeição admiráveis. Colaborava, com brilho em várias revistas e jornais do país.

Em constante peregrinações visitou Munich, Berlim e a Itália. Em maio de 1913 deixou a Inglaterra para uma viagem, que durou um ano, aos Estados-Unidos e Canadá. Do Novo Mundo escreveu para a "Westminster Gazette" cartas cheias duma, clara e pura alegria. Em seu diário



ATHENAS NO ACRE: — Damos aqui um aspecto da missa celebrada em Cruzeiro do Sul, Acre, no dia 19 de abril, data do aniversário do Presidente Vargas. Fotografia tirada e cedida pelo sr. Adiano Coppieters

## UMA VIDA À ESPERA DE UM BIOGRAFO

Por ERICO VERISSIMO

(Copyright da Livraria do Globo).

Nestes tempos em que as biografias dos grandes homens andam em moda, — há uma vida que está a clamar por um biógrafo da força de Emil Ludwig, Stefan Zweig ou, melhor ainda, André Maurois.

Refiro-me a Rupert Brooke, que foi dos grandes poetas que a Inglaterra tem tido nestes últimos anos. Conhecido escritor disse dele: "Entre todos os que foram poetas e morreram jovens difícil nos é encontrar um que, tanto na vida como na morte, tenha tão bem personificado o esplendor ideal da juventude e da beleza".

Tenho sob meus olhos um retrato do poeta. Vinte e oito anos! um ano antes de sua morte desastrosa. A cabeça é impressionante: — cabelos castanhos com lampejos de bronze, testa larga, olhos dum azul profundo, nariz reto e afilado, boca bem desenhada, queixo enérgico...

Olho o perfil sereno de Brooke e penso, com Edward Thomas, que estou diante de "a golden Young Apollo" — um jovem Apolo de ouro.

Nascido em Rugby no mês de agosto de 1887, Rupert Brooke em 1905 ganhava um prêmio de poesia com o poema "The Bastille".

No colégio revelou-se excelente jogador de foot-ball, cricket e tennis. Como Byron e Swinburne encontrava grande prazer na natação. E era na própria Byron's Pool que ele ia nadar pelas noites claras; a luz da lua iluminava-lhe o corpo de estátua. Era uma visão digna do mais impossível sonho ficcional do autor de **Child Harold**.

Em 1906 o jovem Apolo entrou para o **King's College** de Cambridge, onde fez inúmeras amizades. Aí começou verdadeiramente a sua carreira gloriosa. Foi considerado um dos leaders intelectuais de seu tempo. Tinha o quarto sempre cheio de livros franceses, alemães e ingleses, espalhados por todos os cantos numa grande desordem.

Escrevia poemas duma espontaneidade e perfeição admiráveis. Colaborava, com brilho em várias revistas e jornais do país.

Em constante peregrinações visitou Munich, Berlim e a Itália. Em maio de 1913 deixou a Inglaterra para uma viagem, que durou um ano, aos Estados-Unidos e Canadá. Do Novo Mundo escreveu para a "Westminster Gazette" cartas cheias duma, clara e pura alegria. Em seu diário



ATHENAS NO ACRE: — Damos aqui um aspecto da missa celebrada em Cruzeiro do Sul, Acre, no dia 19 de abril, data do aniversário do Presidente Vargas. Fotografia tirada e cedida pelo sr. Adiano Coppieters





Gracioso grupo, representando os 21 Estados do Brasil, numa expressiva homenagem ao Prefeito Possidonio, no dia em que se inauguraram vários melhoramentos publicos em Pedreiras

de viagem sentiu Québec como a cidade que tinha "a radiossidade e o repouso de quem é imortal."

Dizem que nem o próprio R. L. Stevenson conseguiu despertar entre os que o rodeavam, tanto entusiasmo como Brooke — esse poeta que amigos íntimos julgavam poder definir sinteticamente com a palavra **vivid**.

Veiu a Grande Guerra. Rupert se alistou na "Hood Batta Lion" da Real Divisão Naval e tomou parte naquela desastrosa expedição à Antuérpia. Dentro em pouco teve o seu batismo de fogo, permanecendo longamente nas trincheiras que os canhões germanicos bombardeavam à distancia. A esta experiência seguiu-se uma singular retirada noturna através de caminhos fantásticamente iluminados pelo clarão das cidades belgas incendiadas.

Foi nas trincheiras que o poeta-soldado escreveu os magistrais sonetos que fazem parte da série conhecida pelo nome — 1914.

A guerra amadureceu no espirito de Brooke a idéa da morte.

"The Soldier", talvez o mais grandioso dos sonetos aludidos, é uma profecia:

Si eu morrer, pensem só isto de mim:

Que há um recanto em campo estrangeiro  
Que será para sempre Inglaterra. E haverá  
Escondida naquela terra rica uma terra ainda  
mais rica...

E não chegou aos Dardanelos. Foi primeiro a Lemnos e depois ao Egito. Em abril caiu doente. Morreu num dia de primavera a bordo dum navio-hospital francês, em Seyros. Foi enterrado pela noitinha á luz de tochas, num bosque de oliveiras a pouca distancia do mar. Sobre a sepultura ficou uma cruz de madeira com o nome do poeta e a data de seu nascimento.

Cum se presentira Rupert Brooke, a terra de Seyros onde nascem tomilhos e papoulas, há um punhado de poesia "that is for ever England".

Alguns anos depois da morte de Brooke a Universidade de Yale conferiu-lhe o premio Howland de literatura. A proclamação official estava assim redigida: "Numa ilha do mar Egeu, á sombra de oliveiras e ao som da voz do mar jaz enterrado um jovem inglês, poeta e soldado, morto a caminho de Gallipoli. A Rupert Brooke, patriota e poeta, confere-se este ano o premio Howland".

Uma vida gloriosa que está á espera de biógrafos...





Gracioso grupo, representando os 21 Estados do Brasil, numa expressiva homenagem ao Prefeito Possidonio, no dia em que se inauguraram vários melhoramentos publicos em Pedreiras

de viagem sentiu Québec como a cidade que tinha "a radiossidade e o repouso de quem é imortal."

Dizem que nem o próprio R. L. Stevenson conseguiu despertar entre os que o rodeavam, tanto entusiasmo como Brooke — esse poeta que amigos íntimos julgavam poder definir sinteticamente com a palavra **vivid**.

Veiu a Grande Guerra. Rupert se alistou na "Hood Batta Lion" da Real Divisão Naval e tomou parte naquela desastrosa expedição à Antuérpia. Dentro em pouco teve o seu batismo de fogo, permanecendo longamente nas trincheiras que os canhões germanicos bombardeavam à distancia. A esta experiência seguiu-se uma singular retirada noturna através de caminhos fantásticamente iluminados pelo clarão das cidades belgas incendiadas.

Foi nas trincheiras que o poeta-soldado escreveu os magníficos sonetos que fazem parte da série conhecida pelo nome — 1914.

A guerra amadureceu no espirito de Brooke a idéa da morte.

"The Soldier", talvez o mais grandioso dos sonetos aludidos, é uma profecia:

Si eu morrer, pensem só isto de mim:

Que há um recanto em campo estrangeiro  
Que será para sempre Inglaterra. E haverá  
Escondida naquela terra rica uma terra ainda  
mais rica...

E não chegou aos Dardanelos. Foi primeiro a Lemnos e depois ao Egito. Em abril caiu doente. Morreu num dia de primavera a bordo dum navio-hospital francês, em Seyros. Foi enterrado pela noitinha á luz de tochas, num bosque de oliveiras a pouca distancia do mar. Sobre a sepultura ficou uma cruz de madeira com o nome do poeta e a data de seu nascimento.

Cum se pressentira Rupert Brooke, a terra de Seyros onde nascem tomilhos e papoulas, há um punhado de poesia "that is for ever England".

Alguns anos depois da morte de Brooke a Universidade de Yale conferiu-lhe o premio Howland de literatura. A proclamação official estava assim redigida: "Numa ilha do mar Egeu, á sombra de oliveiras e ao som da voz do mar jaz enterrado um jovem inglês, poeta e soldado, morto a caminho de Gallipoli. A Rupert Brooke, patriota e poeta, confere-se este ano o premio Howland".

Uma vida gloriosa que está á espera de biógrafos...





SANTA QUITERIA, em seus aspectos e em sua vida social. Pontes, escolas em festas, crianças felizes, eis um quadro apreciável desse município do Maranhão oriental. E' prefeito ali o sr. Edgar Barroso, cujos filhos, frêes interessantes garôtos veem-se neste clichê.





SANTA QUITERIA, em seus aspectos e em sua vida social. Pontes, escolas em festas, creanças felizes, eis um quadro apreciavel dêsse município do Maranhão oriental. E' prefeito ali o sr. Edgar Barroso, cujos filhos, frês interessantes garôtos veem-se neste clichê



# Cabôcla ambiciosa

Para minha netinha Conceição de  
Maria Pinto.

## FULGENCIO PINTO

Foi no mês de junho,  
A Ilha em festa se alegrava toda,  
Num borborinho de gente entusiasmada,  
Para ver o boi e a vaqueirama,  
Dançarem o Jongo com alucinação.

Que barulho de matracas e ferrinhos,  
Tinidos de viola,  
Ruidos de pandeiros,  
Batuques de Atabaque  
E Pererenga de repercussão!

Aqui uma fogueira,  
Ali outra fogueira,  
E a criançada brincando a Cirandinha,  
Com satisfação,  
Cercava as labaredas côr de ouro,  
Que iluminavam o pequeno povoado,  
Festejando o milagroso St. João.

Numa palhóca da beira do caminho,  
No terreiro capinado,  
O Zé da Farra sentado num banquinho,  
Pontejava com ternura o violão.  
De repente solfeja uma poesia,  
Do grande Catulo da Paixão Cearense.  
O primoroso poeta maranhense,  
Olhando o céu azul, distante,  
Crivado de diamante,  
De estrelas bordando no infinito,  
Um manto de veludo da constelação.  
E manda uma endeiça à namorada,  
Uma linda cabôcla do Matão,  
Que talvez áquela hora na janela,  
Da casa em que habita,  
Nessa doce meiguice de quem ama,  
Envia-lhe um beijo pelo pensamento,  
Num suspiro que lhe vem do coração.

Estará pensando nêle?  
Indaga a si mesmo o Zé da Farra.  
—Virá ou não?  
—Sim, ha de vir, não tarda, exclama convencido:  
A Benedita é uma môça de palavra,

E ademais fez promessa a St. João.  
E o matuto com calma,  
Continúa pronteando o violão.

Mas a cabôcla de alma apaixonada,  
Tão longe dali, não se contém,  
Fica febril, nervosa agoniada,  
Porque tem pressa dos carinhos de seu bem.  
Parece doida. Insatisfeita e arreliada,  
Vai á porta do casêbre, olha a estrada,  
Mas não vê ninguém.

E' que ela espera pelas cinco companheiras,  
E ha tempo que está pronta pra viagem.  
E fala: — O' meu Deus, porque não vem?  
A mãe lá de dentro lhe pergunta:  
Observando aquela excitação:

—Xi!... minha fia... o quê tu tem,



Raimundo Castelo Branco Galvão, residente em  
Santa Quitéria

# Cabôcla ambiciosa

Para minha netinha Conceição de  
Maria Pinto.

## FULGENCIO PINTO

Foi no mês de junho,  
A Ilha em festa se alegrava toda,  
Num borborinho de gente entusiasmada,  
Para ver o boi e a vaqueirama,  
Dançarem o Jongo com alucinação.

Que barulho de matracas e ferrinhos,  
Tinidos de viola,  
Ruidos de pandeiros,  
Batuques de Atabaque  
E Pererenga de repercussão!

Aqui uma fogueira,  
Ali outra fogueira,  
E a criançada brincando a Cirandinha,  
Com satisfação,  
Cercava as labaredas côr de ouro,  
Que iluminavam o pequeno povoado,  
Festejando o milagroso St. João.

Numa palhóca da beira do caminho,  
No terreiro capinado,  
O Zé da Farra sentado num banquinho,  
Pontejava com ternura o violão.  
De repente solfeja uma poesia,  
Do grande Catulo da Paixão Cearense.  
O primoroso poeta maranhense,  
Olhando o céu azul, distante,  
Crivado de diamante,  
De estrelas bordando no infinito,  
Um manto de veludo da constelação.  
E manda uma endeiça à namorada,  
Uma linda cabôcla do Matão,  
Que talvez áquela hora na janela,  
Da casa em que habita,  
Nessa doce meiguice de quem ama,  
Envia-lhe um beijo pelo pensamento,  
Num suspiro que lhe vem do coração.

Estará pensando nêle?

Indaga a si mesmo o Zé da Farra.

—Virá ou não?

—Sim, ha de vir, não tarda, exclama convencido:

A Benedita é uma môça de palavra,

E ademais fez promessa a St. João.  
E o matuto com calma,  
Continúa pronteando o violão.

Mas a cabôcla de alma apaixonada,  
Tão longe dali, não se contém,  
Fica febril, nervosa agoniada,  
Porque tem pressa dos carinhos de seu bem.  
Parece doida. Insatisfeita e arreliada,  
Vai á porta do casêbre, olha a estrada,  
Mas não vê ninguém.

E' que ela espera pelas cinco companheiras,  
E ha tempo que está pronta pra viagem.

E fala: — O' meu Deus, porque não vem?

A mãe lá de dentro lhe pergunta:

Observando aquela excitação:

—Xi!... minha fia... o quê tu tem,



Raimundo Castelo Branco Galvão, residente em  
Santa Quitéria



Ricebeste por acauso alguma letra!  
**Quem sabe si êsse tá de Zé da Farra,**  
**Não te fez oração da "Cabra Preta" ? !...**  
 E éla resmunga atarantada,  
 Culpando a companhia retardada.  
 Si soubesse da maçada,  
 Ainda não se havia preparado,  
 Nem botado o vestido de cambráia branca.  
 Como estava com êsse traje, tão bonita,  
 Nem parecia a mesma Benedita!  
 Trazia no côco um ramo de alecrim,  
 Três cravinas côr d'ê sangue, um maço de jasmim,  
 Uma rosa Todo-Ano, um bogari cheirôso,  
 E ao peito, num cordão de ouro do Porto,  
 Uma figa de azeviche,  
 Um cacho de cabêlo encastoadado,  
 Daquele cabêlo tão querido,  
 Que lhe deu de presente o namorado.

Eis que chegam as companheiras,  
 Com tanto estouvamento,  
 Com tanto barulhão,  
 Arrancando a linda Benedita.  
 A doce fantasia da meditação.

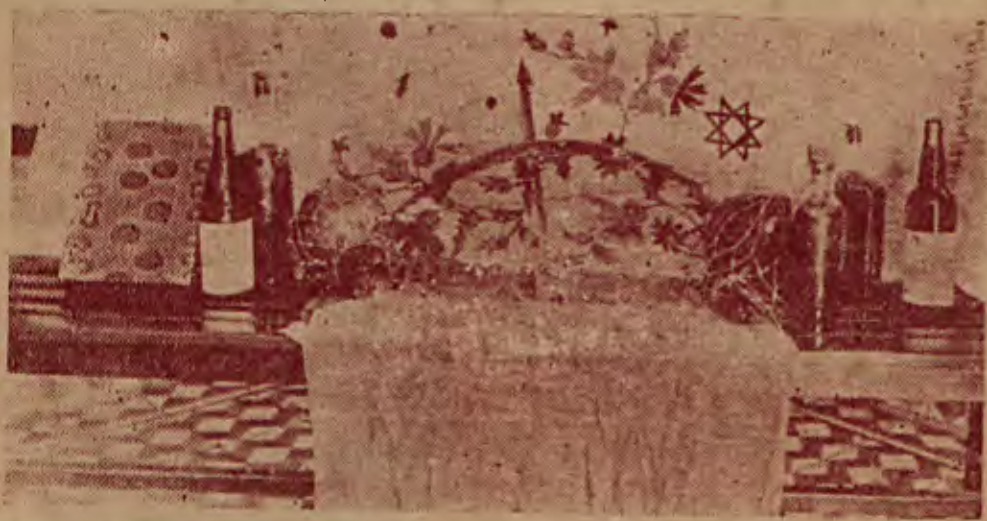
Segue com as outras, feliz e sorridente,  
 Toma a bênção para mamãe e parte.  
 Com a alma alegre como um passarinho,  
 Pensando no matuto Zé da Farra,  
 Ansiando por vê-lo tão contente,  
 Esperando-a na curva, do caminho.

Mas que arrelia!  
 Está lhe faltando alguma coisa,  
 Que lhe tolhe no momento a animação:

E a resposta de um segredo de mulher,  
 Da carta que escreveu ano passado,  
 Falando de amor,  
 De que fez Santo Antonio portador.  
 Para ser entregue a S. João,  
 Pedindo lhe apressasse o casamento,  
 Com aquêlo matuto cantador.

E Santo Antonio parece que esqueceu,  
 Nem uma linha sequer lhe respondeu...  
 Nem tão pouco falou com S. João,  
 No entretanto a Fisóca, sua visinha,  
 Que não foi ao trezenario de nha Lidia,  
 E não quiz aparecer na ladainha  
 Teve sorte, foi feliz, venceu!  
 Casou com um môço morador la no Timbóla,  
 Um sobrinho ricoço do major Tadeu!  
 E éla que fez muita promessa,  
 Comprou vêla, assistiu ao trezenario,  
 Orou pra Santo Antonio,  
 Porque foi que o Santo não atendeu! ?...

Encontram-se por fim, éla e o namorado,  
 Depois de tão longa caminhada.  
 Que alegria louca para a Benedita  
 Essa cabôcia de alma apaixonada!  
 Prendendo a mão dêle a sua mão,  
 Sente um imenso prazer,  
 Por ver-se juntinha ao homem feliz.  
 Que conseguiu dominar seu coração.  
 Guardada no seio, lhe tocando a pé,  
 Traz consigo escondida outra cartinha,  
 Essa é assimzinha. Bem pequenininha,  
 E leva um galho de mangiricão,  
 Que éla mesma, á meia noite em ponto,



**MACUMBA E PAGELANÇA** — Damos, aqui, nêste "clichê", vários aspectos de objectos apreendidos em uma sala de pagelança, pela policia local. Veem-se, ahi, toalhas bordadas com signos de Salomão, flôres sagradas de tajás, arcos e flechas, maracás, e garrafas de vegetais e cachaça

Ricebeste por acauso alguma letra!  
**Quem sabe si êsse tá de Zé da Farra,**  
**Não te fez oração da "Cabra Preta" ? !...**  
 E éla resmunga atarantada,  
 Culpando a companhia retardada.  
 Si soubesse da maçada,  
 Ainda não se havia preparado,  
 Nem botado o vestido de cambráia branca.  
 Como estava com êsse traje, tão bonita,  
 Nem parecia a mesma Benedita!  
 Trazia no côco um ramo de alecrim,  
 Três cravinas côr d'ê sangue, um maço de jasmim,  
 Uma rosa Todo-Ano, um bogari cheirôso,  
 E ao peito, num cordão de ouro do Porto,  
 Uma figa de azeviche,  
 Um cacho de cabêlo encastoadô,  
 Daquêle cabêlo tão querido,  
 Que lhe deu de presente o namorado.

Eis que chegam as companheiras,  
 Com tanto estouvamento,  
 Com tanto barulhão,  
 Arrancando a linda Benedita.  
 A doce fantasia da meditação.

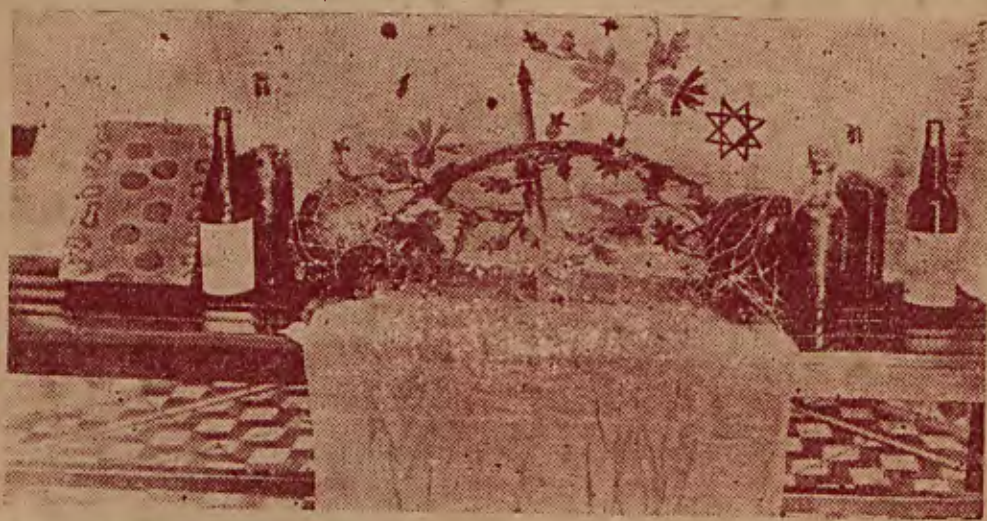
Segue com as outras, feliz e sorridente,  
 Toma a bênção para mamãe e parte.  
 Com a alma alegre como um passarinho,  
 Pensando no matuto Zé da Farra,  
 Ansiando por vê-lo tão contente,  
 Esperando-a na curva, do caminho.

Mas que arrelia!  
 Está lhe faltando alguma coisa,  
 Que lhe tolhe no momento a animação:

E a resposta de um segredo de mulher,  
 Da carta que escreveu ano passado,  
 Falando de amor,  
 De que fez Santo Antonio portador.  
 Para ser entregue a S. João,  
 Pedindo lhe apressasse o casamento,  
 Com aquêl matuto cantador.

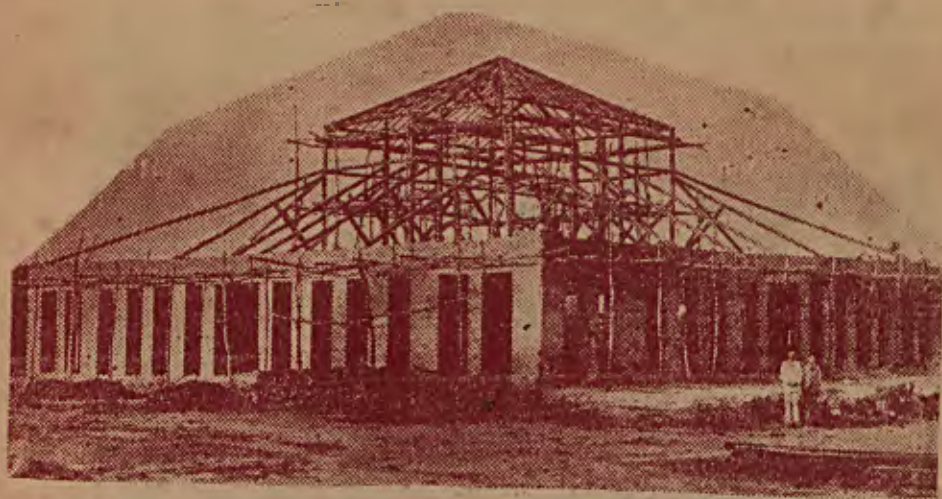
E Santo Antonio parece que esqueceu,  
 Nem uma linha sequer lhe respondeu...  
 Nem tão pouco falou com S. João,  
 No entretanto a Fisóca, sua visinha,  
 Que não foi ao trezenario de nha Lidia,  
 E não quiz aparecer na ladainha  
 Teve sorte, foi feliz, venceu!  
 Casou com um môço morador la no Timbóla,  
 Um sobrinho ricaço do major Tadeu!  
 E éla que fez muita promessa,  
 Comprou vêla, assistiu ao trezenario,  
 Orou pra Santo Antonio,  
 Porque foi que o Santo não atendeu! ?...

Encontram-se por fim, éla e o namorado,  
 Depois de tão longa caminhada.  
 Que alegria louca para a Benedita  
 Essa cabôcia de alma apaixonada!  
 Prendendo a mão d'êle a sua mão,  
 Sente um imenso prazer,  
 Por ver-se juntinha ao homem felizado,  
 Que conseguiu dominar seu coração.  
 Guardada no seio, lhe tocando a pé,  
 Traz consigo escondida outra cartinha,  
 Essa é assimzinha. Bem pequenininha,  
 E leva um galho de mangiricão,  
 Que éla mesma, á meia noite em ponto,



**MACUMBA E PAGELANÇA** — Damos, aqui, nêste "clichê", vários aspectos de objectos apreendidos em uma sala de pagelança, pela policia local. Veem-se, ahi, toalhas bordadas com signos de Salomão, flôres sagradas de tajás, arcos e flechas, maracás, e garrafas de vegetais e cachaça





Mercado Municipal de Pedreiras, quando em construção

Vai deitar na primeira encruzilhada,  
 Numa touça de pindoba brava  
 Para ir direitinha a S. João.  
 Mas ouvindo o violão do Zé da Farra,  
 Parece que o instrumento assim lhe diz,  
 Falando no bordão:  
 —Mulher, toma cuidado,  
 Não vás sosinha á encruzilhada, não...  
 Lá tem alma doutro mundo em penitência,  
 A essa hora fazendo assombração.  
 Dirige o teu pedido a S. Martinho,  
 Deixa de lado o padre Santo Antonio,  
 Que éle agora tem muita ocupação.  
 Não sabes que êste Santo é um bom soldado,  
 Ademais um excelente Capitão,  
 E que comanda uma força marcial?  
 Nêste tempo de guerra traiçoeira,  
 Ele pensa unicamente em Portugal.  
 Porque não pedes tambem a S. Louguinho?  
 Mas precisa uma meiôta de tiquira,  
 E um pedaço de fumo baependi.  
 Junta êsses presentes com a cartinha  
 E atira tudo no fundo da lagôa,  
 Que fica do outro lado do baixão,  
 Que êles dois vão direito, sem tropêço,  
 Entregar tua missiva a S. João.

Si assim o violão aconselhou,  
 Tim por tim tim, a Benedita o fez.  
 Dormiu e sonhou,  
 E se esqueceu do Santo portuguez.  
 O sonho era lindo, encantador,  
 Um verdadeiro amor,  
 Satisfazendo toda sua ambição.  
 S. João lhe apareceu dormindo!...  
 Diz matuto crente, aqui da Ilha,  
 Que no seu dia, não se acorda o Santo,

Dêsse sono que êle tem, profundo,  
 Porque se êle acordam vira tudo em chama,  
 E' hem capaz de tocar fogo ao mundo.

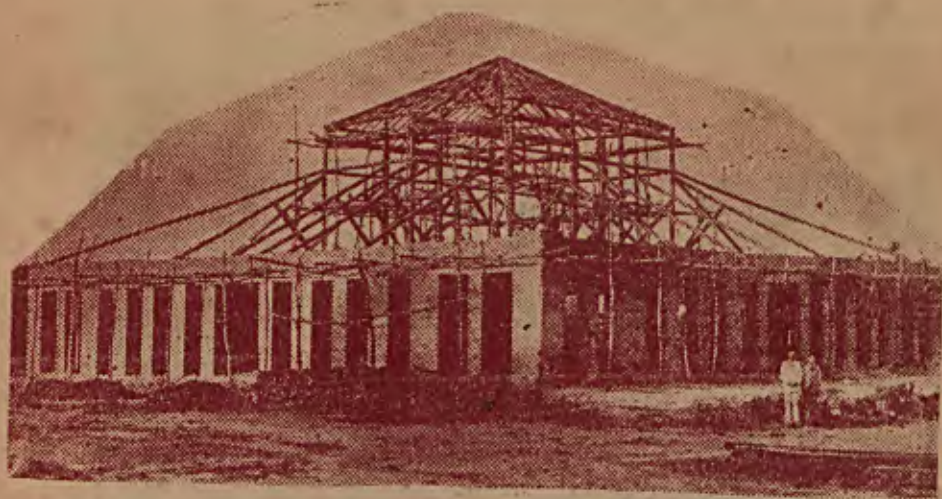
Ressonando o Santo lhe dissera:  
 —Tem calma, Benedita,  
 Não estragues por tão pouco o pensamento.  
 Récebi ainda agora o teu recado,  
 Rogando que te apresse o casamento.  
 Ano que vem, eu te prometo, filha,  
 Casar-te na capela do Turú,  
 Mas sob a condição,  
 De ora avante resares ladainha,  
 Com muita devoção,  
 E mandares buscar no Primirim,  
 O boi de nhô José da Conceição,  
 Com aquelas toadas de outro tempo,  
 Pra dançar de promessa a S. João.

\*\*\*

E a Benedita, satisfeita, acorda. E' de manhã.  
 Manhã de primavera redoirando a Ilha.  
 O sol na transparencia de sua luz maravilhosa,  
 Desenha imagens cosmorâmicas vestindo de esplendor,

A selva verdejante,  
 E, irradiando um diadema de ouro,  
 Nas comas coloridas da mata exuberante,  
 Vai incendiando os arvoredos virgens,  
 A campina orvalhada,  
 O palmeiral distante!

Ela fica contente,  
 Feliz e sorridente,  
 Exultante de satisfação.  
 Porque o Santo tão depressa lhe atendeu!  
 Falou consigo na porteira do quintal...



Mercado Municipal de Pedreiras, quando em construção

Vai deitar na primeira encruzilhada,  
 Numa touça de pindoba brava  
 Para ir direitinha a S. João.  
 Mas ouvindo o violão do Zé da Farra,  
 Parece que o instrumento assim lhe diz,  
 Falando no bordão:  
 —Mulher, toma cuidado,  
 Não vás sosinha á encruzilhada, não...  
 Ia tem alma doutro mundo em penitencia,  
 A essa hora fazendo assombrão.  
 Dirige o teu pedido a S. Martinho,  
 Deixa de lado o padre Santo Antonio,  
 Que éle agora tem muita ocupação.  
 Não sabes que este Santo é um bom soldado,  
 Ademais um excelente Capitão,  
 E que comanda uma força marcial?  
 Neste tempo de guerra traiçoeira,  
 Ele pensa unicamente em Portugal.  
 Porque não pedes também a S. Louguinho?  
 Mas precisa uma meióta de tiquira,  
 E um pedaço de fumo baependi.  
 Junta esses presentes com a cartinha  
 E atira tudo no fundo da lagôa,  
 Que fica do outro lado do baixão,  
 Que éles dois vão direito, sem tropêço,  
 Entregar tua missiva a S. João.

Si assim o violão aconselhou,  
 Tim por tim tim, a Benedita o fez.  
 Dormiu e sonhou,  
 E se esqueceu do Santo portuguez.  
 O sonho era lindo, encantador,  
 Um verdadeiro amor,  
 Satisfazendo toda sua ambição.  
 S. João lhe apareceu dormindo!...  
 Diz matuto crente, aqui da Ilha,  
 Que no seu dia, não se acorda o Santo,

Dêsse sono que éle tem, profundo,  
 Porque se lhe acordam vira tudo em chama,  
 E' bem capaz de tocar fogo ao mundo.

Ressonando o Santo lhe dissera:  
 —Tem calma, Benedita,  
 Não estragues por tão pouco o pensamento.  
 Récebi ainda agora o teu recado,  
 Rogando que te apresse o casamento.  
 Ano que vem, eu te prometo, filha,  
 Casar-te na capela do Turú,  
 Mas sob a condição,  
 De ora avante resares ladainha,  
 Com muita devoção,  
 E mandares buscar no Primirim,  
 O boi de nhô José da Conceição,  
 Com aquelas toadas de outro tempo,  
 Pra dançar de promessa a S. João.

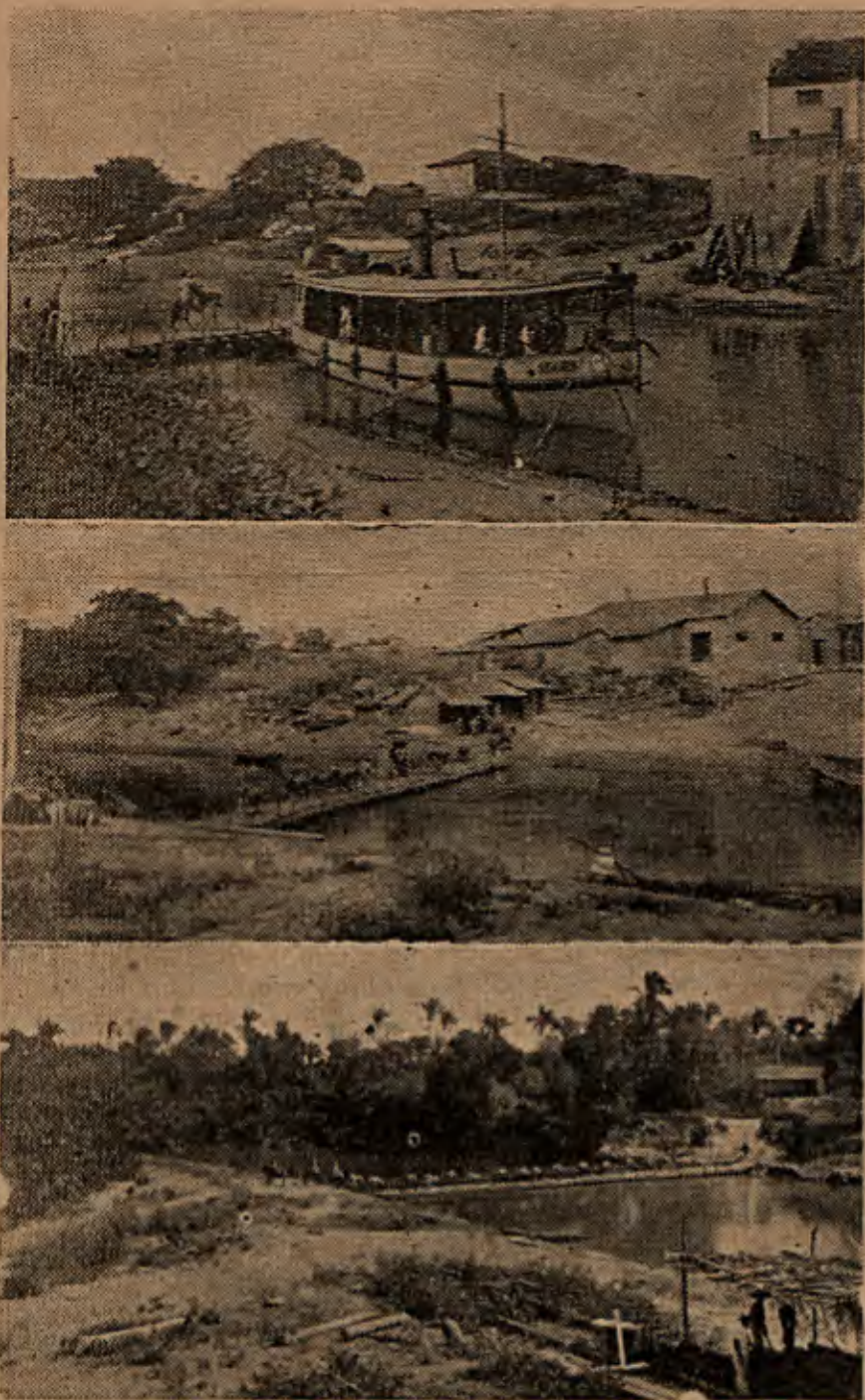
\*\*\*

E a Benedita, satisfeita, acorda. E' de manhã.  
 Manhã de primavera redoirando a Ilha.  
 O sol na transparencia de sua luz maravilhosa,  
 Desenha imagens cosmorâmicas vestindo de esplendor,

A selva verdejante,  
 E, irradiando um diadema de ouro,  
 Nas comas coloridas da mata exuberante,  
 Vai incendiando os arvoredos virgens,  
 A campina orvalhada,  
 O palmeiral distante!

Ela fica contente,  
 Feliz e sorridente,  
 Exultante de satisfação.  
 Porque o Santo tão depressa lhe atendeu!  
 Falou consigo na porteira do quintal...





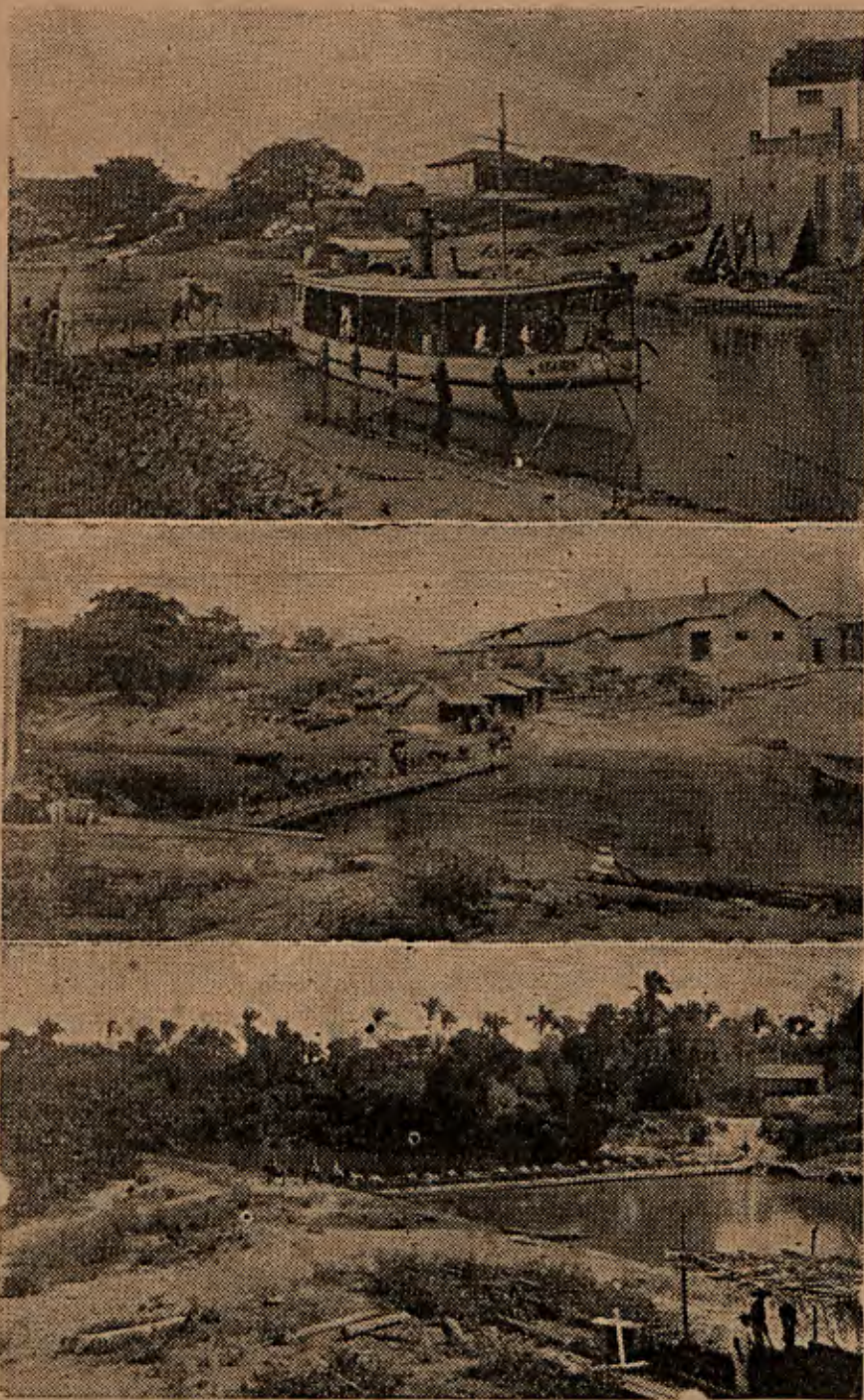
**CIDADE DE PEDREIRAS**, vendo-se aqui alguns aspectos da terra, o porto e o legendário rio Mearim, famoso pelas pororócas do rio Isô dos indigenas, que significa rio de águas pardas

Mas depois de sete dias, ô desilusão !  
Aconteceu-lhe um grande mal...  
O namorado fugiu com a Chica Bentivi,  
Uma cabôcla moradora no Gan-Gan,

E foi casar la no Mocajutuba,  
Depois de uma missa de papouco,  
Celebrada em louvor de S. Marçal !

junho de 1941.





**CIDADE DE PEDREIRAS**, vendo-se aqui alguns aspectos da terra, o porto e o legendário rio Mearim, famoso pelas pororócas do rio Isô dos indigenas, que significa rio de águas pardas

Mas depois de sete dias, ô desilusão !  
Aconteceu-lhe um grande mal...  
O namorado fugiu com a Chica Bentivi,  
Uma cabôcla moradora no Gan-Gan,

E foi casar la no Mocajutuba,  
Depois de uma missa de papouco,  
Celebrada em louvor de S. Marçal !

junho de 1941.



## PEDREIRAS, CIDADE SILENCIOSA ÀS MARGENS DO RIO "ISÔ"

Plantada às margens silenciosas do rio Mearim, o remansoso "Isô" dos indígenas, Pedreiras surge, em pleno coração das terras férteis da mais típica das regiões maranhenses, como uma das cidades mais expressivas de nossa hinterlandia.

Vem de muitos anos, ali, recolhida, quasi sem progresso, mais estatica do que dinamica, sentindo,

região do Mearim vale, em nosso quadro de possibilidades, como um dos nossos mais definidos eixos de economia.

Acentua-se, porém, ali, um dos fenomenos mais típicos de comércio. Pedreiras, a quando da safra, atrae, para os seus vários centros agricolas, uma verdadeira onda de comerciantes ambulantes.



**Sr. Possidonio de Souza Martins, digno Prefeito do municipio de Pedreiras**

no entanto, agora, os primeiros impulsos de uma arrancada mais energica, que a sincronize com os ritmos fortes do Brasil Novo.

Pedreiras representa, na comunhão maranhense, um dos mais energicos centros agricolas do Estado.

E' o emporio do algodão.

Um nucleo magnifico de comercio interno.

Terras privilegiadas e ricas de humus, aquela

De vários Estados procedem esses mascates modernos, que, durante os meses de comercio, ali permanecem, e, logo o inverno bate as portas sertanejas, esses arribam para os pontos mais afastados do nordeste.

As populações que se ganglionam no municipio de Pedreiras são de vários matizes. Dá-se mesmo ali um interessante caldeamento. Ha típicas povoações de agricultores e de comerciantes, gente



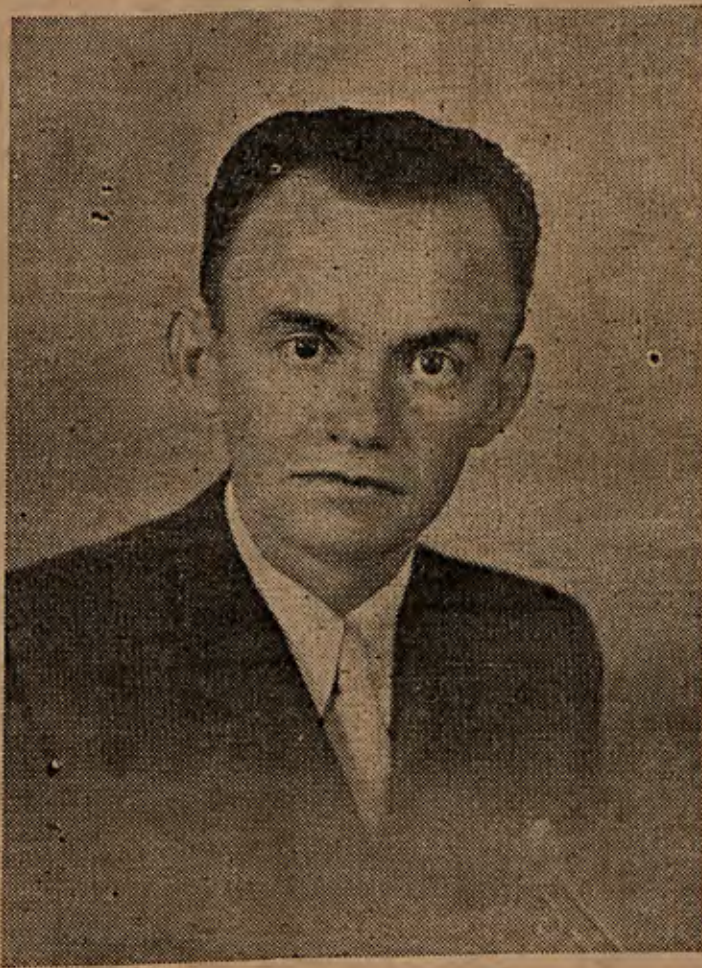
## PEDREIRAS, CIDADE SILENCIOSA ÀS MARGENS DO RIO "ISÔ"

Plantada às margens silenciosas do rio Mearim, o remansoso "Isô" dos indígenas, Pedreiras surge, em pleno coração das terras férteis da mais típica das regiões maranhenses, como uma das cidades mais expressivas de nossa hinterlandia.

Vem de muitos anos, ali, recolhida, quasi sem progresso, mais estatica do que dinamica, sentindo,

região do Mearim vale, em nosso quadro de possibilidades, como um dos nossos mais definidos eixos de economia.

Acentua-se, porém, ali, um dos fenomenos mais típicos de comércio. Pedreiras, a quando da safra, atrae, para os seus vários centros agricolas, uma verdadeira onda de comerciantes ambulantes.



**Sr. Possidonio de Souza Martins, digno Prefeito do municipio de Pedreiras**

no entanto, agora, os primeiros impulsos de uma arrancada mais energica, que a sincronize com os ritmos fortes do Brasil Novo.

Pedreiras representa, na comunhão maranhense, um dos mais energeticos centros agricolas do Estado.

E' o emporio do algodão.

Um nucleo magnifico de comercio interno.

Terras privilegiadas e ricas de humus, aquela

De vários Estados procedem esses mascates modernos, que, durante os meses de comercio, ali permanecem, e, logo o inverno bate as portas sertanejas, esses arribam para os pontos mais afastados do nordeste.

As populações que se ganglionam no municipio de Pedreiras são de vários matizes. Dá-se mesmo ali um interessante caldeamento. Ha típicas povoações de agricultores e de comerciantes, gente



# UM PEQUENO BATALHÃO



Luiz Henrique, Luiz Augusto, Luiz Fernando, Luiz Carlos, Maria Julia Rêgo, diletos filhos do casal Luiz Rêgo — d. Iná Rêgo

de todos os recantos do país. A situação é, no entanto, de abundância. Pedreiras é um centro rico, mau grado o flagício do impudismo e do tracomma que disima populações inteiras.

O rio Mearim, o mais antigo dos rios maranhenses, desce monotonamente, molhando com as suas águas pardas, aquelas terras fecundas, insidiosas, por vezes, sereno e calmo a maior parte dos meses, mas, também, sacudido, não raro pelo fenómeno das pororócas que lhes estrondam nos talvegues secos e cheios de lodo, perturbando o silêncio humido das matas seculares...

A frente dos destinos de Pedreiras acha-se, agora, um prefeito operoso, o sr. Possidônio de Souza Martins, que dá à sua administração, rumos seguros.

Sente-se, felizmente, que a terra se anima, que o povo se retempera, que a vida se manifesta mais energética.

**ATHENAS,** que ali encontra um meio acolhedor, dá todo o seu amparo aos que fazem do município de Pedreiras um centro de trabalho e progresso.



Ponto sobre o riacho Insono, no município de Pedreiras, na rodovia Pedreiras — Coroatá, construída pelo prefeito Possidônio Martins

Ninguém se livra de sua sombra, como se não liberta da consciência.

COELHO NETO



# UM PEQUENO BATALHÃO



Luiz Henrique, Luiz Augusto, Luiz Fernando, Luiz Carlos, Maria Julia Rêgo, diletos filhos do casal Luiz Rêgo — d. Iná Rêgo

de todos os recantos do país. A situação é, no entanto, de abundância. Pedreiras é um centro rico, mau grado o flagício do impudismo e do traco-ma que disima populações inteiras.

O rio Mearim, o mais antigo dos rios maranhenses, desce monotonamente, molhando com as suas águas pardas, aquelas terras fecundas, insidioso, por vezes, sereno e calmo a maior parte dos meses, mas, também, sacudido, não raro pelo fenómeno das pororócas que lhes estrondam nos talvegues secos e cheios de lãge, perturbando o silêncio humido das matas seculares...

A frente dos destinos de Pedreiras acha-se, agora, um prefeito operoso, o sr. Possidônio de Souza Martins, que dá à sua administração, rumos seguros.

Sente-se, felizmente, que a terra se anima, que o povo se retempera, que a vida se manifesta mais energética.

**ATHENAS,** que ali encontra um meio acolhedor, dá todo o seu amparo aos que fazem do município de Pedreiras um centro de trabalho e progresso.



Ponto sobre o riacho Insono, no município de Pedreiras, na rodovia Pedreiras — Coroatá, construída pelo prefeito Possidônio Martins

Ninguém se livra de sua sombra, como se não liberta da consciência.

COELHO NETO



# A moda em Revista



Vestidos de passeio, em seda de cor lisa, enfeitado de bordados nos ombros e no busto. São três lindos modelos, que darão às nossas patricias muito donaire e elegancia



# A moda em Revista



Vestidos de passeio, em seda de cor lisa, enfeitado de bordados nos ombros e no busto. São três lindos modelos, que darão às nossas patricias muito donaire e elegancia





Numa tarde bonita estes vestidos darão elegância e "aplomb" às gentis patricinhas que os confeccionarem como estes modelos que lhes oferece ATHENAS. São feitos em lã fina e lisa. Os adornos são simples mas lhe dão muita graça. Uma tira e botões grandes; recortes e pequenos plissados na lapela e bolsos; peitilho branco, tudo magnífico, moderno, elegante.





Numa tarde bonita estes vestidos darão elegância e "aplomb" às gentis patricias que os confeccionarem como estes modelos que lhes oferece ATHENAS. São feitos em lã fina e lisa. Os adornos são simples mas lhe dão muita graça. Uma tira e botões grandes; recortes e pequenos plissados na lapela e bolsos; peitilho branco, tudo magnifico, moderno, elegante.





Eis aqui um modelo magnífico, todo elegante, feito ao rigor da moda e em excelente tecido, que dará às nossas gentis senhorinhas um donaireiro porte



Graça, elegancia, beleza, eis o que este modelo proporciona às mulheres do "set" maranhense que os adotarem





Eis aqui um modelo magnífico, todo elegante, feito ao rigor da moda e em excelente tecido, que dará às nossas gentis senhorinhas um dōnairoso porte



Graça, elegancia, beleza, eis o que este modelo proporciona às mulheres do "set" maranhense que os adotarem



# MELANCOLIA

Ao brilhante espírito de Antônio  
Pires Ferreira, meu diléto amigo, que  
sabe sentir as emoções da oração.

Chove... chove, a cantaros...

Que madrugada fria !...  
Será a Noite que chora  
com saudade da treva ? !...

Que manhã fria, brumosa !...  
Que manhã que me sugere  
u'a mulher perdida, pálida e triste,  
tiritando de frio,  
ao léu... ao léu...

Que dia frio, triste, cinzento !...  
Parece um Mura mestiço,  
todo atacado de febres,  
a gemer... a gemer...

Que Noite escura, negra, nanquim,  
cheia de trevas !...  
E' uma preta retinta, de azeviche,  
a chorar... a chorar,  
copiosamente,  
com saudade de alguém que a abandonou...

Não sei por que minha alma sente  
uma tristeza infinda,  
e sofre, e chora, e geme,  
e se confrange toda,  
quando a Natureza fica  
inteiramente  
imersa em copioso pranto !...

Será porque minha alma,  
nêsses dias de chuva,  
melhor compreende a infelicidade  
de ser viuva ? !...



O travesso Raimundo Ferdinand, dileto filhinho  
do sr. Raimundo João de Carvalho Antunes, juiz  
suplente em exercício, na vila de Humberto de  
Campos

## BARRA DO CORDA

Ao seu ilustre filho e atual diri-  
gente Joaquim Milhomem Sobrinho.

Desperta, ó Musa! As palpebras descerra...  
Olha bem alto, sôbre as verdes tranças,  
Como um sinal de paz e de bonanças,  
Alto cruzeiro em cima de uma serra !

E' minha terra-berço... E' minha terra !  
Cisne banhado pelas aguas mansas !...  
— Barra do Corda-ninho de esperanças,  
Esperanças de amor que amor encerra !...

O' minha terra !... O' rios de aguas claras,  
Dois ricos trancelins, curvos, revoltos,  
Jóias das jóias preciosas, raras !...

Barra do Corda-flôr em dois regaços...  
Loura princesa de cabelos soltos,  
Entrelaçada por divinos braços !...

Maio de 1941

ALCIMIRO SAINT CLAIR

OLIMPIO CRUZ

# MELANCOLIA

Ao brilhante espírito de Antonio  
Pires Ferreira, meu diléto amigo, que  
sabe sentir as emotividades da oração.

Chove... chove, a cantaros...

Que madrugada fria !...  
Será a Noite que chora  
com saudade da treva ? !...

Que manhã fria, brumosa !...  
Que manhã que me sugere  
u'a mulher perdida, pálida e triste,  
tiritando de frio,  
ao léu... ao léu...

Que dia frio, triste, cinzento !...  
Parece um Mura mestiço,  
todo atacado de febres,  
a gemer... a gemer...

Que Noite escura, negra, nanquim,  
cheia de trevas !...  
E' uma preta retinta, de azeviche,  
a chorar... a chorar,  
copiosamente,  
com saudade de alguém que a abandonou...

Não sei por que minha alma sente  
uma tristeza infinda,  
e sofre, e chora, e geme,  
e se confrange toda,  
quando a Natureza fica  
inteiramente  
imersa em copioso pranto !...

Será porque minha alma,  
nêsses dias de chuva,  
melhor compreende a infelicidade  
de ser viuva ? !...



O travesso Raimundo Ferdinand, dileto filhinho  
do sr. Raimundo João de Carvalho Antunes, juiz  
suplente em exercicio, na vila de Humberto de  
Campos

## BARRA DO CORDA

Ao seu ilustre filho e atual diri-  
gente Joaquim Milhomem Sobrinho.

Desperta, ó Musa! As palpebras descerra...  
Olha bem alto, sôbre as verdes tranças,  
Como um sinal de paz e de bonanças,  
Alto cruzeiro em cima de uma serra !

E' minha terra-berço... E' minha terra !  
Cisne banhado pelas aguas mansas !...  
—Barra do Corda-ninho de esperanças,  
Esperanças de amor que amor encerra !...

O' minha terra !... O' rios de aguas claras,  
Dois ricos trancelins, curvos, revoltos,  
Jóias das jóias preciosas, raras !...

Barra do Corda-flôr em dois regaços...  
Loura princesa de cabelos soltos,  
Entrelaçada por divinos braços !...

Maio de 1941

ALCIMIRO SAINT CLAIR

OLIMPIO CRUZ

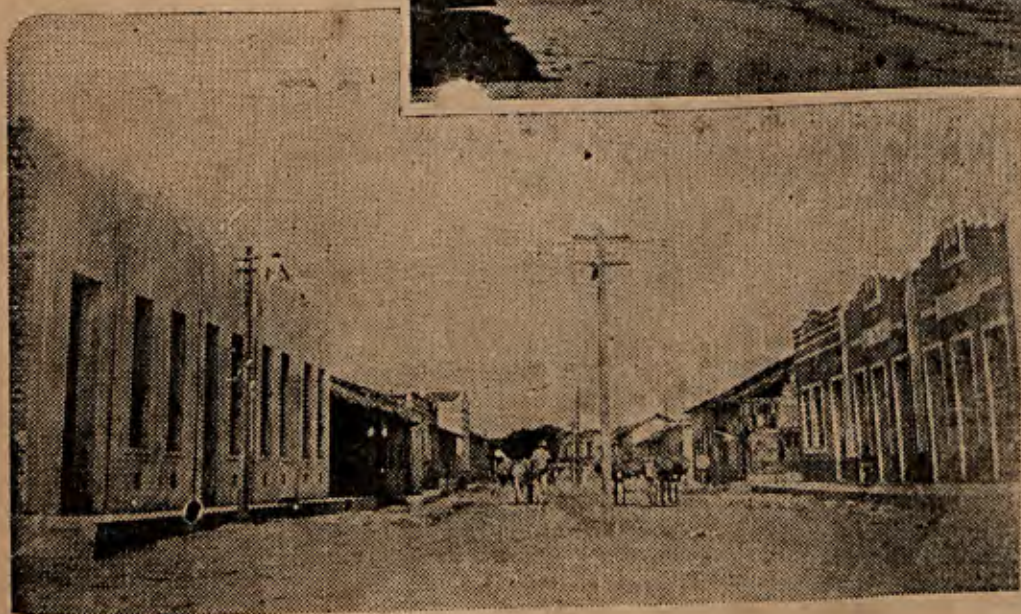


VÁRIOS ASPECTOS DA CIDADE  
DE PEDREIRAS, CENTRO DOS  
MAIS RICOS DO MEARIM, EM-  
PORIO DO ALGODÃO. VÊM-SE  
AÍ TRECHOS DA RUA MARIANO  
LISBOA, EM QUE SE DESTACAM  
A CASA MATRIZ DA FIRMA J.  
MORAES RÉGO & CIA. LTDA. E  
OUTROS PREDIOS DA CIDADE.





VÁRIOS ASPECTOS DA CIDADE  
DE PEDREIRAS, CENTRO DOS  
MAIS RICOS DO MEARIM, EM-  
PORIO DO ALGODÃO. VÊM-SE  
AÍ TRECHOS DA RUA MARIANO  
LISBOA, EM QUE SE DESTACAM  
A CASA MATRIZ DA FIRMA J.  
MORAES RÉGO & CIA. LTDA. E  
OUTROS PREDIOS DA CIDADE.





## COMANDANTE MAGALHÃES DE ALMEIDA



O travesso Celso Carvalho, dileto filho do sr. José dos Santos Carvalho, diretor da Biblioteca Pública e de sua esposa, sra. Ifigenia da Silva Carvalho, que a 7 do corrente, festejou o seu aniversário natalício

Abrimos colunas festivas para o transcurso do aniversário natalício do nosso ilustre amigo comandante Magalhães de Almeida, cujo feliz evento se registrará no dia 28 de julho.

Figura de pról de nossa terra, grande amigo de sua gente, e de sua gleba natal, o digno natalício desfrutará, em todo o Estado, de numerosos amigos e admiradores.

Ex-governador do Maranhão, várias vezes seu representante no Senado e na Câmara do país, o comandante Magalhães de Almeida, sempre se revelou um espírito preocupado com os altos interesses maranhenses.

Pela data feliz, **ATHENAS** antecipa seus cordiais cumprimentos ao presado amigo e digno estadano.



Município de Pedreiras: Ponte de cimento armado, construída pelo atual prefeito Possidônio Martins



## COMANDANTE MAGALHÃES DE ALMEIDA



O travesso Celso Carvalho, dileto filho do sr. José dos Santos Carvalho, diretor da Biblioteca Pública e de sua esposa, sra. Ifigenia da Silva Carvalho, que a 7 do corrente, festejou o seu aniversário natalício

Abrimos colunas festivas para o transcurso do aniversário natalício do nosso ilustre amigo comandante Magalhães de Almeida, cujo feliz evento se registrará no dia 28 de julho.

Figura de pról de nossa terra, grande amigo de sua gente, e de sua gleba natal, o digno nataliciante desfruta, em todo o Estado, de numerosos amigos e admiradores.

Ex-governador do Maranhão, várias vezes seu representante no Senado e na Câmara do país, o comandante Magalhães de Almeida, sempre se revelou um espírito preocupado com os altos interesses maranhenses.

Pela data feliz, **ATHENAS** antecipa seus cordiais cumprimentos ao presado amigo e digno estadano.



Município de Pedreiras: Ponte de cimento armado, construída pelo atual prefeito Possidônio Martins





No dia do juramento à Bandeira, pelos recrutas de 1940, no Quartel Novo do 24 B/C. Vêm-se, aí, o Interventor Federal, entre o comandante da Guarnição cel Bandeira de Melo e o comandante do Batalhão tenente-coronel Flávio Bezerra Cavalcante; o dr. Secretario Geral, oficiais do 24 B/C e representantes da imprensa

## Fim de romance

Querido.

Ha dois dias apenas que partiste e o meu coração anseia por ti.

Relembro com profunda saudade, teus beijos, teus carinhos.

Meu pensamento não te deixa um só momento, meu amor.

Tua imagem surge a cada momento em minha frente, nitida, embriagadora, avivando assim minha dor.

Percebi meu adorado, que ficaste um pouco admirado e decepcionado, quando rompestes comigo. e eu nada disse.

Não compreendeste, e nem o podias, a dor atroz que senti, a angustia louca que se apoderou de todo meu ser...

Embora esperando esse desfecho que abateu todos os meus anhelos de felicidade, a realidade brusca foi muito dolorosa.

Apenas sorri... Mas... esse sorriso continha todo o fel, toda a desilusão de um grande amor traído.

Disseste "fala"... continuei sorrindo... não quis dar-te o espetáculo de lagrimas ardentes e de uma voz trémula. Não quis te ver sorrir. Os olhos e a voz que dizias amar por serem alegres e brincalhões, tornaram-se triste e enevoados.

Contigo levaste o que eu possuía de melhor. Deixaste apenas a desilusão, a saudade e a revolta.

Sinto que vou tornar-me má. Tenho impétos de ferir, de maltratar os outros, no desejo louco de esquecer, de afastar de mim esta tortura que sei, me matará lentamente.

E não entanto, caprichos do amor, desejo-te felicidades, desejo que encontres a esposa que idealizas, e que ela seja para ti tudo o que o destino máu me negou.

E talvez com o correr dos anos, meu sofrimento mitigado, ainda possa olhar, tens filhos com carinho, pedindo a Deus que os preserve do sofrimento que hoje enche toda minha vida...

Rio, 19-5-41

CONCY STORRY





No dia do juramento à Bandeira, pelos recrutas de 1940, no Quartel Novo do 24 B/C. Vêm-se, aí, o Interventor Federal, entre o comandante da Guarnição cel Bandeira de Melo e o comandante do Batalhão tenente-coronel Flávio Bezerra Cavalcante; o dr. Secretario Geral, oficiais do 24 B/C e representantes da imprensa

## Fim de romance

Querido.

Ha dois dias apenas que partiste e o meu coração anseia por ti.

Relembro com profunda saudade, teus beijos, teus carinhos.

Meu pensamento não te deixa um só momento, meu amor.

Tua imagem surge a cada momento em minha frente, nitida, embriagadora, avivando assim minha dor.

Percebi meu adorado, que ficaste um pouco admirado e decepcionado, quando rompestes comigo. e eu nada disse.

Não compreendeste, e nem o podias, a dor atroz que senti, a angustia louca que se apoderou de todo meu ser...

Embora esperando esse desfecho que abateu todos os meus anhelos de felicidade, a realidade brusca foi muito dolorosa.

Apenas sorri... Mas... esse sorriso continha todo o fel, toda a desilusão de um grande amor traído.

Disseste "fala"... continuei sorrindo... não quis dar-te o espetáculo de lagrimas ardentes e de uma voz trémula. Não quis te ver sorrir. Os olhos e a voz que dizias amar por serem alegres e brincalhões, tornaram-se triste e enevoados.

Contigo levaste o que eu possuía de melhor. Deixaste apenas a desilusão, a saudade e a revolta.

Sinto que vou tornar-me má. Tenho impétos de ferir, de maltratar os outros, no desejo louco de esquecer, de afastar de mim esta tortura que sei, me matará lentamente.

E no entanto, caprichos do amor, desejo-te felicidades, desejo que encontres a esposa que idealizas, e que ela seja para ti tudo o que o destino mau me negou.

E talvez com o correr dos anos, meu sofrimento mitigado, ainda possa olhar, tens filhos com carinho, pedindo a Deus que os preserve do sofrimento que hoje enche toda minha vida...

Rio, 19-5-41

CONCY STORRY



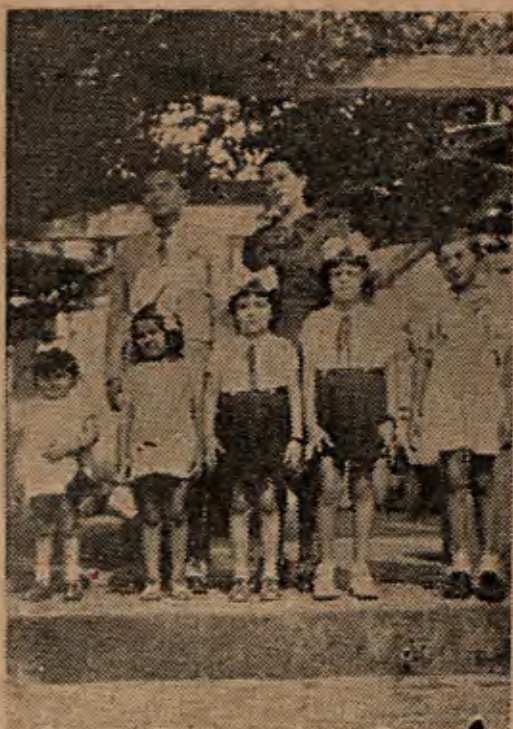
## D. CARLOS CARMELO



Transcorrerá a 16 de julho próximo o aniversário natalício de s. excia. revma. d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, digno Arcebispo da nossa Arquidiocese.

O ilustre prelado receberá, nêsse dia, as justas homenagens dos católicos maranhenses, que têm no digno Metropolita um antistite culto e de elevadas qualidades no cumprimento de seu munus arquiépiscopal.

**ATHENAS** saúda e cumprimenta a s. excia. pelo feliz evento.



Sr. Jorge Alencar, coletor federal em Codó, ladeado pela sua esposa d. Dalila Alencar e seus filhos, Oswaldo, Zany, Marlene, Arysínede, Terezinha, no dia de seu aniversário de casamento.



Mesa de dôce oferecida ao padre Josá Ribamar Raposo, no dia de seu aniversário



## D. CARLOS CARMELO



Transcorrerá a 16 de julho próximo o aniversário natalício de s. excia. revma. d. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, digno Arcebispo da nossa Arquidiocese.

O ilustre prelado receberá, nêsse dia, as justas homenagens dos católicos maranhenses, que têm no digno Metropolita um antistite culto e de elevadas qualidades no cumprimento de seu munus arquiépiscopal.

**ATHENAS** saúda e cumprimenta a s. excia. pelo feliz evento.



Sr. Jorge Alencar, coletor federal em Codó, ladeado pela sua esposa d. Dalila Alencar e seus filhos, Oswaldo, Zany, Marlene, Arysinéde, Terezinha, no dia de seu aniversário de casamento.



Mesa de dôce oferecida ao padre Josá Ribamar Raposo, no dia de seu aniversário



## PROF. LUIZA SILVA

Causou profundo pesar a morte prematura da prof.<sup>a</sup> Luiza Silva, um dos mais brilhantes espíritos da nova geração de educadoras maranhenses.



Filha do falecido Alfredo Alterêdo da Silva e de D. Elvira Silva a extinta faria 18 anos a 17 de junho. A propósito publicamos o soneto abaixo da autoria do poeta Apolinário Carvalho, escrito no dia do nascimento da desventurada falecida há pouco tempo no Rio.

## ANTE UM BERÇO

A' Luizinha, primogenita do meu  
amigo Alfrêdo Alterêdo da Silva.

Como o lírio odorante desbrochado  
Pelo sôpro das auras matutinas,  
Eu te vejo feliz sob as cortinas  
Do teu berço gracil e perfumado.

Não sei pôr qual razão fico inspirado.  
Ante o berço em que alegre te reclinas,  
Que rescende tão bem como as boninas  
E é mais lindo que o céu todo estrelado.

Não sei... Mas tu, escrínio de fragrancia,  
Me inspiras tanto que em teus olhos vejo.  
Os róseos sonhos da saudosa infância!

E se um dia me leres, flôr dilêta,  
Em cada um verso encontrarás um beijo.  
Em cada rima o coração do poeta.

## DRA. CONCEIÇÃO DOS PRAZERES

E'-nos grato homenagear aqui a distinta médica maranhense dra. Conceição os Prazeres, que



acaba de se formar em Belem do Pará, após um curso brilhante.

A ilustre coestadana é filha de nosso presado amigo e confrade dr. Durval dos Prazeres e de sua falecida esposa a educadora maranhense d. Henriqueta Souza Alvares dos Prazeres.

A dra. Conceição dos Prazeres, que nasceu na cidade de Barreirinhas, fez os seus estudos, aqui na Escola Modelo, e no Liceu Maranhense, revelando-se sempre aluna distinta. Matriculando-se na Faculdade de Medicina fez curso brilhante e agora formada breve virá em visita á sua família, regressando depois para Belem, onde vai clinicar.

**ATHENAS** envia á distinta medica seus saudaes e felicitações pela sua formatura.

Aprenda a escutar, a raciocinar, a duvidar de si mesmo e a pesar as opiniões de outrem — eis a mais aproveitável como a mais fácil ciência, por que ela depende apenas de pequeno esforço de vontade. — **XXX**

Tudo o que tem origem no capricho de momento, passa como um capricho. O que a moda faz a moda desfaz. — **Renan**



## PROF. LUIZA SILVA

Causou profundo pesar a morte prematura da prof.<sup>a</sup> Luiza Silva, um dos mais brilhantes espíritos da nova geração de educadoras maranhenses.



Filha do falecido Alfredo Alterêdo da Silva e de D. Elvira Silva a extinta faria 18 anos a 17 de junho. A propósito publicamos o soneto abaixo da autoria do poeta Apolinário Carvalho, escrito no dia do nascimento da desventurada falecida há pouco tempo no Rio.

### ANTE UM BERÇO

A' Luizinha, primogenita do meu  
amigo Alfrêdo Alterêdo da Silva.

Como o lírio odorante desbrochado  
Pelo sôpro das auras matutinas,  
Eu te vejo feliz sob as cortinas  
Do teu berço gracil e perfumado.

Não sei pôr qual razão fico inspirado.  
Ante o berço em que alegre te reclinas,  
Que rescende tão bem como as boninas  
E é mais lindo que o céu todo estrelado.

Não sei... Mas tu, escrínio de fragrancia,  
Me inspiras tanto que em teus olhos vejo.  
Os róseos sonhos da saudosa infância!

E se um dia me leres, flôr dilêta,  
Em cada um verso encontrarás um beijo.  
Em cada rima o coração do poeta.

## DRA. CONCEIÇÃO DOS PRAZERES

E'-nos grato homenagear aqui a distinta médica maranhense dra. Conceição os Prazeres, que



acaba de se formar em Belém do Pará, após um curso brilhante.

A ilustre coestadana é filha de nosso presado amigo e confrade dr. Durval dos Prazeres e de sua falecida esposa a educadora maranhense d. Henriqueta Souza Alvares dos Prazeres.

A dra. Conceição dos Prazeres, que nasceu na cidade de Barreirinhas, fez os seus estudos, aqui na Escola Modelo, e no Liceu Maranhense, revelando-se sempre aluna distinta. Matriculando-se na Faculdade de Medicina fez curso brilhante e agora formada breve virá em visita á sua família, regressando depois para Belém, onde vai clinicar.

**ATHENAS** envia á distinta medica seus saudaes e felicitações pela sua formatura.

---

Aprenda a escutar, a raciocinar, a duvidar de si mesmo e a pesar as opiniões de outrem — eis a mais aproveitável como a mais fácil ciência, por que ela depende apenas de pequeno esforço de vontade. — **XXX**

---

Tudo o que tem origem no capricho de momento, passa como um capricho. O que a moda faz a moda desfaz. — **Renan**





No alto: Maria Neide Martins, filhinha do sr. Possidonio Martins, Prefeito de Pedreiras; d Linalva de Lima Martins, esposa do sr. Possidonio Martins; sr. Waldemir Lima; em baixo, Paulinho e Nei Martins, todos filhos do Prefeito de Pedreiras

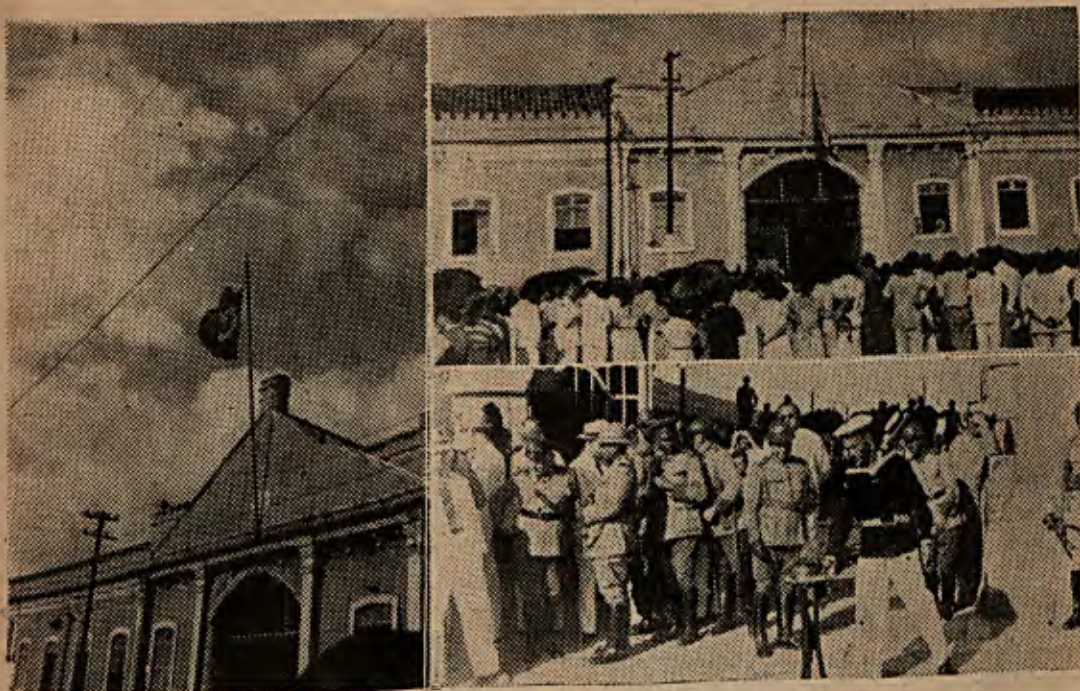




No alto: Maria Neide Martins, filhinha do sr. Possidonio Martins, Prefeito de Pedreiras; d Linalva de Lima Martins, esposa do sr. Possidonio Martins; sr. Waldevir Lima; em baixo, Paulinho e Nei Martins, todos filhos do Prefeito de Pedreiras



# QUARTEL DO CAMPO DE OURIQUE



A mudança do Batalhão 24 B/C para o seu novo Quartel, constituiu uma festa brilhante em S. Luiz. A saída da tropa do Quartel histórico do Campo de Ourique foi uma das mais belas manifestações de civismo do povo maranhense. Aqui, vemos três aspectos dessa festa de brasilidade. 1) o Quartel com o pavilhão Nacional hasteado; 2) A descida da Bandeira ao som do Hino cantado pela tropa e pelo povo; 3) cremação da bandeira do comando, vendo-se aí o Tenente-coronel Flavio Cavalcante, comandante do 24 B/C

- cionário da Fazenda Nacional, no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. Pádua Rezende, conceituado advogado no fôro desta capital;
- 15 — o sr. Claudio Brandt, membro do Departamento Administrativo do Estado;
- 16 — a exma. sra. d. Carmelita do Rêgo Monteiro, esposa do sr. dr. Lindolfo Rêgo Monteiro, Prefeito Municipal de Terezina;
- a senhorita Irene Furiati, filha do sr. Francisco Furiati, residente no Rio de Janeiro;
- a exma. sra. d. Maria do Carmo Sousa Santos, esposa do sr. dr. Joaquim Santos, digno juiz de Direito nesta capital;
- o jovem poeta Astor Raposo;
- 18 — o sr. Isidoro Aguiar, gerente da Empresa Matos, Aguiar & Cia. Ltda.;
- 19 — o sr. dr. Odorico Amaral de Matos, acreditado clínico nesta capital;
- a senhorita Maria de Lourdes Chaves, sobrinha do cel. Antonio Chaves;
- a exma. sra. d. Jesuina Matos, esposa do sr. dr. Juvencio Matos;
- a exma. sra. d. Adelia Azevedo, esposa do sr. dr. Crisanto Azevedo;
- a senhorinha Maria Julia, filha do sr. prof. Luiz Rêgo;
- 20 — o sr. Capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exército;
- a exma. sra. d. Maria Domingues da Silva Abreu, esposa do sr. Paulo Abreu;
- 21 — a exma. sra. d. Leuctres Nascimento Furtado, esposa do sr. Raimundo de Lima Furtado;



# QUARTEL DO CAMPO DE OURIQUE



A mudança do Batalhão 24 B/C para o seu novo Quartel, constituiu uma festa brilhante em S. Luiz. A saída da tropa do Quartel histórico do Campo de Ourique foi uma das mais belas manifestações de civismo do povo maranhense. Aqui, vemos três aspectos d'essa festa de brasilidade. 1) o Quartel com o pavilhão Nacional hasteado; 2) A descida da Bandeira ao som do Hino cantado pela tropa e pelo povo; 3) cremação da bandeira do comando, vendo-se aí o Tenente-coronel Flavio Cavalcante, comandante do 24 B/C

- cionário da Fazenda Nacional, no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. Pádua Rezende, conceituado advogado no fôro desta capital;
  - 15 — o sr. Claudio Brandt, membro do Departamento Administrativo do Estado;
  - 16 — a exma. sra. d. Carmelita do Rêgo Monteiro, esposa do sr. dr. Lindolfo Rêgo Monteiro, Prefeito Municipal de Terezina;
  - a senhorita Irene Furiati, filha do sr. Francisco Furiati, residente no Rio de Janeiro;
  - a exma. sra. d. Maria do Carmo Sousa Santos, esposa do sr. dr. Joaquim Santos, digno juiz de Direito nesta capital;
  - o jovem poeta Astor Raposo;
  - 18 — o sr. Isidoro Aguiar, gerente da Empresa Matos, Aguiar & Cia. Ltda.;
  - 19 — o sr. dr. Odorico Amaral de Matos, acreditado clínico nesta capital;
  - a senhorita Maria de Lourdes Chaves, so brinha do cel. Antonio Chaves;
  - a exma. sra. d. Jesuina Matos, esposa do sr. dr. Juvencio Matos;
  - a exma. sra. d. Adelia Azevedo, esposa do sr. dr. Crisanto Azevedo;
  - a senhorinha Maria Julia, filha do sr. prof. Luiz Rêgo;
  - 20 — o sr. Capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exército;
  - a exma. sra. d. Maria Domingues da Silva Abreu, esposa do sr. Paulo Abreu;
  - 21 — a exma. sra. d. Leuctres Nascimento Furtado, esposa do sr. Raimundo de Lima Furtado;



## PROF. JOAQUIM INACIO SERRA

Por entre as justas alegrias de sua família e o contentamento de seus amigos festejará o seu



27 — o sr. Plácido Camões, comerciante nesta capital;

28 — o sr. Alfredo Teixeira, residente no Rio de Janeiro;

29 — a menina Maria da Graça, filhinha do sr. des. Publio de Melo;

30 — o sr. dr. Manoel Bandeira de Melo, residente no Rio de Janeiro;

— o sr. José Joaquim Pinheiro, alto funcionário da Alfândega local;

31 — o sr. des. Barros e Vasconcelos;

— a menina Lysiane, filhinha do sr. des. Publio de Melo;

— o maestro Inacio Cunha.

## DR. LOURIVAL FONTES



aniversário no dia 16 de julho, o venerando professor Joaquim Inacio Serra, dileto pai de Astolfo Serra.

Figura respeitável do magisterio maranhense o digno professor receberá, pelo transcurso de seu aniversário, sinceros parabens.

**ATHENAS** cumprimenta-o.

22 — o sr. dr. Alarico Pachêco, conceituado clínico nesta capital;

— o menino Artur, filhinho do sr. dr. Aguiinaldo Castro, chefe do Serviço do Imposto sobre a Renda;

23 — o poeta Apolinário Carvalho;

— o sr. Herminio Belo, escrivão do registro civil nesta capital;

24 — o sr. Carlos Costa, funcionário do Banco do Estado;

— o sr. José Alvares Mendes, comerciante nesta capital;

25 — o sr. cel. Inácio do Lago Parga, presidente da Junta Comercial;

— o sr. Antonio Frasão, sócio da Farmácia Sanitária;

26 — a exma. sra. d. Ruth Aboud, esposa do sr. Cesar Aboud;

No dia 20 de julho próximo o eminente patriota dr. Lourival Fontes, diretor do DIP, festejará o seu aniversário natalício.

Nós intelectuais e jornalistas maranhenses enviamos, antecipadamente, ao digno diretor do Departamento de Propaganda e Imprensa, felicitações expressivas de nossa grande simpatia e profunda admiração pelas suas superiores qualidades de espírito, dos mais cultos do país.



## PROF. JOAQUIM INACIO SERRA

Por entre as justas alegrias de sua família e o contentamento de seus amigos festejará o seu



aniversário no dia 16 de julho, o venerando professor Joaquim Inacio Serra, dileto pai de Astolfo Serra.

Figura respeitavel do magisterio maranhense o digno professor receberá, pelo transcurso de seu aniversário, sinceros parabens.

**ATHENAS** cumprimenta-o.

22 — o sr. dr. Alarico Pachêco, conceituado clinico nesta capital;

— o menino Artur, filhinho do sr. dr. Agui-naldo Castro, chefe do Serviço do Impos-to sobre a Renda;

23 — o poeta Apolinário Carvalho;

— o sr. Herminio Belo, escrivão do registro civil nesta capital;

24 — o sr. Carlos Costa, funcionário do Banco do Estado;

— o sr. José Alvares Mendes, comerciante nesta capital;

25 — o sr. cel. Inácio do Lago Parga, presidente da Junta Comercial;

— o sr. Antonio Frasão, sócio da Farmacia Sanitária;

26 — a exma. sra. d. Ruth Aboud, esposa do sr. Cesar Aboud;

27 — o sr. Plácido Camões, comerciante nesta ca-pital;

28 — o sr. Alfredo Teixeira, residente no Rio de Janeiro;

29 — a menina Maria da Graça, filhinha do sr. des. Publio de Melo;

30 — o sr. dr. Manoel Bandeira de Melo, resi-dente no Rio de Janeiro;

— o sr. José Joaquim Pinheiro, alto funcioná-rio da Alfandega local;

31 — o sr. des. Barros e Vasconcelos;

— a menina Lysiane, filhinha do sr. des. Pu-blio de Melo;

— o maestro Inacio Cunha.

## DR. LOURIVAL FONTES



No dia 20 de julho próximo o eminente patri-cio dr. Lourival Fontes, diretor do DIP, feste-jará o seu aniversário natalicio.

Nós intelectuais e jornalistas maranhenses en-viamos, antecipadamente, ao digno diretor do De-partamento de Propaganda e Imprensa, felicita-ções expressivas de nossa grande simpatia e pro-funda admiração pelas suas superiores qualidades de espirito, dos mais cultos do país.



## ENLACE SOUZA BRAGA — ALVES PEDROSA



No dia 31 de maio ultimo realizou-se nesta Capital, o casamento civil e religioso, da dileta filha do sr. Joaquim de Sousa Braga, senhorita Consuêlo de Sousa Braga com o sr. Richelieu Pedrosa, fiscal de consumo federal, neste Estado. Serviram de paraninfos, por parte da noiva: sr. Joaquim de Sousa Braga e esposa; dr. Alarico Pachêco e esposa; sr. Sotero Gonçalves e esposa; sr. Tucidi-des Barbosa e d. Joaquina Nogueira de Sousa. Por parte do noivo o sr. Manuel Matias das Neves Filho; d. Celeste de Sousa Nunes; Joaquim Belchior e esposa; sra. Laura Ewerton, sr. José Carlos de Sousa Braga e esposa



## ENLACE SOUZA BRAGA — ALVES PEDROSA



No dia 31 de maio ultimo realizou-se nesta Capital, o casamento civil e religioso, da dileta filha do sr. Joaquim de Sousa Braga, senhorita Consuêlo de Sousa Braga com o sr. Richelieu Pedrosa, fiscal de consumo federal, neste Estado. Serviram de paraninfos, por parte da noiva: sr. Joaquim de Sousa Braga e esposa; dr. Alarico Pachêco e esposa; sr. Sotero Gonçalves e esposa; sr. Tucidi-des Barbosa e d. Joaquina Nogueira de Sousa. Por parte do noivo o sr. Manuel Matias das Neves Filho; d. Celeste de Sousa Nunes; Joaquim Belchior e esposa; sra. Laura Ewerton, sr. José Carlos de Sousa Braga e esposa



# CANHENHO SOCIAL

Aniversariam-se em julho próximo:

**Dias:**

- 2 — o jovem Alvaro da Silva Mota, sócio da "A Exposição" Ltda.;
- 4 — a exma. sra. d. Odessa Berniz Jorge, esposa do sr. Domingos de Freitas Jorge, sócio da firma Jorge & Santos;
- a exma. sra. d. Tereza Matos, esposa do sr. dr. Euclides Arruda Matos, gerente do Banco do Brasil;
- 5 — a professora Alice Pires, filha do nosso diretor J. Pires;
- a exma. sra. d. Maria Celeste Tavares, esposa do sr. capitão Anacleto Tavares;
- o sr. José Teixeira Rêgo, sócio da firma Abreu & Rêgo, atualmente no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. W. Castelo Branco, tesoureiro da Prefeitura Municipal de S. Luiz;
- o sr. cel. Artur Rodrigues Neves, diretor-secretário da Junta Comercial e superintendente do Banco do Estado;
- 6 — a menina Flávia Maria, filhinha do sr. dr. Odilon Soares;
- 7 — a exma. sra. d. Mariana Neves de Souza Botelho, esposa do sr. Delmiro Botelho;
- 10 — a menina Marly, filhinha do sr. dr. Raul Andrade;
- 11 — a senhorita Lucy Teixeira, dileta filha do sr. des. Teixeira Junior;
- a menina Mariinha, filha do sr. dr. José M. A. Saraiva;
- o sr. Antonio de Castro Barbosa, inspetor da Companhia de Seguros de Vida "A Sul America";
- o sr. João Novaes Guimarães Neto, alto funcionário da Delegacia Fiscal;

- o sr. Lauro Pacheco, comerciante nesta capital;
- 12 — a senhorita Sylvia Quadros, dileta filha do conceituado advogado dr. Soares de Quadros;
- 14 — o sr. dr. Carvalho Guimarães, alto funcionário do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. José Maria Mota Araujo, alto fun-

## D. FELIPE CONDURU PACHECO



A data de 20 de julho assinalará o aniversário de s. excia. revma. d. Felipe Conduru, bispo de Ilhéus.

Os seus amigos o cumprimentarão pela data, apressando-se **ATHENAS** a lhe traduzir aqui os seus votos de muita felicidade.



# CANHENHO SOCIAL

Aniversariam-se em julho próximo:

**Dias:**

- 2 — o jovem Alvaro da Silva Mota, sócio da "A Exposição" Ltda.;
- 4 — a exma. sra. d. Odessa Berniz Jorge, esposa do sr. Domingos de Freitas Jorge, sócio da firma Jorge & Santos;
- a exma. sra. d. Tereza Matos, esposa do sr. dr. Euclides Arruda Matos, gerente do Banco do Brasil;
- 5 — a professora Alice Pires, filha do nosso diretor J. Pires;
- a exma. sra. d. Maria Celeste Tavares, esposa do sr. capitão Anacleto Tavares;
- o sr. José Teixeira Rêgo, sócio da firma Abreu & Rêgo, atualmente no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. W. Castelo Branco, tesoureiro da Prefeitura Municipal de S. Luiz;
- o sr. cel. Artur Rodrigues Neves, diretor-secretário da Junta Comercial e superintendente do Banco do Estado;
- 6 — a menina Flávia Maria, filhinha do sr. dr. Odilon Soares;
- 7 — a exma. sra. d. Mariana Neves de Souza Botelho, esposa do sr. Delmiro Botelho;
- 10 — a menina Marly, filhinha do sr. dr. Raul Andrade;
- 11 — a senhorita Lucy Teixeira, dileta filha do sr. des. Teixeira Junior;
- a menina Mariinha, filha do sr. dr. José M. A. Saraiva;
- o sr. Antonio de Castro Barbosa, inspetor da Companhia de Seguros de Vida "A Sul America";
- o sr. João Novais Guimarães Neto, alto funcionário da Delegacia Fiscal;

- o sr. Lauro Pacheco, comerciante nesta capital;
- 12 — a senhorita Sylvia Quadros, dileta filha do conceituado advogado dr. Soares de Quadros;
- 14 — o sr. dr. Carvalho Guimarães, alto funcionário do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro;
- o sr. dr. José Maria Mota Araujo, alto fun-

## D. FELIPE CONDURÚ PACHECO



A data de 20 de julho assinalará o aniversário de s. excia. revma. d. Felipe Condurú, bispo oleito de Ilhéus.

Os seus amigos o cumprimentarão pela data, apressando-se **ATHENAS** a lhe traduzir aqui os seus votos de muita felicidade.



## MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.  
TINTAS, ARTEFACTOS NA-  
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de maie-  
raes para construcções — Fer-  
mentos para lavoura — Cha-  
cas de cobre, zinco, ferro, esta-  
do e chumbo — Telhas de fer-  
ro galvanizadas — Oleos, Verni-  
s, Tintas, Graxas, Arame liso,  
arranjas, Louças de Ferro es-  
maltado e alumnio

### FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320  
e 502 metros (metragem  
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS  
DISTRIBUIDORES

### NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173  
Maranhão — C. Postal, 95

## LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARÃES & SOBRINHO

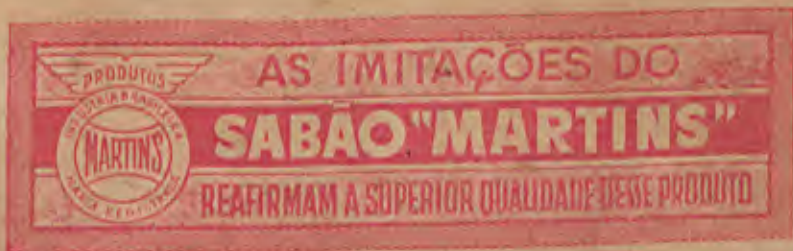
Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.  
1220 — Caixa Postal, 97 — S.  
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros esco-  
lares, direito, medicina e conta-  
bilidade.

Livros em branco, de todos os  
formatos, Romances de todos os  
estyllos, Livros de Historias para  
Crianças. Grande variedade em  
papeis, jornaes, encadernação,  
apergaminhado, de seda, gelati-  
nado, desenho, etc. Blocos diver-  
sos, Caixas de papel, Cartões  
em branco

Artigos para escriptorio e esco'a-  
res. Artigos proprios para  
— presentes —

Visite a LIVRARIA MODERNA



se deve apoderar da conversação como  
minio de que se seria o dono e do qual  
direito de excluir os outros; cumpre, ac-  
concoirer para que cada um tenha opor-  
tã de participar da mesma. -- Cicero

Erro, fonte de todos os erros, e que parece  
comum a todos os homens, é o de julgar a pala-  
vra em lugar da coisa; o que elles condemnarã  
sob uma demonstração muitas vezes aprovam sob  
uma outra. Malesherbes



## MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.  
TINTAS, ARTEFACTOS NA-  
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de maie-  
raes para construcções — Fer-  
mentos para lavoura — Cha-  
mas de cobre, zinco, ferro, esta-  
do e chumbo — Telhas de fer-  
ro galvanizadas — Oleos, Verni-  
s, Tintas, Graxas, Arame liso,  
arranjas, Louças de Ferro es-  
maltado e alumnio

### FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320  
e 502 metros (metragem  
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS  
DISTRIBUIDORES

### NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173  
Maranhão — C. Postal, 95

## LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARÃES & SOBRINHO

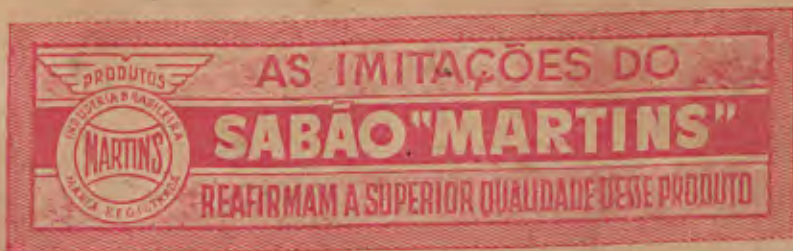
Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.  
1220 — Caixa Postal, 97 — S.  
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros esco-  
lares, direito, medicina e conta-  
bilidade.

Livros em branco, de todos os  
formatos, Romances de todos os  
estyllos, Livros de Historias para  
Crianças. Grande variedade em  
papeis, jornaes, encadernação,  
aperçaminhado, de seda, gelati-  
nado, desenho, etc. Blocos diver-  
sos, Caixas de papel, Cartões  
em branco

Artigos para escriptorio e esco'a-  
res. Artigos proprios para  
— presentes —

Visite a LIVRARIA MODERNA



se deve apoderar da conversação como  
minio de que se seria o dono e do qual  
direito de excluir os outros; cumpre, ac-  
concoirer para que cada um tenha opor-  
tude de participar da mesma. — Cicero

Erro, fonte de todos os erros, e que parece  
comum a todos os homens, é o de julgar a pala-  
vra em lugar da coisa; o que eles condemnar-  
sob uma demonstração muitas vezes aprovam sob  
uma outra. — Malesherbes



Que aroma  
delicioso...



DELIO SA'



Que aroma  
delicioso...



DELIO SA'







